

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA  
SOCIAL

PAULA FARIAS AKKARI

**VIVO ATÉ A MORTE:**  
**Ensaio sobre a identidade na velhice**

SÃO PAULO  
2023

**Paula Farias Akkari**

**VIVO ATÉ A MORTE:**

Ensaio sobre a identidade na velhice

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Social, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Pescatore Alves.

SÃO PAULO

2023

Paula Farias Akkari

VIVO ATÉ A MORTE:

Ensaio sobre a identidade na velhice

Dissertação apresentada à Banca examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como exigência parcial para obtenção do título de mestre em Psicologia Social, sob a orientação da Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Cecília Pescatore Alves.

Aprovada em: \_\_/\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Beltrina da Purificação da Côrte Pereira – PUC-SP

---

Prof. Dr. Wilson José Alves Pedro – UFSCar

## **CONDIÇÃO DE BOLSISTA**

Este trabalho está vinculado à pesquisa institucional intitulada *Impactos psicossociais e tecnologias sociais em territórios vulnerabilizados no contexto dos efeitos da pandemia* e aos objetivos da chamada CNPq MCTI nº 25/2020.

Para Antonio Ciampa, em memória.

## AGRADECIMENTOS

A escrita é apoiada e endereçada: espero estar à altura das apostas na minha.

Agradeço:

Ao CNPq, a viabilização deste trabalho.

Aos professores do Núcleo de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social: Maria das Graças Gonçalves, por aceitar minhas conclusões provisórias e me acompanhar nos exercícios de memória; Mary Jane Spinik, por abrir possibilidades de pesquisa e de investidas estéticas; Raul Pacheco, por presentes como a carta do Néstor Braunstein e a mensagem sobre o estágio, tão enternecedores em momentos em que só antevia angústia; e Salvador Sandoval, por me confiar liberdade e oferecer sugestões precisas.

À professora Cecília Pescatore, cara orientadora e querida amiga, cuja despreocupação precedeu meu merecimento. Muito devo, principalmente pela rara sorte de experiência que transcende a acadêmica – e por todos os meus erros, a despeito dos avisos e exemplos, me responsabilizo.

À professora Beltrina Côrte e ao professor Wilson Pedro, que generosamente aceitaram compor a banca e compartilhar seus conhecimentos.

Aos colegas do NEPIM, o enredamento e o companheirismo. Menciono nominalmente: Alfredo, Bruno, Cláudio, Felipe, Fiori, Gustavo, Juracy, Kaynã, Leandro, Matheus e Suélen.

Aos amigos, que sabem projetar aqui seus nomes e suas diversas contribuições.

Ao João Francisco, por me acossar com as perguntas mais importantes e proibir o contentamento.

Aos meus pais, a quem substituo palavras insuficientes pela promessa do futuro ao qual a vereda que possibilitaram conduz.

À D. e a todos velhos que escolheram (ou não) compor minha história.

Compreendi então: cumprira-se aquilo que eu sempre desejara – uma vida subtil, unida e invisível que o fogo celular das imagens devorava. Era uma vida que absorvera o mundo e o abandonara depois, abandonara a sua realidade fragmentada. Era compacta e limpa. Gramatical.

*Herberto Hélder*

## RESUMO

AKKARI, P. **Vivo até a morte**: ensaio sobre a identidade na velhice. 2023. 100f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2023.

Este estudo buscou compreender o processo de formação identitária do idoso à luz do sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto por Ciampa. O ponto de partida foi a incursão em sua teoria. Procedeu-se uma discussão acerca dos fundamentos da velhice – cujo denominador comum é a diminuição do intercurso com o mundo –, que contemplou um panorama condições materiais que a assentam, estando sob destaque a pandemia de Covid-19. A coleta de dados foi realizada por meio da narrativa de história de vida, abordada hermeneuticamente para explicitação de sentidos, personagens, contradições e fragmentos emancipatórios. Uma vez amalgamados os resultados, a conclusão apontou à constância metamórfica da feitura de quem se é.

**Palavras-chave:** Velhice; Identidade; Metamorfose; Narrativa.

## ABSTRACT

AKKARI, P. **Living until death**: na essay on identity in old age. 2023. XXX. Dissertation (Master in Social Psychology) – Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2023.

This study sought to understand the process of identity formation in the elderly in the light of the identity-metamorphosis-emancipation syntagm proposed by Ciampa. The starting point was an exploration of his theory. A discussion was held on the foundations of the old age – characterized by a decrease in interaction with the world –, which encompassed a panorama of material conditions that underpin it, with a particular emphasis on the Covid-19 pandemic. Data collection was carried out through the narrative of life stories, approached hermeneutically to elucidate meanings, characters, contradictions and emancipatory fragments. Once the results are amalgamated, the conclusion pointed to the incessantly metamorphic character of self-creation.

**Keywords:** Old age; Identity; Metamorphosis; Narrative.

## SUMÁRIO

|              |                                                  |    |
|--------------|--------------------------------------------------|----|
|              | <b>APRESENTAÇÃO</b> .....                        | 11 |
| <b>I.</b>    | <b>INTRODUÇÃO</b> .....                          | 14 |
| <b>II.</b>   | <b>IDENTIDADE</b> .....                          | 18 |
| <b>III.</b>  | <b>VELHICE</b> .....                             | 30 |
| <b>IV.</b>   | <b>PANDEMIA</b> .....                            | 25 |
| <b>V.</b>    | <b>METODOLOGIA</b> .....                         | 44 |
| <b>VI.</b>   | <b>HISTÓRIAS</b> .....                           | 48 |
|              | VI.I Vida vivida .....                           | 48 |
|              | VI. II Vida narrada .....                        | 60 |
| <b>VII.</b>  | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....                | 83 |
| <b>VIII.</b> | <b>REFERÊNCIAS</b> .....                         | 87 |
|              | <b>ANEXOS</b>                                    |    |
| I)           | Termo de consentimento livre e esclarecido ..... | 99 |

## APRESENTAÇÃO

*Você não escapará ao tema de sua vida.*  
Milan Kundera

Convencida por quem confio – orientadora e membros da banca – da conveniência de contar um pouco do percurso que culminou neste trabalho, além de seus componentes latentes, desconsidero a timidez. “Qualquer pesquisa tem bastidores”, foi dito na qualificação.

Esta dissertação teve início antes que eu pudesse prever sua unidade. Secches (2019) afirma que toda investigação começa com uma primeira leitura. Sei onde estava durante minha estreia na Psicologia Social, com o xerox de um texto da bibliografia de uma disciplina. A velhice apareceu nos livros desde a infância, quando personagens sábios ou bruxescos se misturavam às figuras dos seus criadores, alguns também velhos. Pouco distinguíveis, essas lembranças de *narrativas* antepõem-se à da dor ao emergir em uma orelha que constou Marcos Rey não só ser Edmundo Donato, como também falecido.

A caminho da biblioteca onde escrevi parte desta dissertação, encontrei na rua *O melhor das horas e da vida* (2014), dedicado à sua memória, presente de sua esposa. Ainda que durante esta pesquisa, este foi um dos muitos lidos à guisa de investigação pessoal, à qual dediquei o máximo desde 2019 – temerosa de cometer alguma injustiça, não os listarei. Uma busca dividida por tema – velhice, morte, luto – e gênero – autobiografia, ensaio, romance, poesia –, conjurada à biografia do autor, tem sido uma tarefa exaustiva; a decisão de consagrar parte dela em outra, o mestrado, uma sorte.

A condução à Psicologia foi prosaica: Yalom, hoje nonagenário, enlutado e ainda dedicado à não-ficção, conversou com uma adolescente. Em 2015 descobri movimentos sociais que instigaram a atenção ao que não se volta a desconhecer; em 2016 com a fenomenologia, tarde demais, mas com a aposta de que haveria mais tempo, *soube* da finitude. Quase nunca foi fácil olhar nos olhos do que gesta esses conteúdos – que, insisto, não é o fim, mas essa finitude; e a beleza não me salvou todas as vezes.

Quanto à velhice em si, não me contenho nenhuma explicação além de que *tudo se passa como se* (COSTA, 2021), proposição cujas mil possibilidades de

acabamento convergem na máxima de que morreremos. Talvez a resposta diminuta e parcial que é esta pesquisa exista porque assisto ao envelhecimento, do mais discreto ao veloz, meu, dos meus pais e de meus avós; porque os desmontes dos últimos anos e a pandemia de covid-19 foram massacres; porque meu tio me deu o exemplo do cuidado com velhos – seja rindo quando lhe contei isto, protagonizando histórias com parentes que não conheci, saindo de outros continentes a velórios, ou mesmo me confiando que o fim de uma prima velha, que reconheci em um recorte de jornal antigo, foi feliz –; porque tive encontros com minha bisavó nos quais parentes adultos caíam no choro; ou porque, antes de tudo, houve uma falta: a ausência de meus avós que pouco puderam envelhecer.

Descobrir o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Identidade-Metamorfose (NEPIM) foi o remate. Não é difícil se encantar por sua proposta:

Manter vivas as ideias uma Psicologia Social crítica, voltada para o cenário brasileiro e mantendo a interdisciplinariedade como um princípio. (...) As pesquisas do núcleo se direcionam às propostas acerca da identidade humana como metamorfose, analisando possibilidades e impedimentos de humanização na contemporaneidade, estudando, através das identidades, tanto aspectos “emancipatórios” quanto aspectos “regulatórios”. Assim, os objetivos congregam o estudo de produções simbólicas” considerando questões que abrangem ideologias, “discursos”, “narrativas”, “cosmovisões” e identificação de políticas de identidade emancipatórias frente a heterônomas (SANTOS, 2020).

A orientadora Cecília Pescatore foi minha professora de Modelos de investigação em 2017 – nossas aulas eram às manhãs de quarta-feira, hoje nos encontramos às tardes e noites do mesmo dia. Para muitos psicólogos, ela foi o primeiro referencial em pesquisa; e me ver com ela mais jovem e agora é uma confiança no meu amadurecimento. Conheci a obra de Ciampa no mesmo ano, o que não tardou, já que meus anos críticos à formação foram em tempos de primaveras dos movimentos de identidade.

O que foi feito com isso tudo em termos de produção consta em memorial acadêmico, o qual subscrevo, seja por revelar mais ou ser simplesmente convencional.

Cursei a graduação de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2016-2021). Todos os estágios que envolviam a velhice foram escolhidos: acolhimento à pessoa idosa na Clínica Ana Maria Poppovic, sob supervisão da professora Ruth Lopes (2020); atendimento presencial e acompanhamento do grupo

Tertúlia Literária na Unidade de Referência à Saúde do Idoso (URSI Geraldo de Paula Souza) (2021); e atendimento a sujeito idoso no CSEGPS (Centro de Saúde Escola Geraldo de Paula Souza), sob supervisão do professor Raul Pacheco.

Trabalhei na educação infantil do Colégio Pueri Domus (2019), onde tive a certeza de que meu lugar é na ponta da existência oposta àquela. Espero ter treinado escrita nas colaborações a InfoEscola (2019-2020), Colunas Tortas (2020), Homo Literatus (2020-2021) e Jornal140 (2019-2022). Fui voluntária no Escuta 60+, grupo de psicoterapeutas que realizou acolhimento gratuito de idosos via ligação durante a pandemia. Enviei artigos livres (23) para o Portal do Envelhecimento, encabeçado pela professora Beltrina Côrte. Contribuí a Antologias com textos literários sobre a velhice: *Vestígios em 2020, o ano que não terminou* (2020), *Taita e Maestro em Casa Gueto* (2022).

Atualmente, atuo em clínica particular (CRP: 06/178290) – se nesta chegam velhos, é por algo ressoar. Mantenho um perfil em rede social para, principalmente, divulgação de conteúdo e literatura sobre a velhice (@akkari.psi). Privilegio eventos da área, tendo comparecido recentemente ao Longeviver Portas Abertas/Brunch (setembro, 2022/fevereiro, 2023) e Longevidade Expo+Fórum (outubro, 2022). Realizei duas falas sobre velhice e trabalho a convite da Liga de Psicologia Social e do Trabalho da PUC-SP (agosto, 2022 e abril, 2023). Apresentei *A velhice na poesia brasileira* no IX Colóquio Internacional “Olhares sobre o Envelhecimento” (novembro, 2022, Universidade da Madeira), *Fantasma sai de cena: a velhice em Philip Roth* (janeiro, 2023, Universidade Federal de Paraíba), *A dimensão existencial da velhice* (abril, 2023, Anhanguera Taboão) e *Você não deve esquecer nada: a velhice segundo Philip Roth* (julho, 2023, XVIII ABRALIC).

Este trabalho foi inserido no Projeto Institucional de Pesquisa intitulado *Impactos Psicossociais e Tecnologias Sociais em Territórios Vulnerabilizados no Contexto dos Efeitos da Pandemia*, aprovado na Chamada CNPq e MCTI Nº 25/2020, e contou com 18 meses de bolsa. Os pressupostos orientadores de sua problematização estão fundamentados nos objetivos gerais da pesquisa institucional apresentada pelo Programa de Psicologia Social da PUC-SP: identificar e analisar aspectos psicossociais presentes em contextos vulneráveis agravados pela pandemia e seus desdobramentos para a organização das populações. Nesse contexto, o problema que se evidenciou foi circunscrito diante da realidade vivida pelos velhos, moradores em territórios vulneráveis em momento pandêmico, de modo que se

circundou os processos de construção de identidade como metamorfose, relativo à população idosa.

Sob risco de ter soado ora vagamente digressivo, ora protocolar, este registro foi envolvido por um difuso sentimento de gratidão pelos cursos e pelas lacunas que apontaram a uma inquietação inelutável que culminou, sem findar, em investigação. Se envelhecer, não me constrangerei com os ecos de juventude reconhecíveis neste mestrado que padeceu também dos prazos reduzidos: “cada obra pertence ao seu tempo” (ASSIS, 2021). Justamente, “escrevo para os dias em que já não estarei aqui. (...) Toda escrita é póstuma, no sentido de que vai ser transmitida por uma voz ausente” (PONTALIS, 2012, p. 41-42).

## I. INTRODUÇÃO

“Deves uma morte à natureza” (FREUD, 1984, p. 219). Mannoni (1995) relata que com esse verso Freud resumiu sua compreensão acerca do destino humano. Supersticioso, imaginava os 42 anos como seus últimos, passando a temer os 51 ao superar o marco, e depois, os 60; contudo, “consegui ir até o fim da tragédia da condição humana” (*idem*, p. 109) – cujas alternativas são “morrer prematuramente ou envelhecer” (BEAUVOIR, 1970, p. 247) –, vivendo a única etapa da vida que, por definição, é a precedente da morte.

Além de deixar sua experiência biográfica<sup>1</sup> à disposição da História, pôde também escrever sobre este capítulo último – do qual um dos primeiros tratados encontrados, *Saber envelhecer*, de Cícero (103-43 A.C), guarda uma sumarização que soa complementar à supracitada: “Somos sábios se seguimos a natureza como um deus, curvando-nos às suas coerções” (1997, p. 10).

Se entre filósofo e o psicanalista aconteceram universos, recortar o período do último à atualidade é viável. O tema que compartilharam, a consequência última da sujeição aos efeitos corrosivos do tempo, sob a roupagem da *velhice*, percorreu as artes e as escolas de pensamento – embora, mesmo o único que potencialmente recai sobre todos, não tenha estado sob os maiores holofotes.

“O interesse social para as questões do envelhecimento começou nos países desenvolvidos no começo do século XX, (...) e os dados demográficos denotavam uma pirâmide demográfica invertida” (SANTOS, MOREIRA & CERVENY, 2014); enquanto as considerações existenciais atingiram seu ápice em *A Velhice* (1970), de Beauvoir. Considerada triste por seus leitores, a autora encontrou na má recepção o apoio ao seu desejo: “quebrar a conspiração do silêncio” (p. 09) que mantinha a velhice invisibilizada. Ela enlaça a incoerência:

*Todos os homens são mortais: eles pensam nisso. Um grande número deles fica velho: quase nenhum encara com antecedência este avatar. Nada deveria ser mais esperado e, no entanto, nada é mais imprevisto que a velhice* (BEAUVOIR, 1970, p. 09. Grifos nossos).

---

<sup>1</sup> A escolha de mencionar o velho Freud deve-se, além das frases sumárias, ao fato de sua biografia corroborar e ilustrar os estudos do envelhecimento. Enlutado, enfermo e desejante – até (n)a escolha de morrer –, sua história enforma-se nas discussões sobre velhice e seus temas, cujo resumo é associá-la ao que a geriatria denomina “terríveis des”, declínio, deterioração e dependência, e ao lema da gerontologia “mais vida nos anos, não mais anos em vida”. Para pormenores, ver *O nomeável e o inominável* (1995).

As colocações destacadas conduzem a duas inferências: i) desde Heidegger (2012), tem-se que não há mortalidade porque falecemos, mas sim por, tendo a morte como possibilidade constante, realizamo-nos dentro da finitude do tempo; e ii) quando a *natureza* é gentil, assiste-se ao decaimento da matéria – o que seria uma mera redistribuição de massas se não fosse o humano, que a dota de sentido – emociona-se, projeta-se no futuro, localiza-se socialmente... – e, através dela, modifica seu intercurso com o mundo.

“Não, não é ‘oh, raiva!’, não, não é ‘oh, desespero!’, não é ‘velhice, minha inimiga’, pode até ser ‘velhice, minha amiga’, apesar de o meu cabelo e minhas mãos me dizerem que estou perto do fim”, confidencia Varda (06.01-06.17) – o envelhecimento é o crânio sobre a mesa:

Falar da velhice incomoda porque expõe o limite ao qual todos nós somos submetidos. Falar de velhice desacomoda, exigindo certa acomodação dos traços e dos restos advindos pelas perdas, pelas mudanças da imagem (...). Ela desacomoda muitos “restos” deixados em qualquer canto à espera de um tratamento possível; desacomoda a procrastinação, desacomoda os futuros não cumpridos – mas que gostaríamos de realizar –, desacomoda a ideia de imutabilidade ou de permanência, desacomoda os ideais e as certezas nas quais todo sujeito busca se alojar. A velhice desacomoda, incomoda, principalmente nesse mundo permeado de máscaras do novo (MUCIDA, 2019, p. 16).

A despeito das razões – conscientes ou não<sup>2</sup> –, pactuar a falta sobre essa “realidade incômoda” (BEAUVOIR, 1970) produz mazela. Apesar das transformações das décadas, do avanço dos estudos e das lutas, o diagnóstico de Beauvoir (*ibid.*, p. 06) segue pertinente: no tocante aos sujeitos da velhice, o corpo social segue “não só cúmplice, mas também criminoso”.

Em nossa sociedade de classes, dilacerada até as raízes pelas mais cruéis contradições, a mulher, a criança e o *velho* são, por assim dizer, instâncias privilegiadas daquelas crueldades – traduções do dilaceramento e da culpa (BARBOSA, 1995, p. 11. Grifos nossos).

Os pesquisadores da velhice brasileira contemporânea – Almeida, Bosi, Côrte, Lopes, Pedro, entre outros, nos quais este trabalho está apoiado – acusam mil indignidades que acometem os velhos: violências físicas, simbólicas, patrimoniais e institucionais, dentre elas atos da ordem da exclusão, abandono, maus-tratos e

---

<sup>2</sup> Aqui, utiliza-se “(in)consciente” como adjetivo, referindo-se àquilo que (não)está ao alcance do saber do sujeito.

menosprezo. Pontua Almeida (2005) que estes formam um grupo “emblemático” pois, sujeitos ao etarismo, são passíveis também das demais formas de opressão, como racismo, machismo, LGBT+ fobia, capacitismo e preconceito de classe. Na esteira de Mbembe (2018) – que incrementa Foucault descrevendo um poder sobre o qual se mata, deixa morrer e impede condições para uma vida minimamente digna como estratégia de gestão –, considera-se que os velhos são *corpos abjetos*, alvos de *necropolíticas*. Dos Santos, Moreira & Cerveny (2014) consideram-nos mostradores da desigualdade que nos assola:

No caso do Brasil, o envelhecimento expõe as diferenças regionais e culturais das diferentes localidades brasileiras, seja na concomitância da incidência de doenças infectocontagiosas (ainda não sob controle) com as crônico-degenerativas, ou na vigência da maior ou menor dificuldade para acesso à educação, à assistência social, à saúde ou à informação.

É possível se debruçar sobre o singular e o universal do velho – e cabe saber que um está contido no outro; assim como toda a produção que possa ser usada em “um esforço crítico de pensar o impensável no mundo concreto e físico” (SOARES, 2022), conforme a proposta da Psicologia Sócio-Histórica.

Mantendo a intencionalidade e reconhecendo limitações, resta uma pergunta: como é ser sujeito da velhice? Tudo que o descreve é denominado identidade. O objetivo deste trabalho é investigá-la e compreender seu processo metamórfico, identificando fragmentos emancipatórios e reconhecendo as implicações da conjuntura contemporânea – cuja descrição não deixa de ser um registro *histórico*. O referencial teórico metodológico é a obra de Antonio Ciampa, tema da seção seguinte.

## II. IDENTIDADE

Palavrinhando e passarinhando por dentro...  
 Meu silêncio significa que estou mudando de penas.  
*Carvalho Junior*<sup>3</sup>

Era o tempo da crise no pensamento social, mas era também o tempo<sup>4</sup> da reavaliação do positivismo até então reinante por influência da academia norte-americana que exportava sua ideologia – anos 70 –, com o qual, “em nome da objetividade, perdia-se o ser humano” (ALVES & MARTIN, 2017). Nessa guinada, Serge Moscovici, Joaquim Israel, Martin Baró, Maritza Montero, Silvia Lane e Antonio Ciampa, “procuraram contrapor essas teorias com a realidade europeia, brasileira e latino-americana que estava vivendo um levante das massas contra a opressão dos regimes militares e políticos” (LIMA, 2008)<sup>5</sup>.

O último – antagônico a condutas desimplicadas, objetivantes ou meramente descritivas, aportado na compreensão materialista-histórica da realidade e na busca da superação da visão dicotômica do humano – agrega ao projeto crítico “interessado e preocupado, em sentido moral e político, no assunto de que se ocupa” (CUEVAS, 2011, p. 151), “os projetos de vida individuais e as dinâmicas dos processos histórico-sociais (LIMA, CIAMPA & ALMEIDA, 2009, p. 223), produzindo Psicologia com base na concepção de que o ser tornado humano, construído a partir de sua interação com o mundo, é produto e produtor de sua história.

Considerando “que todos os fenômenos sociais e humanos são históricos e produzidos a partir da vida material, a qual se constitui em um processo de transformação constante, revelador de um movimento que tem por base a contradição” (ALVES, 2017), a investigação dialética do autor – que desmonta teorias estrangeiras com a concepção de dinamicidade – abraça a temática da *identidade*, cimentada em sua tese *A estória do Severino & a História da Severina* (1987).

Apresenta-se identidade como o que pode ser respondido à questão “Quem sou eu?”; indagação que “implica enveredar pela pluralidade das cosmovisões de

<sup>3</sup> Poeta e amigo (1985-2021). Morto 02 meses e 02 dias antes da data em que seria vacinado.

<sup>4</sup> A alusão ao início de *Poeta Chileno* (2021), percebida em releitura e, à primeira vista, fortuita, revelou-se pertinente com a seguinte associação, neste momento incipiente: aqui se está *formando* um raciocínio, tal como se forma uma vida no romance de *formação* – que precisamente apresenta uma *narrativa de história de vida* (ver mais em Metodologia).

<sup>5</sup> Esses psicólogos bebiam de dissidentes das ciências duras – e, portanto, por vezes interdisciplinarmente, contemplam o que delas foge –, a saber, sociologia, filosofia, antropologia e educação.

sujeitos, o pensar, o sentir, o agir humano (individual e coletivo), as ideologias; a fim de captar as representações e significações do seu ‘estar no mundo’” (PEDRO, 2006). Assim espera-se encerrar estas proposições: i) uma vez que todos podem martelar-se com essa pergunta, “Onde houver gente, haverá a questão da identidade (CIAMPA, 1987, p. 14); ii) suas possibilidades contemplam “a infinitude do humano” (*idem*, p. 229); iii) própria de quem se trata, é a prova de alguém ser uma determinada pessoa e não outra (CIAMPA, 1987); iv) quem responde é o autor de seu discurso e, concomitantemente, o personagem dele – o que é congruente à máxima da PSH (Psicologia Sócio-Histórica); v) a resposta, sempre dependente do momento na qual emerge, nunca é idêntica à anterior ou à final – logo, não pode mostrar-se constante ou acabada; e vi) “é um fenômeno social” (*idem*, p. 160).

A identidade representa e engendra sentimentos que o indivíduo desenvolve a respeito de si e que é construída socialmente, a partir de seus dados pessoais, sua história de vida e seus atributos (conferidos por si mesmo e pelas outras pessoas), acompanhando o movimento deste no mundo social (PEDRO, 2005).

Desse questionamento disparador emerge “aquilo que nos apresenta a nós mesmos, nos identifica para os outros ou que os outros veem, reconhecem (identificam) em nós” (ALMEIDA, 2005). Comumente são apontadas características, atividades sociais, relações, raízes etc., o que individualiza a pessoa, mas também a engloba em grupos (como os etários, profissionais, étnicos...):

Cada grupo proporciona um contexto identitário para os indivíduos, condicionando a auto-apresentação de um à presença dos outros. Ao integrar um grupo, o indivíduo partilha uma noção de identidade bem mais ampla do que aquela do ser isolado, pois as relações mútuas estabelecem as normas de significação (ALMEIDA, 2005).

Segundo Miranda (2014), o nome próprio sempre comparece e exemplifica o supracitado. Tomemos como exemplo “Antonio Ciampa”: o primeiro particulariza a pessoa dentre as outras de sua família, enquanto o segundo aponta seu pertencimento a ela.

Já a diversidade do que pode ser trazido à tona assinala a multidimensionalidade do ser. Embora seja um, manifesta partes desdobradas, tanto das determinações – por vezes contraditórias – às quais está sujeito, quanto das predicções de atividades que realiza. As facetas assumidas em cada conjunto de

relações foram denominadas por Ciampa, valendo-se “de elementos da dramaturgia” (LIMA, 2008), *personagens*.

Senão, prossigamos a partir de um fragmento literário em que se fala de si:

meu corpo de 1,70m que é meu tamanho no mundo  
 (...)
   
 corpo meu corpo corpo
   
 que tem um nariz assim uma boca
   
 dois olhos
   
 e um certo jeito de sorrir
   
 de falar
   
 que minha mãe identifica como sendo de seu filho
   
 que meu filho identifica
   
 como sendo do seu pai
   
 corpo que se para de funcionar provoca
   
 um grave acontecimento na família:
   
 sem ele não há José de Ribamar Ferreira
   
 não há Ferreira Gullar
   
 e muitas pequenas coisas acontecidas no planeta
   
 estarão esquecidas para sempre
   
 (GULLAR, 2016, p. 39).

O eu lírico inicia sua apresentação expondo sua condição de existência (a mesma de todos), ter um corpo vivo. Ele distingue o seu dos demais afirmando que seus órgãos têm determinada forma, que sua expressão corporal é única. Omite, contudo, a transfiguração dele ao longo do tempo: outrora o de um jovem, uma criança, um bebê, cresceu mais de um metro até sua altura à época – na qual as mãos que escreveram o poema não eram enrugadas como as de suas últimas imagens, que também constam um longo cabelo branco que não existia durante os versos aqui recortados. A mutabilidade da corporeidade prenuncia a proposição ciampana sobre a constância da metamorfose, que se estende às demais dimensões da existência.

A seguir, Gullar cita dois personagens que assume simultaneamente, filho e pai – “filho” é o vocativo que escuta de uma pessoa, sua mãe, e “pai” o de outra, de quem ela por sua vez é avó; ou seja, esses atributos estão submetidos a relações. O que está em pauta é o fato de existirem “várias identidades (...) que são utilizadas separadamente, em diferentes momentos. No entanto, a pessoa é uma totalidade e nesses momentos o que se ocorre é a manifestação de uma parte da unidade” (MIRANDA, 2014). Ciampa (1987, p. 170) explana:

Em cada momento da minha existência, embora eu seja uma totalidade, manifesta-se uma parte de mim como desdobramento das múltiplas determinações a que estou sujeito. Quando estou em frente a meu filho, relaciono-me como pai... Contudo, meu filho não me vê apenas como pai... nunca compareço frente aos outros apenas como portador de um único papel, mas como uma personagem (chamada por um nome,

fulano, ou por um papel, o papai etc.), como uma tonalidade... parcial. Ao comparecer frente a alguém, eu me represento. Apresento-me como o representante de mim mesmo. Em cada momento, é impossível expressar a totalidade de mim; posso falar por mim, agir por mim, mas sempre estou sendo representante de mim mesmo. O mesmo pode ser dito do outro frente ao qual compareço (e que comparece frente a mim).

O autor alega que quem exerce essas atividades é o “ator, o que age” (*idem*, p. 155); que vive, então, os personagens, que segundo Alves (2021), são manifestações empíricas da identidade, cujas mudanças – seja alternância ou sucessão com características híbridas – revelam uma dinamicidade. A proposição foi atestada pela autora (1995, p. 23) em uma pesquisa para a qual contatou diariamente jovens em sua escola, tecendo a observação elucidativa de que:

Ao desempenharem o papel de alunos, ao mesmo tempo que revelavam, ocultavam aspectos da identidade ou melhor, ao desempenharem o papel de alunos no ambiente escolar, ocultavam algumas ações e posturas que apareciam em outros ambientes sociais.

Esse resultante trânsito entre esferas de significação faz com que as pessoas possam performar elementos pouco compatíveis entre si, o que é fonte de contradição para esses atores, conforme reflete Salem (1980, p. 35).

Nesse fluxo, eis novamente os substantivos próprios. Uma vez que “O nome não é a identidade. É uma representação dela (CIAMPA, 1987, p. 132)”, os registrados na carteira de *identidade* podem não ser os únicos: no poema, o sujeito poético é José de Ribamar, conforme designado em seu nascimento, mas também Ferreira Gullar, seu pseudônimo. Por escrever, e assim ser um escritor, é chamado pelo segundo por aqueles que o conhecem por meio de sua obra. Situação correlata, embora não com assinaturas inventadas e sim títulos acadêmicos, aconteceu com Antônio, doutor Ciampa:

Se sou professor, é porque me tornei professor; daí dizemos: como sou professor, então dou aulas, embora o correto deva ser: como dou aulas, então continuo professor. Se me identifico (e sou identificado) assim, tenho identidade de professor dada, como uma posição (CIAMPA, 1987, p. 134).

O autor então dá continuidade à teorização:

Se o indivíduo não é algo, mas sim o que faz, o fazer é sempre atividade no mundo, em relação com os outros. Não basta descobriremos que a ilusão da substância alidade nada mais é do que a negação pela predicação da atividade. É necessário vermos o indivíduo não mais isolado, como coisa imediata, mas sim como relação (*idem*, p. 137).

Enfim, Gullar traz um dado ontológico do humano, a mortalidade. Se podemos nos inserir em conjuntos, o da finitude é o único em que todos nos encontramos<sup>6</sup>. Sua enunciação é de que, uma vez falecido o sujeito, acabam as memórias; memórias essas que, organizadas, podem engendrar uma narrativa. Para esse caso, recorto um excerto do gênero memorialista:

Desta vez, fiz um percurso de dentro para dentro. Me percorri. *Lembranças não são fatos, mas as verdades que constituem aquele que lembra*. Recordações são fragmentos de tempo. Com elas costuramos um corpo de palavras que nos permite sustentar uma vida. Quem conhece as pessoas e as situações aqui contadas poderá rememorá-las por outros caminhos, a partir de suas próprias circunstâncias. Ao descrever aqueles que morreram, possivelmente confronto as reminiscências de outros. Os que ainda vivem talvez discordem do que neles adivinho porque enxergam a si mesmos de modo diverso. Esta é a minha memória. *Dela eu sou aquela que nasce, mas também sou a parteira* (BRUM, 2014, p. 06. Grifos nossos).

Do fragmento, depreende-se que: i) a lembrança não guarda um fato, mas o que dele foi apreendido e amalgamado à fantasia, imprecisão e interpretação – sendo, portanto, impermanente pois submetida às vicissitudes da significação; ii) a narrativa organiza a experiência; e iii) ao nosso lema “produto e produtor” cabem roupagens poéticas.

Essa incursão nas “coisas acontecidas” (GULLAR, 2016, p. 32), quando dotada de sentido, forma uma narrativa<sup>7</sup>; ela configura “Uma história de vida” e, quando direcionada ao futuro, “um projeto de vida” (CIAMPA, 1987, p. 127): De um lado, o homem é ser-posto; do outro, é vir-a-ser (*idem*, p. 200).

Na narrativa, vemos as mudanças, reconhecemos quem foi, quem é, quem foi e é. Segundo Ciampa (1984), o sujeito é o movimento da concretização de si, que empiricamente se dá pelos personagens; porém, concretamente, não é nenhum deles (embora seja todos): cada uma é um momento do todo, do seu movimento. Ele é sua metamorfose. Ou seja, “identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose” (CIAMPA, 1984, p. 74); e “metamorfose é vida” (*idem*, p. 128). Almeida (2005) sintetiza:

---

<sup>6</sup> A obra de Gullar, em vários momentos, registra seu olhar à morte de frente. Mesmo neste poema, ela se anuncia por meio da falibilidade corporal. Se a velhice é fruto do decaimento da matéria, o corpo do sujeito velho está mais sujeito a falhas do que antigamente – sendo elas um *memento morri*. Para respectivas ilustrações, indico Volta ao Lar (GULLAR, 2015, p. 417) e *Acidente na Sala* (*idem*, p. 596).

<sup>7</sup> Essa narrativa é via régia para compreensão de quem se é – logo, da identidade –, conforme ver-se-á em pormenores em Metodologia.

Resta considerar a identidade como metamorfose, ou seja, como algo associado ao processo de concretização do sujeito humano. A noção de metamorfose supõe o caráter inacabado, nunca concluído do ser humano, privilegiando o processo de formação e transformação do sujeito humano. Deste modo, a metamorfose discrepa das proposições que a associam ao modo sincrônico como um mesmo indivíduo desempenha vários papéis e encarna múltiplas personagens, variáveis conforme os contextos de sociabilidade que vivencia e percorre no cotidiano.

Para Ciampa (2003), essas incessantes transformações têm uma busca, um sentido ético, que configura “um processo contínuo (embora não linear), um movimento que nunca finda (embora às vezes haja retrocessos)” (...) cuja “manifestação empírica varia ao longo da história”: a *emancipação*.

Trata-se não de “uma inevitabilidade, e sim uma mera possibilidade” (ALVES, 2021, p. 33), a qual, “no sentido forte do termo, implica necessariamente uma transformação social significativa. No sentido mais forte trata-se da emancipação da própria humanidade em sentido universal” (CIAMPA, 2003). Parafraseando a alusão a Birri de Galeano (1994), sigamos caminhando, tendo-a no horizonte (mesmo que) para não desacelerar: aqui, dizemos respeito ao todo, mas também a coletividades, grupos e indivíduos que cavam fissuras pelas quais a contradição pode vazar. Utilizando a expressão de Habermas – a quem a emancipação “está diretamente relacionada ao processo de conquista e manutenção de autonomia” (JUNIOR & LARA, 2017) –, *fragmentos emancipatórios* estão detidos em movimentos direcionados a promover certa autodeterminação, desemaranhar o sujeito de definições previamente sedimentadas na trama relacional.

(Abordamos) questões relacionadas com a dominação/exploração social, com a objetividade social (reificada), a normatividade (ilegítima), a intersubjetividade (relações interesseiras, coercitivas) e a subjetividade (falsa consciência, autoengano). (Passamos) por procedimentos capazes de alterar a rotina do cotidiano em nome da autonomia pessoal e de uma vida regulada por normas consensuais, de um relacionamento baseado no entendimento e no reconhecimento dos indivíduos como sujeitos, de uma práxis transformadora (ALMEIDA, 2017).

Instigada pelo exposto, ousa-se uma leitura para o poema<sup>8</sup>:

Preso à minha *classe* e a algumas roupas,  
vou de branco pela rua cinzenta.

---

<sup>8</sup> Malgrado o texto ser uma referência já clichê, olhá-lo pela ótica da teoria de Ciampa é infrequente – a risco de destacar uma obviedade, um dos motivos por tê-lo escolhido foi o fato de ambos os autores terem seguido a esteira do materialismo-histórico.

Melancolias, mercadorias espreitam-me.  
 (...)
   
O sol consola os doentes e *não os renova*.  
 (...)
   
Todos os homens voltam para casa.  
 Estão *menos livres*, mas levam jornais  
 (...)
   
*Uma flor nasceu na rua!*  
 Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
 Uma flor ainda desbotada  
 ilude a polícia, *rompe* o asfalto.  
 Façam completo silêncio, paralitem os negócios,  
 garanto que uma flor nasceu.  
 Sua cor não se percebe.  
 Suas pétalas não se abrem.  
 Seu nome não está nos livros.  
 É feia. Mas é realmente uma flor.  
 (...)
   
É feia. Mas é uma flor. *Furou* o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio  
 (ANDRADE, 2008, p. 28. Grifos nossos).

O eu lírico narra o enfado do cotidiano, com o qual entendia-se, enoja-se. Essas descrições, junto à de prisão, pouca liberdade e não-renovação dos *personagens* doentes, configuram um núcleo de sentido remetido à aparência de não metamorfose, denominada, por Ciampa, *mesmice*:

Que ocorre justamente quando se retira o caráter processual e histórico da identidade, considerando a reposição da pressuposição identitária como manifestação atemporal e permanente, assim como um mito que prescreve as condutas corretas visando à reprodução do Social (MIRANDA, 2021, p. 56).

Segundo Lima (2008), a concretização desta é chamada pelo autor de *fetichismo da personagem*, o qual é verificado em meio à má infinidade (não superação das contradições) ou ao abandono da atividade base do personagem – por exemplo, Drummond é poeta, mas não mais escreve. Seu sustento é o impedimento da emancipação.

Algo atravessa o marasmo, a flor. Imperfeita, nascida em ambiente inóspito, ela traz novas sensações, promove algum afazer além dos rotineiros, que podem ser superados por um momento – como se fosse um vislumbre de perspectivas emancipatórias, que impactou não só o sujeito poético, mas o ambiente todo em que ele está inserido. Se antes dela o *ser-para-si* estava interditado, depois o novo elemento propiciou alguma *alterização*:

O termo trazido por Ciampa quer expressar a ideia de uma mudança significativa – um salto qualitativo – que resulta de um acúmulo de mudanças quantitativas, às vezes insignificantes, invisíveis, mas graduais e não radicais, que podem indicar uma possibilidade e uma tendência, da conversão das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas, mudanças condicionadas às questões históricas e materiais determinadas (LIMA, 2008).

Assim, em oposição à *mesmice*, a *mesmidade* entrou nas perspectivas: esta é o entendimento de personagens outrora encarnados como “*um outro que também sou eu*”, a partir do qual viabiliza-se identidades não convencionais, projetos que não os prévia e autoritariamente definidos.

Até então, viu-se que se debruçar sobre a identidade “ajuda a explicar tanto como se dá a construção das desigualdades e dos problemas sociais quanto entender como se formavam as resistências individuais aos processos de massificação e as buscas emancipatórias” (LIMA, 2010, p. 138). Arriscar-se-á uma última ilustração para envolver outro embate que disto se sucede:

Em *A vida invisível de Eurídice Gusmão* (2016), é narrada a história de vida de uma pessoa “típica”, como diria Ciampa (1987, p. 126): esposa, dona de casa e mãe – nos anos 40, em um subúrbio carioca. Ela “precisava de um novo projeto. Precisava de algo que preenchesse as manhãs de ócio e as horas angustiadas de fim de tarde, quando os filhos ainda não tinham chegado da escola e quando tudo não parecia levemente enlouquecedor, tudo era irremediavelmente enlouquecedor” (BATALHA, 2016, p. 31) – como lembra Ciampa (1987, p. 157), “enquanto atores, estamos sempre em busca de nossas personagens; quando novas não são possíveis, repetimos as mesmas; quando se tornam impossíveis tanto novas como velhas personagens, o ator caminha para a morte, simbólica ou biológica”.

Então, buscava performar novos personagens, sair da *mesmice*, por meio da realização de atividades pelas quais se interessava, como confeccionar roupas e cozinhar receitas sofisticadas, o que faria dela trabalhadora (cozinheira e costureira) se a metamorfose não fosse impedida – e fragmentos emancipatórios não fossem quebrados – por seu marido (enquanto agente da ideologia). Alienada na condição de *mulher* lhe outorgada, ela passa a vida pensando em quem “poderia ter sido” (BATALHA, 2016, p. 30) – o que não lhe era uma identidade política, e sim um fruto de políticas de identidade. Senão, vejamos:

Ciampa bebe de Goffman (1988) a expressão *políticas de identidade*, referente à orientação de atos dos sujeitos estigmatizados – indivíduos que, detendo

características que fogem à norma, não gozam de plena aceitação devido às opressões sociais. Então, extrapola-a ao considerar que os sujeitos sem estigmas também encaram diretrizes, alegando que “estão presentes em todos os setores da sociedade, embora a maioria dos estudos acerca de políticas de identidade faça menção a grupos com identidades discriminadas, marginalizadas ou oprimidas por setores dominantes” (JUNIOR & LARA, 2017). Nelas enquadra atividades, reveladas através de ideologias e atos de grupos e coletividades, que i) possuem um fim regulatório, ou mesmo mantenedor da hegemonia, revelado na criação de regras normativas – que podem obstar a diferenciação do indivíduo; e/ou ii) procuram criar fragmentos emancipatórios por meio de ampliações possibilidades de existência. Alves (2017) traz os seguintes exemplos: movimento feminista/negro/LGBTQIA+, machismo, paternalismo, religiões e torcidas organizadas; e Ciampa (2002) observa que, em meios como esses, utiliza-se um personagem para se referir a identidades coletivas – por exemplo, “o negro”, “a mulher”. Com isso, está:

a expectativa generalizada de que alguém deve agir de acordo com suas predicções e, conseqüentemente, ser tratado como tal. De certa forma, reatualizamos através de rituais sociais, uma identidade pressuposta, que assim é vista como algo dado (e não como se dando continuamente através da reposição). Com isso retira-se o caráter de historicidade da mesma, aproximando-a mais da noção de um mito que prescreve as condutas corretas, reproduzindo o social (CIAMPA, 2001, p 163).

Nessa dinâmica, o *reconhecimento* é um peso – Segundo Junior e Lara (2017), Ciampa joga luz à sua importância ao descrever as metamorfoses de Severina a partir de quando reconhecida em sua humanidade: ser tratada com respeito e credibilidade foi condição para seu abandono da mesmice e das personagens fetichizadas. Logo, se tais políticas o conferem, sua ausência ou distorção pode travar o movimento emancipatório e compelir à mesmice: “(seu) jogo (...) faz com que a identidade seja sempre pressuposta, abrindo o precedente para que ela seja repostada” (LIMA, 2010, p. 147). O ponto de vista de outrem (heterônomo) impõe condições de aceitação, que por serem definidas previamente pelas vozes da hegemonia, muitas vezes sendo desprovidas de liberdade e sim representadora de papéis, são *perversas*.

“Já as *identidades políticas* se referem à condição de sujeito e de autonomia, ou seja, pessoas que desenvolveram um pensamento próprio” (ALVES, 2017), os quais, segundo Lima (2008), podem ter se valido das políticas de identidade para fazer

valer seus direitos, fortalecer as possibilidades de reconhecimento e aumentar os laços solidários – para então assumir novas pretensões.

A partir desse campo de questionamento, configura-se a reflexão sobre políticas de identidade na busca por compreensão das possibilidades de libertação das coerções sociais, entendendo que essas não ocorrem na ausência de determinações, mas na busca de autodeterminação, aproximando-se do ser para si. Libertar-se da coerção dos papéis para desempenhá-los à luz de princípios próprios é uma capacidade que surge ao indivíduo como possibilidade e não como inevitabilidade, mas no confronto dos contrários, no processo dialético da contradição (ALVES, 2017).

Por fim, eis o fator no qual todos se dimensionam – o qual cerceia Eurídice e inicia *A flor e a náusea* (2008) –, o sistema<sup>9</sup>. A paronomásia “melancolia, mercadoria” sugere sua potência entristecedora. Nas palavras de Ciampa (1987, 127), “em nossa sociedade de classes, somos todos explorados e violentados – alguns mais, outros menos. Principalmente somos por ver barradas possibilidades de concretizar nossa humanidade”. Portanto, ao falar de movimentos da identidade, em especial, da emancipação:

Não há como ignorar as desigualdades e conflitos, as perturbações pessoais e as patologias sociais, as barreiras à autorrealização de indivíduos e ao reconhecimento de grupos sociais os mais diversos, os fenômenos de dominação, violência, reificação e alienação existentes no mundo atual. É em face deles que a questão da emancipação ganha relevo. Não se pode pensá-la, contudo, como algo abstrato ou como uma promessa utópica, mas sim como inscrita na realidade social e na existência das pessoas e grupos, referida à liberdade subjetiva, ao reconhecimento nas relações interpessoais, ao acesso a direitos e à cidadania, à superação de situações de heteronomia, ou seja, de situações de sujeição a uma lei exterior ou à vontade de outrem (ALMEIDA, 2017).

Prossegue Ciampa (2003, grifos nossos):

A emancipação (...) pode ser impedida ou prejudicada pela violência, pela coerção, invertendo a metamorfose como desumanização. *É assim que se revela a natureza intrinsecamente política da identidade. A destruição, a degradação e a indignidade de pessoas e grupos são formas de metamorfose, em última análise, provocadas de modo*

---

<sup>9</sup> Falamos das condições materiais com base no princípio de que estas podem mudar, ou mesmo no de que o sujeito nelas imerso pode modificar suas condições. Em que pese as dificuldades estruturais, este breve comentário procura se precaver de interpretações deterministas ou essencialistas.

heterônomo por um poder interiorizado subjetivamente e – ou apenas – exteriorizado objetivamente.<sup>10</sup>

Feita esta incursão, temos que “Ciampa (1987) nos ensina a enxergar o ser humano como uma espécie humanizável; não se nasce humano, torna-se um ao longo da vida” (MEIRELLES, 2022). Ele “propõe um sujeito que se faz nas relações sociais, na cultura, na coletividade, mas sem perder de vista a dimensão subjetiva” (JUNIOR & LARA, 2017), cuja “identidade (é constituída) numa sociedade marcada pelo conflito entre o mundo da vida e o sistema” (*ibidem*), mas que “busca formas de se emancipar da opressão” (*ibidem*).

“Nutrimos o projeto de analisar/compreender a identidade-metamorfose humana, inspirados na busca de conceitualizações que contemplem a dialética entre o psicológico, o social e o simbólico” (PEDRO, 2006), em uma tensão entre o individual e o coletivo.

Cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é- vivida, no emaranhado das relações sociais. (...) No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela (CIAMPA, 1987, p. 127).

Assim atingimos o sintagma – um grupo de “elementos que mantêm entre si uma ordem de interação e dependência” (MEIRELLES, 2022) – a partir do qual a “identidade humana é expressa” (ALVES, 2021, p. 13): *identidade-metamorfose-emancipação*.

No presente contexto, de uma Psicologia Social Crítica, o debate acerca deste possui especial relevância pois infere à realização de análises das relações estabelecidas entre o indivíduo e seu contexto social, demarcando tanto os determinantes que atuam na manutenção da ordem vigente, quanto as diferentes possibilidades de superação destas limitações (MIRANDA, 2014).

Com o sintagma e todo o constructo nele contido, estamos munidos contra a “ideologia da não transformação do ser humano como condição da não transformação da sociedade” (LANE, 1987, p. 10); de acordo com Junior & Lara (2017), sinalizando

---

<sup>10</sup> Dialogando com o rodapé anterior, este também busca trazer uma fissura-flor: “A identidade do eu é uma questão de desenvolvimento inerente ao homem (...) se (...) seu desenvolvimento por qualquer razão foi prejudicado, não significa que a identidade do eu nunca ocorrerá. Sempre haverá a possibilidade em outros momentos de se dar essa evolução na história de vida” (ALVES, 1995, p. 136).

que – por haver possibilidades de mudança – não fomos totalmente determinados pelo sistema, o mundo da vida<sup>11</sup> não foi totalmente colonizado.

---

<sup>11</sup> Utilizamos essa expressão de Habermas para o embatido às imposições do sistema. Para o autor, a anulação de aspectos desse *mundo da vida* decorrente do domínio da lógica sistêmica é denominada *colonização*.

### III. VELHICE

Antes, todos os caminhos iam.  
Agora, todos os caminhos vêm.  
*Mario Quintana*

Para pensar nos sujeitos da velhice, devemos abordar o que está é. É possível introduzir em linhas gerais seu estado da arte: i) a expectativa de vida longa é uma novidade histórica; ii) tanto o envelhecer quanto as suas representações metamorfoseiam-se ao longo do *tempo*; e iii) de acordo com Almeida (2005), restam muitas ambiguidades no trato aos seus indivíduos. Abrir-se-á, em ordem, tais proposições, a fim de abranger a provocação central:

Com Santos, Andrade & Bueno (2009), tem-se uma definição de envelhecimento: um processo do desenvolvimento normal, que envolve alterações neurobiológicas estruturais, funcionais e químicas. Essa fisicalidade seria uma mera redistribuição de massa se desprovida do testemunho humano, que faz dela uma experiência organizada e distinta:

(A velhice) certamente se apresenta como questão biológica, mas é mais que isso, pois se localiza em uma história e insere-se em um sistema de relações sociais. (...) Se a velhice é complexa, sem dúvida a sua análise deve levar em conta todas as dimensões que a compõem e que a explicitam como totalidade, que é ao mesmo tempo biológica, psicológica, social, histórica e cultural. O que foi explicitado sobre velhice indica a interdisciplinaridade como a forma mais correta de sua compreensão (CÔRTE, MERCADANTE & GOMES, 2006, p. 27).

E se “o sujeito que envelhece o faz atualmente no âmbito do capitalismo, (situemos) o envelhecimento dentro da conflitualidade do capital-trabalho, ante o devir da humanidade dos sujeitos” (LINHARES, LOPES & MONTEIRO, 2022).

Enquadres das ciências duras excluem elementos da realidade – recortes esses que veem processos, mas não dirão *como* é envelhecer; também não aparentam saber o que é o tempo, embora percebam que – não de forma diretamente proporcional – é nele que se envelhece, ininterruptamente, desde o nascimento.

Assim, podemos nos aproximar mais da velhice lendo Rubem Alves (2002) defini-lo como um poente do que “qualquer compêndio, tratado, teoria ou aberrações de ordem similar, cujo intuito seja definir, classificar, ordenar, isto é, assentar num solo a coisa fugidia do afeto (LÁZARO, 2017, p. 17).

Podemos, então, complementar as acepções supracitadas: *envelhecer é avançar no tempo erosivo*. O envelhecimento dá “o peso da luz com que nos vemos” (COUTO, 1987, p. 12); e ser velho é estar “sob a luz do crepúsculo” (ALVES, 2002).

A Organização Mundial de Saúde (2005) considera o (cada vez mais extenso) envelhecer, em virtude aos avanços da saúde pública, “um dos maiores triunfos da humanidade”. A decorrente “transição demográfica é o fenômeno de mudança de comportamento de massa mais expressivo e mais impactante da história” (ALVES, 2021). Esse autor e Varella (2022) traçaram um panorama etário: ao que se tem notícia, a esperança de vida humana foi de cerca de 33 anos até 1900; os saltos desenvolvimentistas conduziram-na ao dobro ano de 2000, e em 2019 a média no mundo chegou a 72,6 anos. O fenômeno da idade avançada tornou-se patente neste intervalo recente – um exemplo é o dos centenários: até 1950 houve 24000 indivíduos com mais de 100 anos, hoje há 269000, e a projeção para 2050 é de 3,8 milhões (TISAKO *et al.*, 2019).

A média da realidade brasileira, ainda que arrasada pelas contradições, acompanhou a tendência mundial: houve “uma ideia criada no romantismo, repetida no modernismo e na contemporaneidade, de juventude. Ela virou lugar comum e nós envelhecemos. (...) Logo seremos um país de velhos” (COSTA, 2021).

A longevidade dos brasileiros vem aumentando ao longo do tempo. Em 2019, as expectativas de vida ao atingir 80 anos foram de 10,5 para mulheres e de 8,7 anos para os homens, enquanto que, em 1940, estes valores eram de 4,5 anos para as mulheres e 4,0 anos para os homens. Além disso, em 1940, a população de 65 anos ou mais representava 2,4% do total. Em 2019, o percentual passou para 9,5% – um aumento da ordem de 7,1 pontos percentuais (IBGE, 2020).

Ainda segundo IBGE (2010), atualmente existem 26 milhões de brasileiros com mais de 60 anos, representando 13,7% da população do país. A estimativa é de que esse grupo seja maior que o de até 14 anos em 2030, e o de até 29 em 2055; já sendo, hoje, o quinto mais numeroso grupo do mundo dessa faixa etária (MACHADO, 2019). Se, conforme Beauvoir, “velhice é um destino, e quando ela se apodera de nossa própria vida, nos deixa estupefatos” (1950),

Como não pensarmos (nela)? A população está envelhecendo. Estamos envelhecendo e isso nos mostra que é necessário buscarmos alternativas para essa realidade: a longevidade, que é um grande desafio. É preciso ocorrer transformações culturais e estruturais para absorver essa realidade, que cada dia está mais próxima (LOUREIRO & CÔRTE, 2006).

Essas metamorfoses do social e das possibilidades individuais também modelaram as concepções de idade e fases da vida, que são históricas. Fazendo coro à insistência de Debert (2004) no ponto de que não se trata de uma categoria natural, mas de uma construção social, destaca-se que não há marcadores biofisiológicos que representem com exatidão a transição a ela. A velhice é, então, uma interpretação do percurso da existência (BIRMAN, 1995) – “há velhices e velhices” (ALMEIDA, 2005).

Visando diminuir a estigmatização do adjetivo e criticar artifícios eufemísticos, esta pesquisa utiliza “velho” para se referir ao sujeito da velhice. Considera-se o termo descritivo, cujo juízo de valor porventura atribuído é sintomático. Define Houaiss (2001, p. 2835. Grifos nossos):

velho: i) *que não é jovem, novo; que tem muito tempo de vida ou existência*; ii) *que data de época remota; antigo*; iii) *que é antigo numa situação, função, profissão*; iv) *que se deteriorou ou gastou pelo uso*; v) *que se contrapõe ao moderno, antiquado, desatualizado, obsoleto*; vi) *vida cuja existência é anterior à de outro indivíduo ou coisa*; vii) *homem idoso, ancião*; e viii) (informal) pai, papai.

Com Almeida (2005), vemos que um critério arbitrário incide sobre essa população: seguindo um princípio estabelecido pelas Nações Unidas para os países em desenvolvimento, são velhas todas as pessoas com 60 anos ou mais de idade”. O termo cunhado para elas é *idoso* – e assim é inventada uma categoria, como afirma Debert (2004). Seguem esse juízo os órgãos nacionais: Política Nacional do Idoso (instituída pela lei federal 8.842), de 1994, e Estatuto do Idoso de 2003 (lei 10.741).

Assim a OMS visa assegurar direitos sociais que contribuam à participação efetiva desse grupo na sociedade, enquanto os aparelhos buscam regulá-los. Portanto, via política de identidade: i) orienta-se políticas públicas, como a criação de aparelhos de saúde, o oferecimento atividades de lazer, esporte e cultura, a gratuidade do transporte público e o acesso ao lugar preferencial em filas; e, em que pese a necessidade de princípios para suas determinações ii) impacta-se o *reconhecimento*; iii) cria-se “um marco simbólico que, ao produzir efeitos sobre o mundo da vida, objetiva e retifica a velhice, fazendo-a corresponder a uma classe de idade, singularizando-a” (*ibidem*).

É o que Ernaux (2022, p. 36. Grifos nossos) expõe em sua descrição do contexto em que estava inserida – antes de talhar fragmentos emancipatórios via educação:

E o tempo da vida se distribui por “estar na idade de”: fazer a primeira comunhão e ganhar um relógio, a primeira permanente no cabelo para as meninas, o primeiro terno para os meninos  
 ter a primeira menstruação e poder usar meia-calça  
 idade de poder tomar vinho nas refeições em família, de ganhar um cigarro, de ficar à mesa quando contam piadas obscenas  
 de trabalhar e ir às festinhas, de começar a sair com alguém  
 de fazer o serviço militar  
 de ver filmes divertidos  
 idade de casar e ter filhos  
*de se vestir de preto*  
*de parar de trabalhar*  
*de morrer.*

Lopes (1999) aponta a vigência de uma tentativa de homogeneização das representações da velhice, de forma que ela “passa a ser uma categoria única, necessária para fins de atendimento, deixando de se levar em conta as diferenças”. Trata-se de uma pretensão de unificar a experiência na de velhice enquanto “os indivíduos não se sentem velhos em todos os contextos” (*ibidem*).

Esta é também um atendimento a demandas novas, por vezes de maneira a fundar um nicho, afinal, a ascensão da longevidade confere “implicações transversais a todos os setores da sociedade – no mercado laboral e financeiro; na procura de bens e serviços como a habitação, nos transportes e na proteção social; e nas estruturas familiares e laços interrelacionais” (AZEVEDO, 2022).

Se a velhice enquanto classe é recente, o interesse por ela também. Falou-se que Beauvoir foi vanguardista em sua área, e dos Santos, Moreira & Cerveny (2014) indicam que a Geriatria e a Gerontologia nasceram no início do século. A atração mercadológica – por óbvio, nova – percorre as contradições que envolvem a velhice, desenvolvendo soluções para o público, mas alternando-se em propagandas: i) que exploram os afetos negativos – medo, asco, ódio etc. – sobre envelhecer, como as da indústria farmacêutica com seus produtos anti-idade; e ii) que procuram despertar afetos positivos por fins consumistas. Ou seja, passou “a existir uma série de serviços oferecendo orientações preventivas para quem não quer se sentir velho e para aqueles que necessitam de motivação para se enquadrar no estereótipo de vitalidade” (LOPES, 1999).

O que está sendo perversamente explorado é o trato à velhice e aos seus sujeitos. Uma vez histórico, convém brevemente expor os de outrora (aos sujeitos considerados velhos, pois a categoria “idoso” inexistia): i) Segundo Horn (2013), na Grécia Antiga, valorizava-se os velhos detentores de poder político, econômico e

cultural, passíveis de transmitir seus conhecimentos – o que não acontecia com os de classes baixas; ii) Beauvoir (1970/2018) relata que na China e no Japão antigo os velhos ocupavam lugar privilegiado nas famílias, em virtude à sua suposta sabedoria e experiência, consideradas como “poderes sobrenaturais”; iii) prossegue a autora expondo que na Antiguidade européia, a velhice, ainda associada à sabedoria, era também à honra; iv) Lemos *et al.* (2015) afirma que os Hebreus – para quem a vida longa era um ideal – compreendiam os velhos como chefes naturais; v) os autores também registram que os Incas e Aztecas, para quem o cuidado com os velhos era uma responsabilidade coletiva, tratavam-nos com grande consideração; vi) Santos, Moreira & Cervený (2014) contam que, dentre os romanos, os velhos possuíam a autoridade de *pater familias*, perdendo seus privilégios após a queda do Império; vii) uma associação da velhice à doença é encontrada no cristianismo (*ibidem*), em Aristóteles e da Vinci (BORGES, 2007).

Dando um salto à sociedade moderna, embora seja a velhice, na sua qualidade de destino biológico, uma realidade trans-histórica, ainda assim subsiste o fato de que este destino é vivido de maneira variável, segundo o contexto social (BEAUVOIR, p.1970/2018, p.14). O valor do ser é medido por seu capital e por sua capacidade produtiva, o que marginaliza a maioria da população velha, a faz ser considerada um estorvo econômico. Isto será explorado na seção seguinte, que se debruça sobre um capítulo da contemporaneidade em que os velhos estiveram sob especial desvalor.

#### IV. PANDEMIA

Conduz o teu arado sobre os ossos dos mortos.  
*William Blake*

Em seus anos derradeiros, obcecado com o envelhecer e os seus desdobramentos, Philip Roth assumiu a tarefa de “desfazer a permanente ilusão infantil de que a morte não chegará” (BENEVIDES, 2011). Seu último livro, *Nêmesis* (2021), encerra tal papel abordando ficticiamente a epidemia de poliomielite na cidade de Newark.

No romance, acompanha-se adoecimentos e óbitos, o medo da infecção e a culpa pela transmissão, além de sequelas físicas e emocionais dos sobreviventes. “A morte não surge apenas como tragédia individual, mas também coletiva” (*ibidem*), pretende ilustrar o autor.

O narrado na obra, extrapolando a região ao mundo, passa a ser considerado uma *pandemia*: segundo o Instituto Butantã (2022), uma enfermidade é assim considerada quando atinge níveis mundiais, definindo-se como ameaça global pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Este capítulo pretende realizar um registro histórico da mais recente e externar o agravo de sua destrutividade em territórios e populações vulnerabilizadas.

De 2020 até o presente momento (maio de 2022), o globo assistiu à Pandemia de Covid-19. Os primeiros relatos de casos de SARS-CoV-2 surgiram no fim de 2019 na cidade de Wuhan, na China. Em março de 2020, o vírus já havia se disseminado globalmente, levando a OMS a declarar a pandemia (*ibidem*).

Conforme consta no G1 (2020), em 26 de fevereiro de 2020 o primeiro caso da doença na América Latina foi detectado: um brasileiro de 61 anos chegou da Itália assintomaticamente, ficando em quarentena domiciliar. Segundo a mesma fonte, no dia 11 de março de 2020 o Distrito Federal suspendeu aulas e atendimentos em comércios. Ações similares foram tomadas no estado de São Paulo cinco dias depois.

No dia 17 houve as primeiras mortes noticiadas: na capital paulistana, um idoso de 62 anos diabético e hipertenso faleceu em um hospital particular (*ibidem*); Dona Cleonice, 63 anos, com as mesmas comorbidades, passou mal no seu trabalho, no Leblon, e foi para um hospital municipal em Miguel Pereira, a mais de 125 km do local, onde faleceu – e só teve seu diagnóstico fechado após ligação para sua patroa, que confirmou ter voltado da Itália infectada (G1 SUL DO RIO E COSTA VERDE, 2020).

A primeira centena de óbitos notificados foi atingida no dia 28 de março de 2020 (G1, 2020). À essa altura, o então presidente Jair Bolsonaro havia se pronunciado na televisão contrariamente ao confinamento (24/03/2020) e culpado a mídia por espalhar um suposto pavor.

Até a data atual, foram dois anos, 687 mil mortes e inúmeras estratégias institucionais de propagação do coronavírus (BRUM, 2021). Por certo os leitores deste trabalho sabem o que aconteceu e concordam que as palavras parecem insuficientes para expressá-lo, a ponto de artifícios estéticos soarem tão tentadores quanto saturados. Segue a árdua tarefa, portanto, de elencar fatos para registro.

Para tal, serão utilizados os autos da CPI da Covid – comissão parlamentar de inquérito (que investigou) ações e omissões do governo federal no enfrentamento da pandemia e o colapso da saúde no estado do Amazonas no começo do ano” (AGÊNCIA SENADO, 2021/2), requerida em 13 de abril de 2021 e iniciada no dia 27 do mesmo mês. A investigação durou oito meses (SENADO FEDERAL, 2022) e seu relatório final, com 1287 páginas e oitenta pedidos de indiciamento, foi apresentado em 26/10/2021 – e, até a data da presente consulta, 20/05/2022, não se encontrava apreciado. “Por ter ocorrido a caracterização de crimes contra a humanidade, os documentos (foram) remetidos ao Tribunal Penal Internacional, em Haia” (AGÊNCIA SENADO, 2021).

Seu primeiro ponto consiste na relação dos crimes cometidos por funcionários públicos. O presidente foi indiciado por prevaricação, charlatanismo, epidemia com resultado morte, infração a medidas sanitárias preventivas, emprego irregular de verba pública, incitação ao crime, falsificação de documentos particulares, crimes de responsabilidade (violação de direito social e incompatibilidade com dignidade, honra e decoro do cargo) e crimes contra a humanidade (nas modalidades extermínio, perseguição e outros atos desumanos). Na lista de indiciados também estão o então ministro da saúde Marcelo Queiroga e seu antecessor, Eduardo Pazuello; três assessores e ex-assessores; cinco ocupantes e ex-ocupantes de cargos no Ministério da Saúde e oito parlamentares, entre eles Flávio Bolsonaro (senador, Patriota-RJ), o Eduardo Bolsonaro (deputado, PSL-SP) e Carlos Bolsonaro (vereador, Republicanos-RJ).

Descobriu-se o *gabinete paralelo*. Trata-se de um grupo:

composto por médicos, políticos e empresários, que, ao longo dos anos de 2020 e 2021, prestava orientações ao Presidente

da República sobre o modo como a pandemia da covid-19 deveria ser enfrentada, bem como participava de decisões sobre políticas públicas, ao arrepio das orientações técnicas do Ministério da Saúde, sem ter investidura formal nos cargos públicos responsáveis por essa função (CPI, 2021, p. 34).

Este advogou por pontos sabidamente refutados pelos cientistas: i) imunidade de rebanho, por meio da permissão “que o novo coronavírus se propagasse livremente entre a nossa população” (*ibidem*); ii) resistência “à implementação de medidas não farmacológicas, tais como o uso de máscara e o distanciamento social (*ibd*); e iii) uso de tratamento precoce e medicamentos comprovadamente ineficazes contra a covid, a saber, ivermectina e cloroquina.

Nessa esteira, foi comprovado que a cúpula do governo fomentou a disseminação de *fake news*, que são:

comunicações enganosas, efetuadas por pessoas mal-intencionadas, em favor de interesses próprios e escusos, (que) provoca grande confusão e induz a população a adotar comportamentos que dificultam ou mesmo impedem o correto combate à pandemia de covid-19 (CPI, 2021, p. 634).

Um exemplo delas é a extrapolação das estratégias governamentais de desqualificação de dados: em 7 de junho de 2021 o presidente mentiu sobre uma suposta supernotificação de casos de covid, alegando, sem provas, que 50% das mortes pela doença ocorreram por outra causa.

A seguir, constam as omissões governamentais. A aquisição de imunizantes deveria ter figurado como a principal providência no processo de prevenção à disseminação do novo coronavírus (CPI, 2021, p. 204). Ocorre que as tratativas e a conclusão das negociações do governo federal com as referidas empresas sofreram injustificável atraso (*ibidem*, p. 205). Representantes da Pfizer e do Instituto Butantan depuseram que o Ministério da Saúde postergou ao máximo a conclusão das negociações. Convém mencionar, ademais, o Caso Covaxin, que resultou na tentativa anunciadamente frustrada de obter o imunizante com intermédio das empresas *Precisa* Medicamentos, VTCLog e FIB Bank; além da parca campanha de vacinação, quando realizada – de acordo com UOL (2020)

O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) voltou a dizer que a pandemia está “chegando ao fim”, ainda que os números indiquem o oposto, e questionou a “pressa” pela aprovação de uma vacina contra a covid-19. A declaração é semelhante à do

ministro da Saúde, Eduardo Pazuello, que recentemente sugeriu não entender por que há tanta "ansiedade" pelo imunizante.

A iniciativa privada também foi investigada, tendo destaque a Prevent Senior, empresa de planos de saúde voltados à população idosa, fundada por Fernando e Eduardo Parrillo, dirigida por Pedro Batista Jr. Além de seu caso ter sido comparado aos experimentos de Mengele,

é preciso procurar muito na história do Brasil para encontrar algo similar ao que aconteceu nos corredores da Prevent Senior. Talvez apenas seja comparável àquilo que se deu no Centro Hospitalar Psiquiátrico de Barbacena, episódio tenebroso da história Brasileira (CPI, 2021, p. 986).

A instituição utilizou bombas de morfina sem consentimento dos pacientes, separou os terminais em um quarto para morrerem e solicitou “altas celestiais” a fim de liberar leitos para ‘pacientes VIP’ (CARTA CAPITAL, 2021) – entre funcionários, circulava o lema “óbito também é alta”. Ela utilizou o termo “cuidados paliativos” como “eufemismo para abandonar o paciente à própria sorte, para morrer sem cuidados” (CPI, 2021, p. 986); violou os princípios deste conjunto de práticas que, de acordo com Arantes (2016, p. 44) preveem que a pessoa não seja abandonada – ainda que não haja mais o que ser feito quanto à sua enfermidade –, tampouco seja sedada sem requerer ou tenha sua morte adiantada. O relatório conclui, pois, que a empresa promoveu a mistanásia – termo definido como “morte miserável, precoce e evitável (...) *por meio da manutenção da pobreza, da violência, das drogas, da falta de infraestrutura e de condições mínimas para a vida digna*” (FERREIRA & PORTO, 2019).

Conforme consta em CPI (2021, p. 987), a empresa declarou como valores norteadores do tratamento a autonomia do médico e a valorização da relação médico-paciente, assim justificando o uso de medicamentos comprovadamente ineficazes.

Em setembro, durante depoimento à CPI da Covid, a advogada afirmou que a Prevent Senior e médicos do chamado Gabinete Paralelo formaram um pacto a fim de validar a hidroxycloquina, medicamento comprovadamente ineficaz contra a Covid-19. O objetivo seria evitar a adoção de medidas de restrição da circulação (CARTA CAPITAL, 2021).

Em 30 de setembro de 2021, Renata da Rocha e Flávio de Leão Bastos Pereira evocam o julgamento dos médicos em Nuremberg, no qual foi produzido o entendimento internacional documentado como referência para que humanos nunca

mais fossem submetidos a experiências clínicas sem ter expressamente concordado com isso. Não só não foi o ocorrido com os tratamentos ineficazes como também convém citar “o médico Flávio Adsuara Cadegiani, que fez em Manaus um estudo com proxalutamida que teria matado mais de 200 pessoas” (SENADO, 2021).

Ainda, a empresa fraudou atestados de óbitos, omitindo a covid como causa. Um deles foi o caso dos “registros de Regina Hang” (CARTA CAPITAL, 2021), mãe de Luciano Hang, ativista do tratamento precoce, que, segundo Raphael Felice (2021), também autorizou que ela passasse por ozonioterapia.

Por fim, a Comissão propôs e assistiu ao deferimento de um memorial às vítimas da pandemia nas dependências do Senado Federal “para que nunca nos esqueçamos do que aconteceu neste País e dos inocentes que pagaram com sua vida pela conduta irresponsável do governo federal na condução da pandemia” (CPI, 2021, p. 1287). “Nós nunca esqueceremos” (*ibidem*).

Assim rapidamente chegamos rapidamente ao ponto cego do romance de Roth: as formas de gestão necropolíticas, que não se resumem aos crimes supracitados. Pensar-se-á sobre tais estratégias institucionais com Franco (2021):

O primeiro apontamento neste é sobre o tratamento dos números de mortos. Ele reconhece que veículos de comunicação, em uma tentativa de sensibilização, passaram a ilustrar a dimensão das cifras – por exemplo, apontou-se que “94% das cidades teriam sido dizimadas caso todos os óbitos por covid-19 no país tivessem se concentrado apenas em seu território” (TEIXEIRA, 2020) – e, no que conferia à Presidência, “multiplicavam-se as estratégias de esvaziamento do significado produzido por aqueles números” (FRANCO, 2021, p. 135).

De acordo com o autor, o aumento das taxas de contágio, infecção e mortalidade, somado à reação da comunidade científica e de parcela da opinião pública, anteparavam o que seria uma primária negação dos fatos. Então, outra estratégia de gestão simbólica negrogovernamental adotada foi naturalizar os óbitos: em declarações oficiais, o presidente normalizava-os, vide “alguns vão morrer, lamento, essa é a vida” (MOTA, 2020), “Vamos enfrentar o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia” (BBC NEWS BRASIL, 2020) e “A gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo mundo” (FOLHA DE S. PAULO, 2021).

Esses discursos fazem equivaler as mortes por Covid-19 a uma ideia abstrata de morte, uma morte em geral porque natural, sobre o que se

baseia um segundo procedimento de equiparação: todos, inclusive o próprio chefe do Executivo federal, estão destinados ao mesmo fim das pessoas falecidas em virtude do vírus. Dessa forma, as condições específicas, muitas delas evitáveis, dessas mortes que Bolsonaro diz lamentar são dissolvidas em um fenômeno natural genérico que iguala a todos (FRANCO, 2022, p. 136).

Assim, com a produção de um discurso homogeneizante, despreza-se o fato de que os impactos da pandemia são distintos àqueles pertencentes a determinadas classes e grupos sociais – junto à “equiparação a uma morte genérica que também iguala genericamente todos os falecidos” (FRANCO, 2021, p. 139). As expressões da inevitabilidade da morte corroboram a ideia de que “as mortes por Covid-19 independem das escolhas políticas, das conjunturas sociais, das medidas sanitárias adotadas, pois são fatos tão inelutáveis e necessários quanto os fenômenos naturais” (FRANCO, 2021, p. 138).

O governo de morte seguiu com a “desqualificação sistemática de dados e indicadores epidemiológicos” (FRANCO, 2021, p. 143). Declarações presidenciais questionavam pesquisas e incitavam a desconfiança da população; ademais, emulam que:

as estatísticas alteram a realidade, servindo para fomentar a “histeria”, o “alarmismo”, o “terrorismo”, o “pânico”, enquanto suas declarações no sentido de naturalizar as mortes reduzidas a mortes genéricas são as únicas capazes de retratar fidedignamente a situação da pandemia no Brasil (*ibidem*).

Uma das estratégias é manipular o espectador afirmando que mortes por consequências da covid-19 não deveriam contar com a infecção como causa. Um exemplo foi a insinuação de Mário Frias que o ator Paulo Gustavo não morreu em decorrência do vírus (MARTINS, 2022) – a morte do humorista, aos 42 anos, após mais de 50 dias internado, foi o estopim para manifestações populares contra a gestão e a favor da vacinação.

As políticas de divulgação de dados foram (re)forjadas nesse cenário anti-informação e normalizador. Segundo Folha de S. Paulo (2020), no dia 5 de junho de 2020, o Ministério da Saúde apagou os números até então publicados e abortou os boletins diários, passando a disponibilizar somente os casos e óbitos das últimas 24 horas. Então, junto à Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República (Secom), criou o Placar da Vida, campanha “que tinha como base apresentar o número de infectados e os ‘brasileiros salvos’, omitindo o número de óbitos totais e diários” (KUDEKEN, 2020).

Em suma, todas as estratégias supracitadas compõem:

A negrogovernamentalidade, (que) ao gerir os corpos, gere as subjetividades, definindo quais mortes poderão ser pranteadas na sociedade e quais desaparecerão sem deixar qualquer rastro. Essa distribuição diferencial do luto tem ainda outra função: induzir a generalização de formas melancolizadas de subjetividade, por meio das quais o poder encontra modos mais sutis e efetivos de dominação (FRANCO, 2020, p. 98).

Percebemos que os velhos foram alvos de especial sofrimento ao longo da pandemia. De acordo com SEADE (2022), os idosos representaram 15,3% do total de contaminados notificados. A letalidade da doença aumentou conforme a idade: de 5,6% em nonagenários, 16,3% em octogenários, 22,8% em septuagenários, 23,6% em sexagenários – comparado a 1,2% em vintenários, 4,4% em trigenários, 9,3% em quadragenários e 16,5% em quintagenários; sendo, respectivamente, de 37,6%, 28,2%, 16,8% e 8,6% – comparada a 0,2%, 0,6%, 1,5% e 3,6%.

Considerados pelos gestores públicos integrantes do “grupo de risco”, os velhos foram os mais vulneráveis à morte por infecção, condição agravada quando interseccionada a questões de gênero, raça e classe. O perigo biológico, inseparável da política que o geriu, foi apenas um dos fatores que, como diz Beauvoir, (1970/2018), mantiveram turva a tranquilidade dos velhos nesse período:

Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020. Grifos nossos), “houve um aumento significativo da violência contra as mulheres, *idosos* e crianças”. Parte delas veio – incitada ou diretamente – por agentes do governo. Vejamos:

- O ministro Guedes critica o aumento da expectativa de vida: “Todo mundo quer viver 100 anos (...) longevidade é insustentável para os cofres públicos” (NADIS, 2021).
- “Daqui a pouco você percebe que avô não serve pra nada”, postou Ítalo Marsili em seu perfil do Instagram (IGNBOARDS, 2021);
- “Famílias que cuidem de seus idosos”, diz o presidente Bolsonaro sobre a proteção ao grupo não ser da “conta” do Estado (CARTACAPITAL, 2020).
- No dia 08/04/2020, Bolsonaro negou o dever de assistir a população velha. Afirmou que “cada família tem que proteger seus idosos, não jogar isso para o Estado. É colocar os idosos em casa e o resto ir trabalhar, porque os empregos estão sendo destruídos” (FOLHA, 2021).
- No dia 16/03/2020, Bolsonaro afirmou que “Tudo bem que vai ter problema. Vai ter. Quem é idoso e está com problema ou deficiência. Mas não é isso tudo que dizem” (*ibidem*).

- No dia 26/03/2020, a idosa Maria Lopes de Souza faleceu por covid-19. No mesmo dia, Bolsonaro declarou em sua live (LEMOS, 2021. Grifos nossos): "Hoje Goiás anunciou uma morte (pela covid-19). *E essa pessoa que faleceu lá tem três outras enfermidades*"

“O Brasil não pode parar” (CNN BRASIL, 2020), bradava o slogan do Governo, pregando que o isolamento deveria se restringir aos idosos – justamente quem primeiro deveria ser protegido das contaminações que os demais levariam a eles –, em prol de uma continuidade econômica a qual essa classe economicamente inativa seria um impasse. A justificativa que repetiam, “pela economia”, é tão vaga quanto falaciosa: as mortes de idosos por Covid-19 retiraram R\$ 3,8 bilhões de circulação do (tão caro) mercado (IPEA, 2020), sendo que a razão de dependência em São Paulo varia de 46,2 a 11,3 (SEADE, 2019). O Brasil voltou ao mapa da fome (JORNAL NACIONAL, 2022), o número de pessoas sem carteira assinada no setor privado atingiu 13,2 milhões (UOL, 2022), enquanto:

O capitalismo neoliberal brasileiro deitou e rolou. Seguradoras obtiveram lucros exponenciais, empresas de plataforma on-line cresceram enormemente graças à exploração maciça da força de trabalho, mais ou menos qualificada, serviços funerários particulares funcionaram a todo vapor, operadores de ações sorriam largo nos pregões. Longe do banquete de uns poucos, uma massa de brasileiros largados à própria sorte morria diariamente por Covid-19, mesmo que alguns tenham sido submetidos aos protocolos de “tratamento precoce” com hidroxiquina, o santo do qual o governo Bolsonaro esperava em vão um milagre. Sustentando nos próprios ombros o fardo do adoecimento e da morte de familiares, mães e pais, filhas e filhos, irmãs e irmãos precisaram transportar pacientes em estado gravíssimo em táxis pagos com vaquinhas comunitárias, improvisar áreas de isolamento de cadáveres em habitações precárias, chorar diante de sepulturas coletivas abertas às pressas por funcionários cansados e precarizados, nos cemitérios de massa do Brasil afora (FRANCO, 2021, p. 140-141).

Levada às últimas consequências, com a licença hiperbólica, o governo e seus adeptos pregavam o sacrifício de velhos – como, literalmente, aconteceu nas dependências da Prevent Senior – em nome do capital. “Vidas idosas importam” (MOROSINI, 2020), reagia o movimento contra o etarismo, sem obter apoio institucional ou midiático.

E não se sabe, ainda, o fim dos impactos. Chapina & Lopes (2006) advertem que as mudanças demográficas são acompanhadas das epidemiológicas: autoras apontam a prevalência de doenças crônicas não transmissíveis quando a morbidade predomina sob a mortalidade. Isto é posto para dizer que sequelas a longo prazo da

Covid-19, que, se não nos atuais velhos, revelar-se-ão nos futuros, conferindo um novo desafio à saúde pública.

Os impactos identitários-metamórficos, tanto do risco pelo vírus e seu consequente aguçamento da fugacidade da vida, quanto da pandemia que mira os velhos, serão investigados no decorrer desta pesquisa.

## V) METODOLOGIA

Nos escritos-testemunhos de velhos, é central a valoração dos atos que “levam adiante a história que cada um tem” (MURAKAMI, 2022, p. 98). Nas palavras de Hesse (2018, p. 72. Grifos nossos):

O que seria de nós, os velhos, se não tivéssemos *o álbum da lembrança, o tesouro da vivência!* Seria uma lamentável pobreza. No entanto, *somos ricos e temos a oferecer*, ao fim e ao esquecimento, não apenas um corpo usado, mas também *o receptáculo daquele tesouro* que há de viver e brilhar enquanto respirarmos (HESSE, 2018, p. 72. Grifos nossos).

Também discorre Bobbio (1997, p. 53-55. Grifos nossos):

*O grande patrimônio do velho está no mundo maravilhoso da memória, fonte inesgotável de reflexões sobre nós mesmos, sobre o universo em que vivemos, sobre as pessoas e os acontecimentos que, ao longo do caminho, atraíram nossa atenção. (...) Este imenso tesouro submerso jaz à espera de ser trazido de volta à superfície durante uma conversa (...)* O mundo do passado é aquele no qual, recorrendo a nossas lembranças, podemos buscar refúgio dentro de nós mesmos, sobre nós mesmos e nele reconstruir nossa identidade; um mundo que se formou e se revelou na série ininterrupta de nossos atos durante a vida, encadeados uns aos outros, um mundo que nos julgou, nos absolveu e nos condenou para depois, uma vez cumprido o percurso da nossa vida, tentarmos fazer um balanço final. (...) Nada de parar. *Devemos continuar a escavar!* Cada vulto, palavra ou canção, que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.

Preocupado com o que se perde quando um velho deixa de narrar suas histórias, o Bobbio tece uma ilustração (*idem*, p. 43): por três dias, teve uma irmã, sendo, no momento da escrita, seu único conhecido vivo – se não narrasse a respeito, a existência dela seria apagada da história. “Muitas pequenas coisas acontecidas no planeta estarão esquecidas para sempre” quando faltamos com a transmissão, retoma-se Gullar (2016, p. 39).

Justamente, um dos papéis sociais atribuídos à pessoa idosa é o de ser a memória coletiva dos grupos sociais a que pertence, narrando suas histórias e transmitindo seu legado cultural (VALENÇA & DOS REIS, 2015) – a despeito de, atualmente, raramente ser oferecida a eles oportunidade de compartilhar suas experiências (*ibidem*). Essa memória social permite a manutenção da identidade grupal, mostrando-se como elo vivo entre gerações, transmitindo a história de um passado vivo e experimentado (BARROS & BARROS, 2014). Reiterando que um

sujeito representa o universal, narrar uma história é contar também dos processos grupais e dos sujeitos envolvidos nestes.

A tarefa do pesquisador é desvelar como a universalidade se expressa e se concretiza na singularidade, ou, mais que isso, como a universalidade se expressa e se concretiza na diversidade de expressões singulares do fenômeno (PASQUALINI & MARTINS, 2015).

Em *A estória do Severino e a história da Severina* (1987), Ciampa utilizou a *narrativa de história de vida* como metodologia, analisando duas exposições biográficas – a do Severino de João Cabral de Melo Neto (2007) e a do sujeito Severina – para apreender a identidade e costurá-la a sua teoria; valeu-se do método também Bosi em *Memória e Sociedade* (2004), tese em que lançou luz sobre “camadas da população excluídas da história ensinada da escola” ao “colher memórias de velhos”: eis as principais referências desta pesquisa.

Esse instrumento proporciona “o protagonismo e a autonomia do sujeito/autor da narrativa” (MIRANDA, 2021, p. 21). Segundo Alves (2017), dele são esperados três fenômenos: exposição dos significados sociais e dos sentidos atribuídos à dimensão social em que está inserido; articulação de suas experiências e lembranças com atividades do presente e projetos de futuro; e observação de que a subjetividade é dada por intermédio da sociedade e linguagem. Ainda de acordo com a autora (1995, p. 24), em caso de participação solicitada, é oferecido o benefício de ensejar um olhar a experiências, desejos e emoções, e assim pensar nas relações entre tempo cronológico e narrado e nos significados atribuídos a momentos da vida; já os riscos do processo consistem em fadiga devido à fala e emersão de afetos.

Com base na proposição de que ao falar de velhos se fala da velhice, narrativas serão trabalhadas em dois capítulos:

#### *i) Vida vivida*

Ter vivido uma coisa, qualquer que seja, dá o direito imprescritível de escrevê-la (ERNAUX, 2022, p. 35). Segundo a autora – que no dia 06 de outubro de 2022 ganhou o Nobel “pela coragem e acuidade clínica com que desvenda as raízes, os estranhamentos e os constrangimentos coletivos da memória pessoal” (G1, 2022) –, “viver um fato e não fazer nada com ele é como um dom recebido e desperdiçado”

(2022, p. 16), cuja ausência de relato estaria “contribuindo para obscurecer a realidade” (*idem*, p. 35).

Este capítulo, então, será composto pela narrativa colhida da vida vivida, em uma pesquisa participante que se impôs além das previsões acadêmicas: estudou-se a velhice enquanto ela foi assistida; usou-se da teoria de velhos que a exibiam em suas próprias vidas

Serão, então, narradas as metamorfoses do velho Ciampa e daqueles que compuseram sua história. O instrumento serão as anotações da pesquisadora. Sua organização, que detém algo de experimental, é uma simples resposta à provocação do velho Hemingway (2000, p. 138. Grifos nossos): “escreva o melhor conto que lhe for possível e *o mais honestamente que puder*”.

#### *ii) História narrada*

Esta seção virá de uma história colhida, cuja autoria é de uma pessoa velha que habita território vulnerabilizado. A pesquisadora se fará ouvido, transcrição e conexão à teoria.

O sujeito será uma pessoa idosa, de acordo com a definição da OMS e do Conselho Nacional do Idoso; residente da Brasilândia; encontrada por meio de indicações de colegas da Universidade que moram na região; e cujo anonimato será preservado – nomes próprios serão trocados por outros de sua escolha.

Ciampa (2005) previu a questão “Quem é você?” como fundante do estudo da identidade. Este sentido será buscado com a solicitação disparadora “me fale sobre você, para que eu possa compreender quem você é” – afinal, a história de vida pressupõe que o indivíduo tome posse como protagonista, e não respondente de perguntas. Espera-se “apreender não somente de um passado, mas também do presente, visto que a história deve ser composta do sentido de um agora” (VEIGA & ALVES, 2020). Se, ao final, não houver menção à conjuntura pandêmica, recorte da contemporaneidade que se pretende destacar, será pedido “me conte como foi viver nesse momento de pandemia?”

A fim de propiciar seu conforto, a conversa ocorrerá no local por ele indicado – conta-se com a possibilidade de um encontro on-line, possibilidade utilizada amplamente em virtude à conjuntura pandêmica. Esta será gravada por meio do celular pessoal da pesquisadora (Samsung Galaxy A03) e transcrita em seu

computador Acer manualmente, no Microsoft Word. O início da interlocução será a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (anexo 1), com respeito aos critérios de acessibilidade e compreensão, assegurando todos os critérios éticos de pesquisas com seres humanos em Ciências Humanas e Sociais (CHS).

O material coletado será organizado “em sentido cronológico, para melhor apreensão das metamorfoses identitárias” (MIRANDA, 2021, p. 122). A análise – que pretende explicitar constructos teóricos e contradições – se realizará a partir da hermenêutica, de forma que o pesquisador possa captar

o sentido que o presente narrado traz do passado vivido e do projeto anunciado. É no presente que o que foi e o que planeja ser se manifesta através da narrativa, e esta, por sua vez, possibilita tornar visível o estar sendo, numa sucessiva exposição de personagens que desempenham papéis sociais (VEIGA & ALVES, 2020, p. 09).

## VI. HISTÓRIAS

Esta seção contemplará as histórias colhidas e suas respectivas análises à luz da Psicologia Sócio-Histórica, operando o sintagma identidade-metamorfose-emancipação operado por Ciampa.

### VI.I Vida vivida

Você entrou no inverno da vida.  
*Paul Auster*

*Metalinguagem.* Para além das previsões acadêmicas, este mestrado proporcionou outra sorte de experiência: um expediente de contemplação participativa de possibilidades humanas, no qual a própria velhice se descortinou. Vida, obra e continuidade da teoria ficam embaraçadas em um testemunho cuja organização pretende ser, também, uma homenagem.

Mas se responder não pude  
 à pergunta que fazia,  
 ela, a vida, respondeu  
 com sua presença viva.  
 e não há melhor resposta  
 que o espetáculo da vida:  
 vê-la desfiar seu fio,  
 que também se chama vida (MELO NETO, 2007, p. 103).

Assim é finalizada *Morte e Vida Severina* (2007), peça que originou a tese *A Estória do Severino e a História da Severina* (1987) – estão encadeados o teatro e o “sair de cena” (ROTH, 2009): aqui seguirá uma montagem do último ato de Ciampa a partir de histórias colhidas no caleidoscópio do encontro com seu personagem velho. Quem foi este?

Nas aulas, o homem atrás do autor era aludido no presente e eu não sabia onde ele estava. O Google e as redes sociais foram parcimoniosos. Recorri temerosa a um amigo – ele disse que o professor possuía uma doença degenerativa; reunidos na saída, repeti a pergunta aos colegas: *ele tem um problema autoimune e não pode sair.* A discussão procedeu no carro, onde o doutorando mais velho adicionou detalhes: *ele tá vivo, sim. Era o menino dos olhos de Silvia Lane, sabiam?*

“Nenhum aluno pela graduação de Psicologia e se torna psicólogo ou psicóloga sem conhecer a sua obra” (ZANERATTO, 2019, 10min30-10min39). Quanto à sua

imagem, compartilhamos a contida no vídeo do CRP (2019), no qual fala que, formado em 1968 (CFP, 2022), foi da primeira turma de Psicologia na PUC-SP – 21 nos separaram.

Atrevi-me a acabar com a dúvida: segundo Cecília Pescatore, ele se retirou devido a problemas de saúde, cânceres, tratamentos, tantos que foi afastado da docência algumas vezes: sofria as sequelas da sobrevivência. Se até aqui houve alguma tentativa de reconstituição de sua trajetória, sua elevação foi à investigação – a partir de rastros, depoimentos e da própria experiência de contemporaneidade – da identidade e suas metamorfoses. Justamente, as peças principais dessa jornada são personagens que encaixam a partir da própria velhice, a saber, Ciça e Juracy de Almeida.

Conheci Jura na primeira reunião do núcleo, via *Google Meet*, dia 23 de fevereiro. Ciça falou que ele *nos deu um susto*: teve um AVC. Ao me apresentar pela primeira vez enquanto *pesquisadora*, indicaram a tese dele. Ele se deu ao trabalho de enviá-la por e-mail antes de nossa primeira aula: *Olá Paula, segue o texto da minha tese. Espero que ajude. Até daqui a pouco.*

Sua presença, da qual saberia mais posteriormente, era querida por todos. Durante suas falas, que por vezes eram penosas – exigia que tirasse a máscara –, ouvia-se junto o silêncio da atenção e do respeito que todos voltavam a estas. – *Jura, o que você tá fazendo aqui? – Aprendendo a aprender.* Quando novamente indagado, respondeu que veio *aprender a contribuir, já que narrativa é um negócio rico.*

Muito ricas eram também as conversas fora da sala. Um dia, antes da aula começar, no parapeito, com mais três alunos debatia um jogo da Turquia na Copa de 2022 – que eu não tinha vida útil para lembrar. Quando Ciça chegou, prosearam sobre a paisagem interrompida por novas construções – segundo ela, de lá antes via-se até o Pico do Jaraguá. Quanto às mudanças – olhando o horizonte e imaginando o deles, perguntei-me se sentiam falta do céu mais estrelado da época.

No fim das aulas, descíamos as rampas, todos juntos, em seu ritmo vagaroso. Certa vez, falávamos sobre nossas respectivas graduações. Jura contou ter sido presidente da Atlética, enquanto Ciampa, do CA – *ele era do DCE... Não era bom nos esportes (risos).* Passando pelas fotos em preto e branco expostas no corredor – nas quais nunca tinha de fato reparado –, suspira: *que saudades do meu campinho.*

Ele pedia ajuda com a tecnologia, como quando pediu para virar as páginas de um texto escaneado e perguntou, por e-mail – como é incomum – qual a bibliografia

da semana seguinte. Uma noite o auxiliei com o Uber depois dele me passar, com suas mãos trêmulas, seu celular de letras grandes. Vi em sua pasta um exemplar novo, ainda com a nota fiscal entre as páginas, do livro de Ciampa – o autografado não tirava de casa. Disse que queria ter o meu assinado: *agora não dá mais*.

Reconheci o tom profético dessa asserção no dia 29 de março, quando fomos assaltados pela mensagem de Ciça: *pessoal, é com muita tristeza que comunico a todos o falecimento do nosso querido mestre Ciampa*. Entre as respostas de pesar e os combinados para a coroa de flores, uma *selfie* com o pós-doutorando: *vai em paz, querido mestre e amigo*.

Seu velório foi a única ocasião em que o vi pessoalmente. Reconheci o velho que construí por fotos e vídeos, confirmei sua baixa estatura e seu traçar elegante – sua viúva, Lili, escolhia suas roupas e combinava as cores até de suas meias. Fui apresentada a ela, demos as mãos. Perguntaram se sou filha de Ciça – um pouco atordoada e não impecavelmente arrumada, como de costume, me envolveu de afeto: *poderia ser*. Então reencontrei Graça, que lembrou da amiga com quem fiz seu seminário e pôde envelhecer bem pouco.

No mesmo dia, as Instituições prestaram suas condolências. Foi lançada a nota de Luto no Jornal da PUC (2023):

A Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde encontra-se em luto pela perda inestimável dos professores Antônio da Costa Ciampa e Regina Sônia Gattas Fernandes do Nascimento. Prof. Ciampa e Profa. Regina Sônia, psicólogos, professores e queridos colegas, que deixam grande legado científico e profissional para a Psicologia e para a história da PUC-SP. Aos familiares e amigos, nossas condolências.

No Conselho Federal de Psicologia:

Ciampa deixa uma vasta contribuição para a Psicologia Social brasileira como um dos pioneiros da produção científica sobre o conceito de identidade. Com uma trajetória dedicada à produção científica, tecnológica e artístico-cultural em temas relacionados à identidade social, Antonio da Costa Ciampa deixa enorme legado à Psicologia como ciência e profissão (CFP, 2022).

E na Associação Brasileira de Psicologia Social:

Comunica[mos] o falecimento do companheiro e colega de profissão e luta, nosso querido professor Antonio da Costa Ciampa, um dos grandes nomes na construção de uma psicologia social crítica, engajada e dedicada a pensar os problemas do Brasil. (...) [Seu] exemplo reforça o compromisso de todos nós, em particular da ABRAPSO, de lutar contra a opressão, as desigualdades sociais, as formas de discriminação, por uma sociedade mais humana (ABRAPSO, 2022).

Como registro pessoal, fiz post no Instagram e ele e velhos queridos que faleceram na mesma semana – Lygia Fagundes Telles, Elifas Andreato e Carlos Emílio. Comentou Annita Costa Malufe: *Ciampa era muito amigo de meus pais, eu o adorava também*. Seu pai foi José Roberto Malufe, cujo nome o Núcleo já levou. Segundo Jura, *desde o início das preocupações com a identidade, eram nós três, eu, Malufe e Ciampa, e a partir da trocas de ideias foi sendo desenvolvido o estudo da identidade. Malufe... esse é um que foi também*, lamentou Ciça.

O NEPIM fez pausa de sete dias. O retorno foi sustentável com nosso companheirismo. Era previsto que discutíssemos um capítulo do Livro em que Severina expõe a fleuma de seu patrão. Jura começa a rir: *estou lembrando das características do amigo*. Como não raro, ele fez brincadeiras paralelas com os dois doutorandos – os três meninos tendo a atenção chamada pela professora. Parecia mais afetado do que na cerimônia de despedida, na qual me recebeu com sorriso.

Encontramo-nos na missa de sétimo dia; Lili se sentou na primeira fileira e Jura parecia mais abatido. Na quarta seguinte, estava na mesa do café lendo Severina quando ele se juntou, ouviu mal, tendo confundido “terça” com “sexta” duas vezes. Negou ter ido à homenagem que a PUC organizou ao *amigo* e à professora Regina Sonia Gattas, falecida no mesmo dia: *muita emoção*. Nesta, discursou Ciça<sup>12</sup>:

---

<sup>12</sup> Segue na íntegra: *Boa tarde a todos, todas. Eu quero começar dizendo, que eu tive o privilégio, assim como tantos outros, de ser orientanda do Ciampa, tanto no mestrado quanto no doutorado. E que, na homenagem que nós fizemos pro Ciampa, por conta de sua aposentadoria em 2019, eu tive a oportunidade de dizer a ele próprio, e aqui, em público, neste mesmo auditório, que eu tinha clareza que nossa relação de mestre e aluna foi se transformando numa parceria que contemplava admiração, respeito, e se metamorfoseava numa amizade repleta de afeto. E que a tarefa que me dava, naquele momento, de coordenar o NEPIM, era uma honra e um desafio. Eu era muito grata pela confiança, carinho, e pela amizade e afeto que ele me dedicava. Mas sobretudo, pela aprendizagem que ele sempre me possibilitou. Hoje, aqui, reafirmo o que disse naquele momento. (...) O NEPIM é o Núcleo de Estudos em Psicologia, Identidade e Metamorfose. Ele foi nomeado assim com a formalização dos núcleos de psicologia de pesquisa no programa de Psicologia Social em 1990, mas sua origem é muito antes: quando no final dos anos de 1970 surge o Grupo Interdisciplinar de Pesquisas Sobre Identidade Social, coordenado pelo professor Roberto Maluf, no Programa de Psicologia da Educação. Nesse tempo, sob a coordenação do Ciampa, um outro grupo surgia no programa de Psicologia Social, que estudava identidade. Em 1983, ambos se integraram como o Grupo Interdisciplinar sobre Identidade, da PUC. E em 1985, com a morte do professor Roberto Maluf, e até 1990, o grupo passou a ser denominado Grupo de Pesquisa sobre Identidade José Roberto Maluf. Então, sempre sob a coordenação do Ciampa, o NEPIM reúne estudantes e pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para a elaboração de uma teoria sobre identidade cuja base foi lançada com a tese de doutorado, como bem falou Salvador: “A história do Severino e a história da Severina”, que ele defendeu em 1986. (...) Assim como em sua obra, sempre nos dizia que a emancipação é apenas uma possibilidade, uma utopia que deve ser perseguida, lembro aqui o que Eduardo Galeano nos falou sobre utopia: “Para que serve a utopia? Eu sei muito bem que nunca alcançarei”, diz Galeano, “que se eu caminhar dez passos, ela ficará dez passos mais longe. Quanto mais eu buscar, menos eu a encontrarei, porque ela vai se afastando à medida que eu me aproximo. Boa pergunta, não?”, ele nos*

*Eu não tenho palavras para expressar os sentimentos que me invadem desde a última terça-feira. Uma mistura de dor pela saudade e orgulho pelo professor que tive o privilégio de conviver por trinta anos. Foram muitas as experiências. E é nesse sentido, com meu coração inflamado, transbordando de emoção, que falo a todos, mas agora em nome do NEPIM. Sua obra revela o autor, que ao buscar compreender a relação indivíduo-sociedade, propicia uma teoria em construção, e aqui falo uma teoria em construção, porque todas as vezes que alguém dizia “a teoria do Ciampa”, ele dizia: “Não, eu não fiz uma teoria. Essa teoria está sendo construída coletivamente”, como bem nos lembrou Salvador. Afirmando aqui o que muitos já anunciaram: Ciampa construiu um legado que será eterno em nossos corações. Transcende a base para a construção de uma teoria. Sua vida nos proporcionou referência de humildade, coragem e compromisso ético. Seu principal objetivo sempre foi reunir conhecimento acerca das possibilidades da emancipação humana. “Uma vida que merece ser vivida”, como ele bem dizia. Nos ensinou com maestria que o que importa é a luta com a vida, com autonomia e consciência, preza de respeito e admiração pelo outro. Em homenagem ao admirado, amado mestre e amigo, nós todos, do NEPIM, declaramos respeito e gratidão ao professor Ciampa por muitos motivos. Entre eles, por nos ensinar os caminhos para a produção do conhecimento e a gentileza para com o outro ao longo desse processo. Por nos ensinar como caminhar nas jornadas acadêmicas, profissionais e de militância. Por nos possibilitar perceber que a postura de humildade diante das adversidades pode representar segurança nas decisões, e não fragilidade. Por deixar um pouco de si para todos aqueles que entraram em contato com seus ensinamentos, e todos que ainda entrarão, já que sua obra é atemporal. E como Salvador nos disse: ficará eterna. Por nos inspirar com uma produção que as práticas cotidianas podem ser subvertidas e promoverem utopias emancipatórias. Por ter deixado um legado para a Psicologia Social Crítica, o sintagma Identidade-Metamorfose-Emancipação. Por ser nosso grande mestre e amigo. Por permanecer vivo em nossos corações.*

---

*fala: “Para que serve a utopia, pois? Pois bem, serve para isso: caminhar”. Liliâne, Fernão, todos aqui presentes, o NEPIM continuará o caminho que Ciampa nos ensinou. Finalizo citando um textinho de sua obra. Diz ele: “Hoje, não alimento mais certezas. Aliás, tenho a certeza que não há um caminho único. O mundo não é feito apenas de coisas certas ou erradas. Há mil caminhos. A vida polimorfa, sempre se metamorfoseando. Hoje, a surpresa do futuro. É pensando assim que vivo hoje, numa busca infundável da identidade, da atividade e da consciência”. Muito obrigada.*

A transmissão de vídeo contou com inúmeros comentários, como: “*Ciampa, meu querido orientador e professor, sou grata por suas ideias, postura de vida...por tantas metamorfoses ...sua obra é um legado que seguirá adiante...!*” e “*o querido Ciampa iluminou, com suas ideias e seu sorriso, a mim, aos colegas que formou e à psicologia desse país. Deixa um obra incrível escrita em cada um de nós. Grande abraço à família*”.

A PUC guarda 60 anos de lembranças de Ciampa. O auditório de sua homenagem póstuma sediou a em vida, que aconteceu no dia 12 de dezembro de 2019, data em que seu personagem acadêmico saiu de cena ao som dos aplausos de parentes, amigos, colegas e alunos. Ciça estava em destaque na celebração de sua história:

*Quando mais recentemente, 2014, você me pediu para acompanhá-lo no NEPIM, já que eu havia me aposentado da Unital e estava me dedicando à PUC, não pude recusar o convite, mas não podia avaliar que, em tão breve tempo, você iria se aposentar e me faria um novo pedido para continuar no Núcleo.*

*Ciampa, serei grata eternamente por estar sendo meu mestre, e me ensinado os caminhos para a produção do conhecimento, e a gentileza para orientar um aluno. Por estar sendo companheiro de tantas jornadas acadêmicas, profissionais e de militância. Por me possibilitar perceber que a postura de humildade diante das adversidades não precisa representar uma fragilidade. Muito pelo contrário: segurança nas decisões. Em meu nome e de todos no NEPIM, seremos eternamente gratos por você estar sendo nosso grande mestre e amigo dedicado. Estendo minha homenagem à Liliane, sua esposa dedicada e querida, por quem dedico todo meu afeto. Obrigada, querido mestre<sup>13</sup>.*

---

<sup>13</sup> Segue a fala na íntegra: *Querido mestre. Eu pensei muito no que iria dizer hoje para você nesse momento de homenagem. A minha decisão não era porque não tinha nada para dizer, pelo contrário, porque vivemos uma longa jornada e eu tinha muita coisa, tinha que fazer algumas escolhas. Então eu decidi expressar, em poucas palavras, algumas das vivências da longa jornada que nós tivemos juntos, que eu tive com você. Eu vou pedir licença pra você, pra todos, para eu ler, porque eu fiquei com medo de não dizer todas as coisas que eu queria dizer. Ciampa, te conheci em meados da década de 1980, quando cheguei à PUC-SP no programa de pós-graduação em Psicologia Social. Naquele momento, eu buscava subsídios para uma atuação profissional que pudesse ser comprometida com a realidade social brasileira. Naquela época, eu vinha de uma atuação com adolescentes institucionalizados, e isso estava me abrindo perspectivas de uma atuação profissional que eu ainda não tinha visualizado. Meu primeiro encontro aqui na PUC foi com a Silvia Lane e com a professora Maria do Carmo Guedes na minha entrevista de seleção para o mestrado. Encontro este que me marcou profundamente, me fez ter a certeza de que eu estava num caminho novo, e com muitos desafios. No decorrer do mestrado, foi um conjunto de mestres e intenso estudo me abriram perspectivas e possibilidades, mas também, muitos conflitos e desafios. Mas nosso encontro como orientador e orientanda foi feito pelas mãos de Silvia. E eu falo literalmente pela mão, porque ela me pegou pela mão e disse: “Vou te apresentar um*

Depois de sua fala, Suélen, segurando suas costas, conduziu Ciampa ao palco – que sozinho se virou à plateia e ergueu, sorrindo, as flores que ganhou. Os professores do núcleo se juntaram para uma foto, Ciça colocou o relógio em seu pulso. Convidados foram ao microfone – declarou Ruth Lopes:

*No momento que você foi me mostrando na minha dissertação como a literatura poderia ilustrar os temas ligados ao envelhecimento foi muito legal. Lembro também de alguns momentos com você, como no dia da defesa, que você finalizou a sua fala, dizendo que, o que não estava escrito, é porque eu ainda estava digerindo, e você tinha certeza que depois eu colocaria em cena esse material. E eu acho que acreditei nisso, né? E fiz parte junto com a Vera do grupo, que construiu a gerontologia, acho que muito por este seu apostar em mim. Nem sempre eu me comportei muito bem com você, como quando você passou pela primeira cirurgia, que eu exigi que você me orientasse, que eu tinha o direito. Acho que eu nem podia pensar nesse seu*

---

*ótimo professor que vai poder orientar o seu trabalho”. E me dirigiu a você, que me acolheu, com dedicação ao meu tema, generosidade e compreensão. E eu vou enfatizar compreensão, porque ao longo do mestrado, tive dois filhos: o segundo e o terceiro. Quer dizer, foram muitas licenças: minha e sua também. Ainda bem que naquela época, a gente não tinha um tempo tão apertado pra fazer um mestrado. Senão, já era, não ia fazer nunca! Mas também, nesse período de elaboração de mestrado, foi intensa a aprendizagem. Tanto teórica, profissional, como também de militância. Seu apoio intelectual, seu exemplo de ação na relação com o aluno e com a produção de conhecimento me possibilitou desempenhar com mais segurança o papel de mestranda, professora, doutoranda e integrante da ABRAPSO. Me lembro, que quando fiz o concurso da Unital, eu tinha 24 horas após o sorteio do tema para elaborar uma prova didática, aí liguei pra você, e disse: “Ciampa, me dá uma ideia! Como eu dou essa aula?”, era um tema enorme. Ai você me disse uma frase teórica, e depois me disse assim: “Vai em frente que você consegue”. E isso me possibilitou, em poucas horas, elaborar uma aula e passei no concurso. O que eu aprendi com aquilo? Que a confiança de quem você admira, depositada em você, é fundamental para que você possa enfrentar qualquer desafio. No início dos anos 1990, suas preocupações com a construção da Psicologia Social se intensificavam. Já tínhamos no núcleo várias produções sobre identidade. Né, Sueli? Você lembra. Já tínhamos iniciado as pesquisas sobre política de identidade, e você deu continuidade a esse empenho com a criação da Oficina Metamorfose. Executamos trabalhos de pesquisa fora da universidade, e foram muitos. Neste caminhar, nossa relação de mestre e aluno foi se transformando em uma parceria que contemplava admiração, respeito, e se metamorfoseava em uma amizade repleta de afeto. Assim foi que, quando você assumiu como editor da revista Psicologia e Sociedade, pude compor, com uma equipe maravilhosa, a comissão editorial sob sua liderança. Esta foi uma experiência sem igual, pela dinâmica, competência e clima democrático que conduziu um trabalho com tantas exigências políticas e acadêmicas. Trabalhamos juntos, também no programa de pós-graduação da Universidade de São Marcos. Colegas, então em atuações diferentes, só intensificou nossa amizade e nos proporcionou várias metamorfoses. Nunca nos distanciamos, mesmo quando as obrigações decorrentes da minha atuação profissional como docente me ausentaram do NEPIM (...). Essa tarefa representava uma honra, mas um novo desafio, que eu só pude empreender por conta dos anos que estudamos e trabalhamos juntos, mas fundamentalmente pela relação de parceria que formamos. Agradeço muito a confiança, o carinho, e mais que tudo, a amizade preta de afeto que me dedica. Espero estar correspondendo a confiança em mim depositada, mas tenha certeza, Ciampa, que para isso, eu tenho contado com a colaboração de muitos que você também formou e nutriu o desejo de continuar construindo o que você genialmente iniciou: uma teoria sobre identidade. Estou nessa empreitada e tenho contado com a dedicação do Jura e dos parceiros de outras instituições e de seus amigos, e de todos que já estiveram no NEPIM, ou que estão atualmente, assim como alunos e colegas da PUC.*

*sofrimento, eu não admitia, eu queria estar perto de você, e eu tive toda a corda da Liliana, que me dizia: “Vem aqui! Ele pode sim te orientar!”, e você me acolheu mesmo num processo de recuperação muito delicado. E eu acho que você hoje me deu outro presente, porque quando Maria do Carmo mostra, na tua genealogia, que eu fui uma das suas orientadas que mais produziu, uma descendente, aí, eu fiquei toda envaidecida, de poder te dar este presente, em retribuição a tudo que você investiu em mim. Muito obrigada, Ciampa.*

Jura se levantou rápido e discursou sem esforço:

*Amigo, irmão, companheiro, padrinho de casamento, e tantas outras coisas. Desde nosso tempo de invasores da PUC, passando por tantas caminhadas do DCE, do TUCA, do Morte e Vida Severina, da criação do Núcleo de Estudos em Identidade, junto com nosso antigo amigo, Zé Roberto Malufe, até os dias de hoje, que você entrega à PUC e entrega à Psicologia Social um grande legado. Eu não quero falar na convivência que nós tivemos, mas eu queria dizer que todos os seus ex-alunos, todos os seus ex-orientandos trazem você no coração. Por tudo que já foi dito aqui, mas todos eles, pela PUC e ABRAPSO, somos todos extremamente gratos a você, por sua acolhida, por sua proteção nos momentos difíceis, pelo seu abraço amigo, pelo incentivo, e por você fazer daquilo que você ensina um modo de vida pelo qual você trata as pessoas. Acho que eu, como amigo, seus ex-orientandos, seus amigos, e esta PUC, inclusive numa sala que é muito especial, porque aqui você defendeu o seu doutorado, né? Só temos a agradecer a você. Acho que todos nós podemos dizer: obrigado, Ciampa. Você faz parte de nós.*

Enfim, Ciça o ajudou Ciampa com o microfone. Todos se levantaram enquanto ele enxugava suas lágrimas:

*Vocês não podem imaginar o quanto que eu tô emocionado. E isso me dificulta até pra falar. A minha vida foi uma grande felicidade, pra mim. E todos vocês, a todos vocês eu sou devedor nesse acolhimento do trabalho e não quero estragar a noite chorando, embora esteja muito emocionado. Obrigado. Obrigado. Obrigado.*

No dia 11 de junho de 2022, dois dias antes do que seria seu aniversário – no mesmo auditório, com os mesmos mediadores –, foi sediada a terceira homenagem, a festiva *Minha Vida com Ciampa*, dividida nos atos: I) personagem Ciampa-família; II) estudante-militante; III) acadêmico-colega de trabalho; IV) pesquisador; e V) professor-amigo-orientador.

Cheguei ao som de *Funeral de um Lavrador*, na versão da peça que ele assistiu no dia 11 de setembro de 1965 – na minha opinião, a melhor das que encontrei enquanto buscava por esta. Naquele dia, uma montagem estava em cartaz no TUCA – um grupo fora no dia anterior, como parte do evento; Ciça percebeu saber quase todo seu texto.

Sentei-me no fundo, de onde via várias cabeças encanecidas. No telão, alteram-se vídeos de amigos, em sua maioria velhos – Raul Pacheco contou que ele sempre entrava na sala ao lado de Juracy – e fotos: no TUCA com Inez Cabral<sup>14</sup>, com amigos em um aniversário em sala da própria PUC, com Juracy à entrada da velhice e uma montagem com jovem, em sépia, em meia idade e há pouco, com o dizer e o sorriso sempre no rosto. Lili vai ao palco, emocionada e com discreta trepidez: *Minha vida com Ciampa foi de uma riqueza... sorte de conviver com ele durante todos esses anos. Vocês sabem como é a vida de casados, com alegria e tristeza. Aqui tem muita gente querida.*

Ela chama Ciça, que emocionada se abana com as mãos e, dessa vez, não precisou ler para falar dos 30 anos com que esteve com Ciampa. Amigos foram à frente, como Wilson Pedro, que apresentou *slides* com sua história conjunta em uma linha do tempo. Nessa ocasião fiz minha primeira fala em auditório.

Vieram as férias. No retorno, com a pandemia mais branda, eu e Jura nos abraçamos pela primeira vez – pude sentir a fragilidade de seu corpo e, sem máscara, saber mais de seu rosto. Marcado por lesões e pela gravidade, ele é muito bonito; às vezes usa camisas que realçam seus olhos. Vendo-o ao lado da colega Diane, pensei que parecem parentes – o filho dela, muito pequeno na despedida de Ciampa, já alcança seu quadril.

Foi aplacada também a angústia que sentia em suas faltas. Um dia perguntei o motivo de uma e ele desacomodou o sentimento: *cansei, risos*; mas quando adoeceu em dezembro, o intervalo entre as notícias se fez muito longo. A pandemia impediu que a percepção da finitude desse trégua, em especial quanto aos mais vulneráveis; fez primeira a angústia da possibilidade de doença e morte, multiplicou nossos cuidados, nossas distâncias... O caso de Ciampa foi mais um em que a conjuntura negou contatos e últimas visitas, além de intensificar os cuidados de que necessitava.

---

<sup>14</sup> Filha de João Cabral.

Ciça falava de sua tormenta por saber que cada falta poderia se dever a algo trágico. Todos tinham histórias deste período para narrar. A sua foi sobre seu pai, por quem lutou para conseguir um marcapasso pelo plano de saúde<sup>15</sup> quando tinha 84 anos, assistiu mais dez improváveis após diagnóstico difícil e perdeu no Hospital para a Covid-19.

Quando Suelén contou que foi a única de sua casa a escapar da infecção, Jura deu seu parecer: *se precisarem de transfusão de sangue, já sabem a quem vão pedir*. Ele trazia leveza nesses e outros momentos; e mesmo na ausência – quando, sem querer, enviei uma figurinha inadequada ao grupo, os colegas brincaram: *Jura passou mal*<sup>16</sup>. Certa vez, depois de uma aula a que não compareci, enviou ao grupo: *eu tumultuei um pouco. Desculpe*, mensagem seguida de agradecimentos pela participação veemente.

Para o meu seminário levou seu livro; falou bastante, e de assuntos que colegas nunca haviam pensado, como a extorsão de velhos por suas heranças: *gostaria de estar em situação de briga por riqueza*, e rimos. Perguntei se ele tem netos: *não*. Em minha apresentação para o NEPIM, criticou o termo “idoso” – percebi que sua tese atingiu a maioria.

No Facebook – rede na qual me aceitou minutos depois de perguntar no grupo o texto da próxima aula –, compartilhava posts que de alguma forma tematizavam a velhice. Publicou uma foto dos jovens Haddad e Lula com a legenda *a luta é tão antiga e tanto há por lutar ainda*, uma imagem de Gal Costa jovem, no dia de sua morte e registros com amigos falecidos – um pós-doutorando confidenciou que Jura chegou na fase em que, se alcançada, sofre-se um “dilúvio” (AUSTER, 2012, p. 81)<sup>17</sup>. Foi o caso de Henrique Suster.

Apresentado como graduando de filosofia na época que Ciampa cursava Psicologia – e como ele, presidente do CA –, conhecemos suas palavras na abertura do segundo ato da homenagem festiva:

*A coisa mais bonita do Ciampa, além de sua profunda intelectualidade... é seu sorriso lindo, sempre alegre e contente, aliás exatamente como seu pai. Nunca vi o*

---

<sup>15</sup> Aqui, fica explícita a lógica do modelo empresarial de saúde, que reserva seus recursos a algumas vidas e se desinveste de outras.

<sup>16</sup> A expressão também significa “rir muito” – “passar mal de tanto rir”.

<sup>17</sup> É “a época em que um número crescente de amigos seus vão partir. Muitos já se foram — mas agora é que começa um verdadeiro dilúvio” (*ibidem*).

*Ciampa de mau humor, nervoso ou agressivo. O Ciampa gostava de falar do Julius Frank, famoso articulador da Buschenshaf, um místico alemão que está enterrado na Faculdade de Direito do Largo São Francisco. Aqui, devamos o nome de Bucha ao nosso grupo secreto de amigos. Embora estas memórias tenham a ver com o Ciampa, cabe lembrar aqui de nosso estimado José Roberto Malufe e de suas grandes discussões com Ciampa e outros colegas sobre a Escola de Frankfurt. Por fim, mas não menos importante, devemos lembrar que o nascimento do nosso TUCA iniciou-se no DCE da PUC, quando presidido pelo Ciampa.*

No dia 19/06/22, Jura enviou ao grupo: *turma, estou gripado e por isso desliguei de vocês. Desculpem. Além disto estou preocupado com meu amigo-irmão Henrique Suster, que está mal. Três dias depois, atrasou no último dia de aula: vou visitar meu amigo Henrique Suster. Se der tempo, chego aí. No mesmo dia, postou *descanse em paz meu grande amigo Henrique Suster. Estivemos juntos por 60 anos. Tristeza.**

No dia 30 de agosto, publicou uma foto com amigos em que fazia o sinal de paz e amor: *homenagem ao amigo Henrique Suster* – sem pronome possessivo, como se o personagem amigo independesse de sua relação, como falou do Ciampa.

Na mesma rede, postou foto de saudades, 16 de março de 2023, apareceu uma foto com cinco velhos, alguns que estavam na publicação anterior, de agosto: *Homenageando os companheiros Antonio Ciampa e Henrique Suster.*

O retorno às aulas foi alegre. Ele confundiu meu nome com outro no diminutivo. Estava especialmente afetuoso na véspera do feriado de Tiradentes – ao me despedir, perguntei se ele iria à ABRAPSO com os colegas da roda, que seguravam suas malas: *eu não (risos)*. Seus ânimos se exaltaram em uma reunião do NEPIM à qual contribuiu ao som do silêncio atento dos interlocutores, dando seu parecer sobre as reações aos ataques às escolas.

Reenviou as fotos que mandou comemorando o aniversário de Ciampa na PUC. *Dia 13 seria o seu aniversário. Saudade eterna do amigo irmão de vida, colega, orientador, companheiro de lutas e padrinho de casamento.* Uma colega que chegou este ano externou impressões fáceis de compartilhar: *Ele parecia ser muito gente boa e generoso, às quais respondem: Acolhedor, motivador e "grande mentor" além de Orientador. Uma referência para todos nós, para além de sua obra.*

Vejo os jovens na PUC e penso que, com sorte, podem seguir à velhice como fizeram Ciampa, Jura, Malufe e Suster, cuja amizade se metamorfoseou à saudade que sente aquele que ficou.

Um dia depois do segundo dia que seria aniversário, todos que ficaram nos encontramos para fechamento do semestre. Jura e Ciça me receberam com sorrisos. Ele a parabenizou por mais um semestre. Concordamos que a teoria está em construção e fazemos parte desta. Vejo sua unha da mão esquerda machucada, ele pergunta da minha defesa, me confundindo com um colega que apresentará antes – ao checar em seu caderno, vejo a anotação com nossos nomes. No fim da noite, esse colega contou que teve seu *A Estória do Severino e a História da Severina* autografado pela Ciça no velório de Ciampa, como se a palavra seguisse por outras mãos.

Jura postou no Facebook nossa foto, das amizades vivas. No dia 16, outra com grupo de Morte e Vida Severina de 1966, o ponto de partida da teoria que isto continua e metamorfoseia – hoje, é composto por 17 velhos. Sua justificativa para não estar conosco no simpósio foi felizmente simples: *perdi a hora. Dormi demais*. Ele também fez falta na defesa supracitada, em que os membros da banca – na qual uma professora disse ter arguido a dissertação de Ciça – riram de suas idades avançadas e rememoraram a primeira ABRAPSO, em 1998, na qual Ciampa apresentou seu sintagma.

e daí à lembrança  
que vestiu tais imagens  
e é muito mais intensa  
do que pôde a linguagem,

e afinal à presença  
da realidade, prima,  
que gerou a lembrança  
e ainda a gera, ainda,

por fim à realidade,  
prima, e tão violenta  
que ao tentar apreendê-la  
toda imagem rebenta (MELO NETO, 2007, p. 116).

Este testemunho tem algo de pesquisa participante que se valeu de um legado de várias maneiras: Ciampa teórico, professor, orientador e amigo; Ciampa velho; amigos velhos. Em cada caso estava o tempo – mesmo sem precisá-lo, descreveu-se seus efeitos no material.

Se podemos dizer que no fazer artístico há um “estilo tardio” (SAID, 2006) porque “a morte iminente do artista não pode deixar de penetrar suas obras”, isto vale para a vida vivida *iluminada pela luz do crepúsculo*. Conforme visto neste caso que

contém o universal, “a velhice traz consigo muitos incômodos e tem no seu fim a morte (HESSE, 2018, p. 58).

Ciampa, além de ser um *crânio sobre a mesa* em que escrevo, é um leitor imaginário empoleirado em meu ombro, cujo semblante foi formado e modificado ao longo deste ato, uma sobreposição de histórias colhidas.

## VI.II Vida narrada

Toda biografia é um romance.  
Michel Schneider

Esta é a história de D. Mas também uma hermenêutica: como Alves (1995, p. 26), peguei emprestado de Ciampa a agulha com linha para proceder ao corte e costura, com o qual os conteúdos que nos permitirão conhecê-la serão unidos a explicitações de sentidos e considerações sócio-históricas; então “caminharmos na direção de pensá-la” (MEIRELLES, 2022). A luz é direcionada à temática deste trabalho – identidade-metamorfose na velhice –; seus aspectos particulares materializam o universal da história humana: “contemos sobre nossa aldeia para falar do mundo” (*ibidem*).

D. existia em minha fantasia, ainda sem nome e forma; vinha “típica” (CIAMPA, 1987, p. 126), mas com particularidades que me fugiam mesmo nesses devaneios especulativos. Pedi um contato ao colega Theodoro<sup>18</sup>, morador da Brasilândia: “Olha, as que eu tinha infelizmente faleceram. Tenho contato com um casal ainda, mas a minha mãe conhece muita gente”. Aqueles foram-se na pandemia; esta, auxiliar de enfermagem que trabalhou na linha de frente, enviou o número de uma conhecida, D., por saber que ela gosta de conversar e está sempre à procura de novos interlocutores.

No primeiro próximo dia útil, chamei-a no WhatsApp e vi sua *selfie* sorridente diante de um quadro cortado. *Identifiquei-me* como Paula, psicóloga, pesquisadora, amiga de T., o filho de A. – personagens que se mantiveram durante todo o processo. Sabendo que seria contatada, foi receptiva: marcamos um primeiro encontro online para a mesma semana, *depois das 14h, pois às 08h e 09h tem caminhada e precisa fazer outras coisas e deixar o celular carregando*<sup>19</sup>. Atenta ao *Zeitgeist*<sup>20</sup>, ainda mais

<sup>18</sup> Nome escolhido pelo respectivo.

<sup>19</sup> As falas de D., transcritas na íntegra, serão grafadas em itálico e de modo contínuo no texto. Entendemos que essa forma reflete melhor seu protagonismo do que a prevista pela ABNT.

<sup>20</sup> Espírito do tempo.

em tempos de sequela pandêmica, disse estar acostumada com a modalidade; depois, que andava ocupada e queria me desligar quando *desse na telha*, o que não deixa de ser espirituoso.

Pontualmente nos ligamos em vídeo. Reparei em seu sorriso, cabelo encanecido e ralo penteado para trás e rosto enrugado, nos acessórios no pescoço e pulso, nas unhas pintadas e no crochê do sofá. Lemos o termo de consentimento. Então, com intenção de ensejar seu protagonismo, em oposição à posição de respondente de perguntas, parti à solicitação disparadora: “me fale sobre você, para que eu possa compreender quem você é”.

Com humor, D. contemplou o saber da propriedade, da unicidade: *Quem é eu? Eu é eu (risos)*. Então, prosseguiu: *Minha vida é um livro aberto, eu não tenho segredos, eu não tenho, eu sou muito correta, sabe? Eu gosto das coisas muito certas. Não gosto das coisas muito, as coisas, é, muito, eu gosto de coisa... não gosto de mentira. Eu gosto de coisa que a pessoa fala a verdade, chega e fala a verdade, não fica enrolando. Sou muito aberta, eu se dou bem com todo mundo, não sou pessoa que fica, ahn, “não gosto de fulano, não gosto de fulana”, não, eu gosto de todo mundo, eu falo com todo mundo, aqui, na rua... Até com você.*

A seguir, foi mais pontual, trazendo dados que costumam ser constados em apresentações, a saber, nome, idade, estado civil: *Meu nome é D. M. S. M. Tenho 77 anos. Tô casada há 51 anos. E só.* “Só?”, desconfiei. *Será que tem outras coisas (risos), vou pensar...* Parecendo refletir, mudou o assunto, perguntou *como que é seu nome mesmo, você é psicóloga mesmo, quantos anos você tem e quanto tempo dura o mestrado.* Ao que fui respondendo, ouvimos latidos de cachorro. *Ó eles aí, você tem cachorro? (Ao ouvir que tenho um gato) Minha nora tem três.*

Não estranhei ela querer saber um pouco de mim, afinal, enquanto pesquisadora, pretendia ser uma espécie de coautora de sua história (MEIRELLES, 2022). Ela emendou questionando “*você é solteira?*” porque conhece *muitos rapazes, como T2, filho de F., não, F. mesmo o nome dela, que passou na faculdade no meio do Ensino Médio, e ajuda na tecnologia das casas, instala computador, essas coisas, que faz faculdade de computação, TI que fala o nome.*

Além de entender que sua ideia de que *combinariam comigo* era um sinal de que estávamos criando afeição uma pela outra, percebi que ela falava de si ao contar desses terceiros. Pude apreender pontos que depois se confirmaram, como sua sociabilidade e seu interesse em manter relações com as pessoas que moram perto.

Foi notável que ela tematiza a idade em suas descrições – foi o ponto do qual partiu para dizer desses sujeitos pra mim – e valora os relacionamentos amorosos, conforme na centralidade deles na narrativa.

Então ela se colocou a falar de outros fatos que se revelou caro, o tempo, demarcado em anos e idades, e os marcadores de ascensão social. *Bom, eu, ham, vivo a vida aqui na Brasilândia há 48 anos mais ou menos.*

*Meus meninos era tudo pequeno, a gente casou, depois que mudei pra cá, que comprei a casa aqui, e tô aqui até hoje. E meus filhos foram criados aqui, é, tudo muito bom, as crianças pequenas, né, é difícil, mas graças a Deus os meninos tudo se formaram, graças a Deus, um é engenheiro, outro fez administração, outro fez design, tão todos casados, vieram umas netinha, tenho 4 netas, duas do mais velho e duas do mais novo, e o do meio tem um menino de quatro anos, são meus amores. Então, mas, meu marido tem 81 anos já, já vai fazer 82, e meu mais velho tem 50 já, já vai fazer 51, meu mais novo tem... fez 40 agora, o outro tem 47, e as meninas uma tem 15, outra tem 12, outra fez 9 agora, do meu mais novo vai fazer 6 agora em setembro e o do meio tem um de 4 anos.*

Provocada a contar da vida – ao momento, não soube se o diminutivo denotava menosprezo ou carinho –, ela disse, principalmente, da velhice. *E da vidinha, meu marido é aposentado, a gente vai vivendo, os dois são aposentados, eu sou aposentada por idade, e ele por invalidez, tem problema de pressão de coração, um monte de coisa, toma um monte de remédio, mas vai levando a vida...*

Comentei que, até o momento, estava entendendo que certos temas eram importantes para ela: amor e tempo, nas formas família e idade; além da região, com seus significados e amigos da comunidade. Compreendi que esses membros significavam ajuda (*“ele sempre pergunta se tô precisando de alguma coisa. (...) Já me arrumou um peso de porta”*), companhia (*“tá sempre aí”*) e lembranças do passado (*“lembra um pouco meu filho mais velho quando era na adolescência”*). Repito a pergunta. *É, então, tem uma história.*

*Nasci no dia 12 de janeiro de 1945, no Rio de Janeiro, às 17 horas e alguns minutos, cidade do meu pai, J., que morou lá até o fim da vida. Ele e sua mãe, L., eram separados (não eram um casal). Ela foi lá pra ajudar, né, pra ele ajudar, que com bebê pequeno assim é complicado. Ela foi que o Hospital era melhor, era tudo melhor perto da... na cidade dele, que é o Rio de Janeiro, né. Aí ia ter mais apoio pra cuidar de mim, essas coisas.*

*Não lembro muito, né, de Rio de Janeiro nessa época... cidade maravilhosa (risos), lembro mais depois, que eu voltei né, ver meu pai, algumas vezes, daí conheci um pouco mais... tem praia, água de coco é melhor, muito bonita a cidade, assim, na parte da praia pelo menos, eu lembro... Já do pai não peguei muito contato... naquela época não tinha celular (risos), e tudo bem... Pra ser sincera, não era muito de pai, não – foi filha de mãe solo, como muitas “iguais na sina” (CABRAL, 2007), como 55 mil crianças registradas nos primeiros quatro meses deste ano (LACERDA, 2022). Recém-nascida, a mãe despediu-se de J. e a levou para casa da mãe dela, M., em Caxambu, município no sul do estado com 21000 habitantes (IBGE, 2019). Ficamos nós três, lá em Caxambu, um tempo, assim, criança. Meu avô nunca teve, que ele morreu quando minha mãe era criança, de diabetes mesmo. Daí ficou nós três, é bom, né, pra minha avó também, e ajuda minha mãe.*

*Minha mãe voltou pra São Paulo para trabalhar – possivelmente após o fim da licença maternidade, à época de “84 dias, conforme estabelecido com a Consolidação das Leis do Trabalho em 1943” (RÁDIO CÂMARA, 2007) –; e desde então pulou de serviços muitas vezes, sempre foi um problema pra ela. Então, fiquei com minha avó até uns 10 anos, sendo uma criança saudosa e mimada. Não lembro de muitos detalhes, nem brinquedos que tinha, embora saiba reconstituir mentalmente a casa simples, a vida simples com pouco convívio com demais pessoas. Ficava muito lá com minha avó na cozinha, ela cozinhava, é, pra ganhar a vida mesmo, de trabalho, eu ficava lá no chão brincando, às vezes ajudava (risos). L. visitava às vezes a gente, uma vez por ano, assim, todas férias, trazia presentinhos – que tenho uns guardado até hoje –, coisa de bonequinha, assim. Nesses períodos, uma relativamente pequena fração do ano, performava mais seu personagem filha, minado pela distância física e sobrepujado ao de neta.*

*Com uns 10 anos, assim minha mãe começou a pedir pra eu me mudar para casa dela, que é em São Paulo, aqui em São Paulo. É que criança maior dá menos trabalho, aí já podia ficar com ela, tava mais independente, né. Daí umas férias ela veio me buscar e me levou pra São Paulo com ela. Avó despediu (risos) mas ficou tudo bem, que eu ainda ia voltar lá numas férias, eu e minha mãe. Neste momento, deixou de ser mais neta do que filha, estive prestes a perceber as diferenças entre a sua nova posição e a anterior, além das mudanças drásticas na rotina e na economia afetiva.*

*Cheguei na casa da minha mãe, em São Paulo, né. Ela já tinha uma outra pessoa, também, já veio viver comigo, uma pessoa muito boa também. Então tava bem, me tratava bem, também. Então tamo aqui. Eu já tinha vindo aqui, né, passear, quando era criança, sabe? Então eu me adaptei bastante, revelando sua habilidade de viver as mudanças que sofreu com essa situação. Neste momento, já se sabe que estava fisicamente distante da avó, mas fortalecendo laços com a mãe de quem não pareceu se ressentir, além de com seu companheiro, cujo nome não valeu mencionar.*

*Nesse momento, ela falou de *an passant* de outros (não) laços sem nome, também sem se ressentir: *Eu tenho irmão, dois, mas mora tudo no mesmo Rio de Janeiro, nenhum quer contato com a gente, sabe? Daqueles irmãos que... é. Por parte de... nem era por parte da minha mãe. É só por parte de pai, sabe? Tem uma irmã também, por parte de pai, que mora aqui em São Paulo, eu já quis tentar entrar em contato com ela, falei uma vez, mas ela, desde pequena ela é meio nariz em pé (risos), então eu não... uma vez eu entrei assim em contato, e ela falou pouco, parecia que não queria mais contato, então... é por parte de pai. Então não tem contato, né?**

*Já um fator central na sua vida era a escola – era diferente, bem diferente da que eu ia ali em Caxambu, tinha muito mais gente, comia muito bem... mas era difícil, assim, a escola, matemática (risos) eu não gostava. Já tava na quarta série, acho, já tinha tirado o diploma de quarta série lá em Minas. Aí quis trabalhar, já não queria mais estudar, mas até a sexta eu fiz. Era a quinta série de hoje, acho. A personagem estudante, com a qual foi contente, foi breve. Isto é ainda comum: deixar os estudos, sob o nome de abandono escolar, este ano, foi o caso de “02 milhões de brasileiros entre 11 e 19 anos (UNICEF, 2022)”, sua faixa etária à época.*

*D. não demonstra sentimentos negativos acerca de sua evasão – eu tive que ir trabalhar, queria, né, e tudo bem, porque aprende as coisa no trabalho também, em outros lugar. (Referindo-se ao Ensino Fundamental) E aí fiz, comecei a fazer primeiro lá, mas daí não fiz mais... Mas eu dei estudo pros meus filhos todinho, porque eu achei que, já que eu não estudei e meu marido não estudou também – não sabe muita coisa – mas eu ainda me viro bastante. Assim, aponta que esta evasão não a limitou nem foi muito distanciada de seu desejo – embora o caso J. o tenha prejudicado –; contudo, se orgulha da condição dos filhos – de cuja educação formal já havia falado com entusiasmo no início de sua narrativa – ter sido distinta, ainda mais em virtude a seus esforços*

Nessa época, *o que aconteceu comigo é que fui trabalhar, ajudar minha mãe, né?* Foi a uma *firma de plástico* montar *sacolinha plástica, que ficava na Zona Norte, aqui de São Paulo*. Esse capítulo remoto de sua vida é significativo “pois é através dele (trabalho) que nos objetivamos socialmente, e é também através dele que nos modificamos continuamente, ou seja, nos produzimos, nos realizamos” (LANE, 1981, p. 59): D. inseriu-se em uma classe – trabalhadora – e conheceu a antagonista; foi dotada de um novo elemento identitário; organizou seu projeto e sua rotina.

Permaneceu anos nessa empresa, cujos dias parecidos lhe demandavam o corpo, mas não estressavam tanto, pois *até gostava de ir, de trabalhar, mas mais de sair de casa, conviver mesmo. Ficava cansada às vezes – ficar trabalhando, né, trabalhar, cansa, né? Mas é bom, tem que trabalhar também, e nem sempre a gente vai fazer, de trabalho, assim, o que gosta, às vezes não, mesmo*. A emoção maior foi revelada quando narrou o envolvimento *com o meu encarregado (risos)*. *E no começo nem gostava, né, porque ele era daquela pessoa bem preguiçosa, o chefe do chefe sempre pegava no pé, e eu depois, de repente, começamos a namorar*. Este é J., *ele nasceu no dia 18 de fevereiro de 1941, não sei que hora, de uma cidadezinha chamada Wanderley, Bahia, com 12000 habitantes (IBGE, 2019) – quase metade da sua Caxambu –, é meu marido: tamo aí até hoje (risos)*.

*A gente se via todo dia, assim, no trabalho, né. Como era... era muita coisa, né, de namoro, porque via todo dia, chegava na mesma hora, fazia os almoço junto, essas coisas. Tinha muita fofoca, né, fofoca de colega, eu não ligava muito, ele um pouco, que ele é mais na dele, né? Ah, o J. meu marido, também me dava presente, eu gostava disso, trazia bombom, flor, era muito fofo (risos) o meu marido*. De namorada, passou à noiva, status que durou apenas até a *gente se organizar pra casar, né. Eu tinha 27 e ele 29. Minto. Ele é 4 anos mais velho que eu. Eu tinha 29... eu tinha 25 quando nós casamos! (...) Hoje em dia as meninas casa mais tarde. No meu tempo casava bem cedo, eu que demorei mais, mas casava com 14 anos, 15 anos*. Hoje, “em São Paulo, homens casam em média com 34 anos e mulheres com 32” (SEADE, 2018).

*Daí eu fui casar, né... Tava feliz, eu, minha mãe, tudo certo, ela gostava dele, do J., que é meu marido. Fui morar com J., na casa que ele alugava com muitas pessoas, umas pessoas qualquer mesmo, da casa só. Era hoje na Freguesia, sabe?*

*Tem a música do Gilberto Gil<sup>21</sup> (risos), mas isso só lembrei agora porque lembrei da Freguesia, que é aqui perto até, eu nem gosto muito, assim, de ouvir música, ouvia mais quando tava nos lugares, né? Daí foi isso... morava lá, com o J., era bom, minha mãe ajudou um pouco, até, assim na época, ele já não tinha família, ninguém aqui assim em São Paulo, daí ficou a gente... às vezes brigava com uma ou outra pessoa, assim, da casa, mas isso é normal, o importante é saber conviver, hoje é mais fácil, né?*

*Eu, quando era nova, sempre trabalhei em firma de plástico, eu falei, né, lá na Zona Norte. Depois que eu me casei, e fui morar com o J. na Freguesia, trabalhei só um ano, que fiquei esperando o meu primeiro, né. Quando casa só faltava o filho (risos). Nesse momento, sofreu outra metamorfose patente: nasceu o filho, nasceu a mãe – como diz Ciampa (1987), mais uma vez D. se transformou em uma outra que também é ela:*

*27 anos eu tive filho. Nasceu o primeiro, com 27. Isso, 27. Depois veio outro, depois de um ano e pouco. Veio o do meio. Depois ficou com 8 anos e tive o mais novo. Aí naquela época todo mundo “ai, não pode trabalhar, tem que olhar o filho”, risos, então ficava em casa, né. Hoje em dia não, hoje em dia as pessoas já trabalham, a pessoa já, as mulheres trabalham tudo, não? Então é diferente, cada ano que passa é diferente. Tá ficando até diferente, mais ainda.*

Então, há quase exatos 50 anos, D. se tornou mãe, o que seguiu durante todo o resto de sua vida, embora diferentemente. Para tal, abdicou de outros projetos, tendo como resultado certa falta e sobrecarga: *não senti saudade de trabalhar, assim, mais ou menos, só as vezes, hoje não sinto nunca, imagina (risos)... mas de sair, né, a gente acaba ficando mais, muito em casa, né, e fica com muito mais trabalho em casa também. Com criança é mais difícil, depois fica mais fácil, mas é muito trabalho, né, sim.* Assim, deixou de ser trabalhadora e assumiu o papel social mãe, revelado a partir desta nova personagem, que exerce até o presente momento.

*A gravidez, deixa eu ver... tudo bem, assim, deu tudo certo essa primeira gravidez, todas deram, também. De parto, essas coisas, é mais difícil, por isso que eu tô contando (risos), demorou 12 horas, e dói, menina, o parto normal, eu tive dois. Mas não foi difícil, assim, o meu, é difícil pra todo... quase todo mundo que tem filho, né. Nasceu o P., o meu primeiro, esse nome a gente escolheu na hora, assim, tinha*

---

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=v97nMGvqWAs>

*umas ideias, mas a gente foi, foi olhando a carinha, daí deu o nome, lá na maternidade mesmo, daí o J. foi registrar lá.*

Nesse momento, percebe-se que os mais recentes papéis que D. exercia eram rígidos e relacionados ao seu gênero – ela sugeriu que era considerado incompatível ser mãe e trabalhadora, o que pode se dever tanto a questões materiais como sentidos machistas sedimentados. Sua rotina, que antes contava com trabalho, voltou-se somente à casa.

*Pensando no P., assim, primeiros dias, lá na Freguesia... vou pensar. Ele dormia com a gente, na cama, depois só que ganhou o carrinho, e você sabe, esses primeiro mês de criança pequena é bem difícil, mas ele não dava tanto trabalho, nenhum dos três deu muito. Ele mamava bem até, uns mês, que não é toda criança que consegue, né?*

Quanto a demais projetos, *eu cozinhava, né, sempre fui de cozinhar, assim, bem, cuidar dessa parte, de compras também, e fazia pra eu e J., mas (risos) tinha morador que pedia, né, daí comprava de marmita, que eu fazia, ainda faço às vezes, já fiz bolo também. O J. era de juntar dinheiro. Eu juntei com o dele o que eu tinha guardado quando a gente casou, né? E ele sempre poupou tudo, o máximo possível, era muito determinado, era bonito... eu não muito, mas eu não trabalhava, mas então sim, não era de gastar, só gostava de fazer as saídas às vezes, ganhar presente, dar uma coisinha pra minha mãe, eu sempre fiz essas coisas... Mas ele poupou muito, muito determinado. O J., meu marido, ele andava pra não pegar a condução muitas vez. Fazias as todas refeição no trabalho, trazia elas. Nunca foi de beber ou sair com os amigos, só via futebol às vezes, em casa, e nem gostava muito, não. Ele trabalhava.*

Lane (1981, p. 62) considera o caminho dele *típico* – “Quanto ao operário, sua atividade cotidiana se resume em ir para o trabalho, despender suas energias físicas, voltar (...), tendo como fim de uma longa série de ações o (...) dinheiro pessoal, mas que garante a sua sobrevivência” –; contudo, nota-se que ele, além de o identificar, possibilitou apropriar-se de um desejo, o que, contraditoriamente, guarda fragmentos de emancipação.

Nesse cenário, desejavam mais filhos, e a segunda gravidez veio mais rápido do que esperava – *queria, mas achava que ia demorar mais, mas foi bom assim, é bom duas crianças de mesma idade, é bom pra elas. O bebê, F., acelerou o próximo passo visado pelo casal e encabeçado por J.: a gente, eu, né, engravidei de F., o P.*

*era pequeno, criança pequena, né, e a gente tinha planos, o J. tinha alugar uma casa só para os dois, ou pra menos pessoas, assim, uma, duas pessoas de fora se precisar. Mas este se tornou mais pretensioso: daí o J., né, ele que descobriu e se informou, foi atrás, essas coisas, ele viu que, com umas pessoas que ele descobriu, acho, que era melhor comprar a gente uma casa própria, em muitos ano, com desconto bom, que é essa casa, mesmo. Ela se refere à residência onde eles estão até hoje, que guarda muitas histórias, e na qual esta narrativa foi desenrolada.*

*Daí o J. nasceu e a gente veio pra cá, só os três... os quatro (risos). Ficamos aqui, né, fazendo a nossa vidinha, aprendendo, ficando junto, os quatro, em família. Eu ficava em casa e ia aprendendo, cuidar das crianças, cuidar da casa, primeira vez uma casa só nossa, né? É muito bom, mas você vai ver, é muita, muita responsabilidade. Mas pro J. ficou bem mais longe, né, o trabalho, e ele nunca, nunca reclamou. Ele nunca reclamou de nada, veio reclamar agora (risos). É isso, a nossa vidinha, desde aquela época foi isso, o que é que dias eram iguais e ia mudando a vida.*

Assentar em um lugar próprio lhe deu sustentação identitária, senso de pertencimento e segurança. Revelou-se a personagem dona de casa, comprometida com diversas responsabilidades quanto à quem assistia, filhos e marido. E era afastada a aparência de não metamorfose, de identidade reposta a cada momento, “vista como dada e não como se dando” (CIAMPA, 1987, p. 169): *As coisa sempre muda, vai mudando. Quando a gente é nova é um jeito, quando a gente casa é um jeito, é, a convivência vai mudando, o dia a dia muda, vai passando o tempo vai mudando mais ainda. Mas o bom é que a gente se entende, né, conversa, e um é o companheirismo do outro, né. Cada ano a gente tem que – como é que é que eu falo? –, tem que, é, concordar. Às vezes muita coisa a gente tem que passar, deixar passar, né? Que às vezes o marido tá nervoso, você tem que ficar mais calma, que se você for estourar, aí o mundo acaba (risos), e aí começa a brigar. Então, se tá nervoso, eu acalmo, fico mais calma, deixo pra lá. E aí vai vivendo a vida.*

*E as crianças cresceu, né? Você vai ver, cresce bem rápido. E daí, depois de cinco, seis, ano, engravidei de G. Muito depois (risos), a gente já achava que não vinha mais, e veio, graças a Deus.*

O passar do tempo – portanto, o envelhecimento – lhe fora gentil: *Vivi muita coisa. No começo é sempre muito difícil, que tem as coisas, tem que comprar, tem as crianças pequenas, mais difícil, e também vai melhorando. E os acontecimentos,*

mesmo vagarosos, não cessaram: *Meu marido, depois que ele aposentou, aí ficou mais difícil, porque ele aposentou muito novo, com quarenta e poucos anos, então ele aposentou por causa de invalidez, né? Desde aquele tempo – ele tem a pressão muito alta, sabe? Então ele aposentou por causa disso.*

J. passou a receber a *aposentadoria*, ela era, é, a *renda da casa, contadinha, todo mês, ele sempre foi de poupar – claro que tem filho que ajuda hoje, mas não precisa, a gente faz a nossa vidinha muito bem. A aposentadoria é do trabalho, né? Não lembro bem como funciona, como calcula. Daí eu, que eu não trabalhava né, podia receber aposentadoria de auxílio, que é aquela de idosos, quando deu a idade, de idoso, né?* Ao que parece, é o Benefício Assistencial ao Idoso (BAP/LOAS) – uma política pública produtora de identidade –, que consiste em um salário mínimo mensal destinado à pessoa idosa (com mais de 65 anos) de baixa renda, que não tem como requisito ter contribuído para o INSS (BRASIL, 2023).

Passar a morar com o marido *24 horas por dia* marcou uma nova fase, que veio antes do esperado, afinal, a aposentadoria é uma imagem comumente associada à velhice, que marca uma mudança de projeto e forma de reconhecimento. Beauvoir (1970) argumenta que, se muitos se sentem perdidos nessa época, é porque tiveram os sentidos de suas vidas roubados pelo capital – o valor do ser é associado à sua capacidade de gerar lucro.

Vejamos as políticas públicas supracitadas: à época do afastamento de J., meados dos anos 80, o Brasil saía de uma “década de grande importância para os idosos” (AGUIAR *et al.*, 2022), na qual estes foram contemplados com as Leis nº. 6.179 e nº 6.243, que determinavam, respectivamente: “o amparo previdenciário para os maiores de 70 anos ou inválidos, no valor de um salário mínimo, e a concessão de pecúlio ao aposentado que retornava à atividade ou que ingressava na Previdência Social após completar 60 anos de idade” (MEIRELLES, 2021). O cenário previdencial atual ocorre via Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), cuja última alteração ocorreu na reforma de 2019, que instituiu que ela é reservada aos ingressos que atinjam um tempo de contribuição e uma idade mínima – 62 anos para as mulheres, 65 para os homens (PREV, 2023). Atualmente, 78% dos idosos têm nos benefícios previdenciários uma de suas principais fontes de rendimento familiar (GOVERNO DE TRANSIÇÃO, 2022)

*Foi bom no começo, né, sentia saudades de conversar com ele, e é bom ter a companhia o dia... tenho que pensar, que mudou um pouco, bastante, não sei ainda,*

*vou pensar, disse acerca da mudança. Acabou que tem que organizar melhor, isso de morar junto 24 horas, porque é muita convivência, e faz as coisas junto, e tem o espaço do outro... e os problemas de saúde nesse começo, aí a gente vai lá e cuida. D. sempre assistiu seus familiares, mas nesse momento o encargo do cuidado do marido se intensificou: se não tem eu, o J., ele não consegue, porque ele não consegue nem fazer as coisas, essas coisas de tecnologia. Ele não é muito ligado, sabe? E não faz as coisas... Mas ele não vai muito pra médico, essas coisas, eu que levo, porque ele não vai sozinho. Ele não sabe que vai pra onde, se vai pra UBA... UBS<sup>22</sup>, que era de tomar vacina na UBS. Teve um dia que eu fui pro mercado e esperei com a J., que é a mulher que mora aqui, ó, e daí a gente foi trocar... acabou indo na casa dela. E quando eu voltei ele tava com dor nas costas, costas travada, assim, e não falou nada, não fez nada, de telefone, e a gente foi ver que podia ser cólica renal, né? Mas graças a Deus não era nada, era negócio de hérnia assim. Mas eu que tive que levar, se não ele não ia... e no fim acabei que fiquei triste que ele passou o tempo todo sozinho e não ia falar nada, mas tudo bem, é a vida, é o jeito dele também. Que não faz as coisa muito. Tem que ficar em cima.*

Por outro lado, seus filhos demandavam menos preocupações: P. e F. já haviam saído de casa em busca de suas vidi... vidas. Eles foram estudar, um foi morar em república até se organizar, os dois era de trabalhar bastante já, outro morou junto antes de casar, essas coisas. Os dois estudaram muito também. Ela demorou somente na mudança do caçula, cuja despedida findou seu papel de mãe próxima aos filhos no dia a dia: *Aí (risos) senti mais. Senti bastante. Quando os filhos saem, a gente sente, é normal, né? É que o G. era muito mais novo, mais novo que os outros, e a gente teve outra coisa, relação (...). Ele foi o último a sair, né, e daí ele foi o último, foi diferente (...). O G. se deu muito bem, foi fazer faculdade, arrumou trabalho logo, tudo muito bem, mas quando saiu deu um aperto, né, o mais novo. Ele tinha feito tudo direitinho, né, mas acho que ele quis seguir os irmãos também, pra não ficar aqui só ele, buscar uma coisa, uma outra coisa.*

Ainda debruçada sobre os marcos de sua vida na Brasilândia, lembrou de uma nova personagem, *cuidadora de cachorros: sempre quis ter, nunca tive, criança acho que daria, depois fui morar com muita gente, e gente às vezes não gosta de cachorro, e com criança pequena é mais complicado também. Hoje tem duas cachorras. Uma*

---

<sup>22</sup> Unidade Básica de Saúde.

*Shih-tzu e a filha dela, que é misturada com Poodle. Ficou mestiça, assim, toda pretinha, nasceu toda pretinha. O pai delas era daquele Poodle bem pequenininho. Eles chegaram por causa de F (filho mais velho). Um amigo dele ia comprar no canil... que tinha ninhada que fala? A ninhada ia chegar e se levasse mais de um cachorro era melhor, era irmão. Daí eu queria fêmea. Aconteceu que o F. também nunca teve cachorro, ele sabia que eu queria e nunca deu, e ele decidiu pegar também mas tava em dúvida, e eu que quis o cachorro, foi uma boa ideia. Pegou lá essa aqui, a M., já tem oito ano quase. Cachorra idosa (risos) (...). A gente ia castrar, tinha que castrar pra não reproduzir o cachorro de raça – é caro esse cachorro –, não sei o que aconteceu que o J. fez pra não castrar – teve que usar aquelas fraldinhas de menstruação até, normal isso quando a cachorra não castra, porque menstrua (...) – e a gente colocou ela cruzar logo cedo, com cachorro aqui perto. Só deixou junto lá no quintal dele e deu, veio quatro, a gente deu e ficou com a menorzinha, a L. Muito, muito fofa!*

O papel executado também possibilitou um novo relacionamento, (com) J2., uma se... uma mulher, assim, que mora perto, né, passou a confiar para olhar seu cachorro, um “que ela diz que é Shih-tzu, mas é meio vira lata, misturado, misturadinho assim com Shih-tzu. Ela viajava muito porque tem mãe no interior, acho que perto de Campinas, daí vai muito pra lá. E lá ela não levava o cachorro. Daí ela pediu pra eu olhar o cachorro, trocar comida, essas coisas. Ele não comia a comida dele sozinha, colocava duas, três, rodelinhas de linguiça, o resto de alguma coisa, assim, que o cachorro não comia sem comida. Aí eu ia lá, colocava, cuidava do cachorro, passeava, fazia as necessidades. E ela agradecia, dava um troquinho, e quando eu viajar vou pedir pra ela fazer a mesma coisa, virou uma coisa assim, nossa, por causa dos cachorros.

D. Lembrou, então, de um ponto crucial de sua biografia: tornar-se avó, personagem muito associado à velhice. *Eu falei, né, que tenho cinco neto, quatro do mais velho... não (risos), duas do mais velho e duas do mais novo, o do meio tem um menino, o único menino, eles são umas graça, os três –, fato que narrou com menos rigor cronológico, tendo se confundido com número e nomes.*

*Como foi... como foi isso. Avó. Tá. Na verdade foi meio... foi o P. que teve filho primeiro, né, que ele já tava casado, já queria, planejava, ter o filho, né, isso é importante. Filha, veio menina, as duas. Ele contou só com três mês e deu uma festa, vixe, foi uma festa! Foi lá no salão da... como fala? A mãe da nora, lá. Festa de fralda,*

*eu que organizei também. Chá de bebê. Não demorou não pra nascer, pra ela vim, foi tudo bem, não teve nenhum problema também.*

Essa neta foi seguida do nascimento de outros netos. Houve, contudo, uma dor no meio dessa verde: *a norinha perdeu um, de ter aborto espontâneo, sabe, a sementinha fraca... daí é muito ruim, muito ruim quando isso acontece, pode acontecer. Ficou com depressão ela na época.*

E os laços entre eles são cultivados – o que ela valora, mesmo sem ter conhecido a fraternidade quando jovem –, em que pesem intercorrências que mencionou, como a *distância – um mora em Guarulhos, outro mora lá na Penha, outro mora lá na Aclimação* – e dificuldade de cruzar agendas. *E vê, se vê, sim, vem aqui, eu vou lá, mas menos, que é mais difícil. A gente procura, né, uma vez por mês, os netos vim, e eles se encontram também, entre eles, acho importante, né, pra conviver. Eu não tive irmão nem primo (risos). Só não pergunta meu favorito (risos). Tenho cachorro favorito, neto não. Filho também não (risos) (...) Mas é assim, quando é pequeno, criança pequena dá mais trabalho. Depois fica mais independente, vai pra escola, faz amigo, não precisa tanto mais da gente. Depois cresce. Depois volta a ficar assim, mais amigo, sai de casa, vai viver a vida, é assim que é a vida (...) Lembro dos filhos assim, pequenininhos, o P. era muito mais pequeno, menor, que os outros, mas vai crescendo, no fim todos eles desenvolve. Os filhos. E tem os netos, agora tem os netos, que é pequeno ainda, é criança.*

À essa altura, revelou gostar de ser avó, de ter sido mãe, e cultivar a memória do passado, lembrar de causos. E admitiu que a questão de gênero perpassou a relação com os descendentes, em especial para o marido. *Ele queria menino (risos). Não sei pra que, ele não vê, não sabe de futebol a sério nem nada (risos). Mas brincadeira, é que ele tem essa coisa, né, de homem, de filho homem. A gente só teve homem. Os três mosqueteiros (risos). Minha mãe até falava que era bom ter menina, que era pra tentar ter menina, mas veio três menino – menino bom, graças a Deus, nunca deu muito trabalho. As netas veio quase tudo menina. É, de menina tem as neta, tem quatro, e um menino só. É muita neta e neto que tem, também. Mas eu sempre fiquei bem com isso, de menino, menina, o meu marido que queria mais. Acho que é pro homem ser homem da casa, sabe? Mas eu não tenho muito isso.*

*Pra terminar de falar da família, contou de outro fato marcante, a morte de seus pais. Introduziu o assunto objetivamente: minha mãe morreu em 1982... 1983, e meu*

*pai um pouco antes. Ela de acidente e meu pai não sei. Eu sei, de úlcera. Bem antes um pouco.*

*Bom, o que aconteceu com a minha mãe é muito triste. Era de tarde, luz de dia, e ela foi atropelada lá na altura da Giovanni Gronchi, é Campo Limpo, acho, nem sei, nunca mais fui pra esses lado. Foi uma moto, acho, e não prestou socorro, outras pessoas prestou, mas foi tarde quando chegou no Hospital, porque teve muitas fraturas, fratura assim, fratura exposta. Foi muito triste essa morte, uma coisa muito besta, né, muito errada. Que fique com Deus, minha mãe. É... mas acontece também. Já vi muita gente morrer assim, de acidente, tem muito em estrada. Moto é um perigo também, né. Mas o ruim é que ela era pedestre. Deus... Que mais? Foi pertinho do aniversário dela ainda, uma semana antes, né. Muito triste... eu tinha nem 40 ano. Muito jovem, né? Uma tragédia. Acontece. Fica com Deus toda essa história. Mas que eu falo pra todo mundo tomar cuidado, falo.*

*Quanto ao falecimento do seu genitor, foi mais distante. Acho que ele morreu dois ou três ano antes. Estava no Hospital. Já não tinha muito contato, né, não tinha isso de entrar em contato, nem com ele nem com irmãos. Eu já falei né, que tenho dois irmão por parte de pai, e uma irmã, que mora aqui em São Paulo, né? Mas não tive contato. Aconteceu que ele morreu mais devagar, assim, que a minha mãe, ele tava muito tempo ruim do estômago, assim, do fígado, bebia muito também, de beber muito, aí o corpo não aguenta, não. Meses no Hospital. Não fui pras cerimônia, que é lá no Rio de Janeiro, mas eu rezei muito daqui, né, levei as minha intenção, fiquei bem triste muitos dias, claro, mas graças a Deus dá forças.*

A família diminuiu e cresceu; houve perdas, algumas maiores que outras – vale notar que o falecimento de sua avó não compôs a narrativa –; houve manutenção dos relacionamentos e fazedura de novos. Nesse ponto, a configuração da vida de D. já era parecida com a atual: na mesma casa, morava ela e J., estando ele já debilitado, utilizando a renda proveniente de políticas públicas; seus três descendentes saíram e diplomaram-se no Ensino Superior, sendo hoje casados e trabalhadores, cujos filhos somam cinco netos. Ela – com idade bem mais avançada às que chegaram seus pais, que não foram idosos – e o marido *bodas de ouro* se consagraram como os mais velhos de suas árvores genealógicas.

E assim a narrativa chegava ao tempo em que é narrada. Seu passado recente conta com um importante capítulo: a pandemia de Covid-19. Segundo a OMS, esta só

deixou de representar uma emergência de saúde global no dia 5 de maio de 2023 (JORNAL NACIONAL, 2023), quase um ano depois do presente relato.

Quando D. falava da atualidade, a pandemia se impunha: ela teceu uma rotina *de antes da pandemia, outra na pandemia e depois que a pandemia melhorou*. O mal-estar era o que predominava: *Eu via muita notícia nessa época, eu ficava só escutando as notícias, é tanto, é tanto, é tanto... a gente só ficava com medo, é, quanta gente já morreu...*

E o temor possuía também os agravantes da vulnerabilização: a Brasilândia – onde o tempo médio de esperas para consulta na atenção básica é de 18 dias – atingiu 26,5% da proporção de óbitos por covid em relação ao total de São Paulo (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2022). Interseccionado à questão social, D. e o marido sabiam pertencer ao que a OMS denominou “grupo de risco” para agravamento da infecção (BVS, 2020) – por serem pessoas com mais de 60 anos e J. portador de doenças crônicas. Ela fez uma espécie de quarentena, tendo passado quase todos os dias sem sair de casa *para não pegar* – o sentido disto fora o de preservar a vida, evitando infecção e transmissão do vírus.

*Bom, fiquei bastante isolada. Mas eu distraía no computador, fazia... não ficava muito bitolada, sabe? Tem pessoas aí que ficou doente... Tem muitas pessoas que ficaram com depressão, essas coisas. Eu, graças a Deus, passei bem. Não peguei também. Meu marido não. Eu morria de medo, ele tem tanto problema... se eu pegasse, aí ele podia pegar também, né. E ele já tem problema, pressão alta, diabetes, essas coisas. Aí ele tem coração, um monte de coisa, aí a gente ficava com medo de pegar. Mas graças a Deus, não. Mas agora parece que tá mais fácil.*

O que lhe foi possível devido ao apoio de uma rede solidária – que também aplacou a solidão que compartilhou com J.–, à qual é grata. *Foi assim, a minha nora mandava as coisas pra mim, que eu não podia sair pra comprar, porque aqui em casa só eu, né, que compro as coisas, meu marido não. Meu marido, assim, sai uma vez por mês, mas ele não sai muito, só fica em casa. Então quem faz as compras... ele tá sempre encanando que tá com dor nas pernas, que dói, que não sei o quê. Que aqui, onde eu moro, é tudo subida, e ele tem problema de coração, daí cansa, né? Não vai. Mas na pandemia ele, o do meio, fazia as compras, mandava entregar aqui, o outro vinha de domingo, comprava verdura, comprava tudo, o que eu precisava ele fazia, ele e minha nora. Daí tomava café na garagem (risos), não entrava, e depois, aí,*

*quando foi passando um pouco, aí o mais novo era mais atiradão (risos), entrava, mas os outros não entravam não.*

*Eu tinha uma prima, né, que a gente morava aqui perto, mas faz três anos que ela morreu, era prima-irmã minha, sabe? Que minha mãe criou ela que ela veio uns anos depois que eu, uns 15 anos assim, e ela não tinha mais ninguém. E o filho dela que mora aqui perto, um pouco perto, assim, uma meia hora, mas a gente fala mais por WhatsApp, ele vem aqui, é meu afilhado... mas ele vem. Mas na pandemia ele não podia muito ficar, mas ele falou que vem, ele comprou até um apartamento aqui perto, que é onde ele tá morando agora, e disse que qualquer dia vem, e diz que vai fazer eu ir lá na casa dele também.*

*A experiência, quando olha retroativamente, lhe é entendida como dolorosa e causadora de muito sofrimento. Foi muito difícil ficar isolado, muito, muito difícil. Onti mesmo encontrei uma senhora que ficou “nossa, eu passei tão mal, fiquei com depressão”. Agora ela já tá indo pra Igreja. Mas ela disse que ficou com depressão mesmo, danada, que não saía apavorada, que tudo pra ela era pânico, sabe? Mas que agora já tá bem.*

*Depois de um tempo, com as condições propícias, D. passou a ficar menos reclusa, embora não sem angústia. Eu sentia medo de pegar, sentia muito medo de pegar e passar né pro meu marido, assim. Eu pedi tanto pra Deus que eu não pegasse, né. Por que a gente é velho (risos), e pro meu marido seria mais risco ainda, por causa das doença, e por causa que ele não se cuida tanto que nem eu. Às vezes ainda saía, mas logo no começo eu não saía, mas depois, passado o tempo, eu ia assim fazer alguma comprinha aí, eu tinha o maior medo, mas eu me cuidava tanto, chegava em casa já punha toda a roupa na máquina. Mas é, passava álcool, e passava aquilo. Agora a gente já tá acostumado, então já, mas é assim, eu vou na rua assim, eu chego, passo álcool, mas não sou mais aquela apavorada com a roupa, com as coisas.*

*E assistiu muitos se contaminando, cujas exceções eram um respiro. Mas, é, a do, as minhas neta teve, a mais velha teve, não agora, mas ano passado. Minha nora, a do mais velho, pegou também – pegou já duas vezes a do mais velho, a esposa do meu filho mais velho. Pegou duas vezes... e a minha neta pegou também, a outra pegou, mas não sentiu nada, e a irmãzinha dela, a mais velha, a tia dela, tudo pegou. A família do irmão mais novo parece que ninguém pegou, só o marido da minha nora pegou. Mas o resto graças a Deus não. O do meio também não.*

E a morte se insinuava com esses acontecimentos, fantasma este que a levou ao isolamento e fez vagarosa a transição às atividades fora de casa. *Do meu marido, morreu uma prima lá em Brasília, uma já mais ou menos da idade do meu marido. Ela pegou, a outra prima dele também, a outra prima que mora aqui, no Itaim, também pegou, o marido dela pegou, mas passaram bem. A mãe da minha nora, desse filho do meio, pegou lá em Campo Grande, ficou vinte e tantos dias lá na UTI, quase morreu. A nora, duas ou três vezes por semana, ia pra lá, em Campo Grande, e voltava. O irmão também pegou, ficou na UTI, mas agora tão bem já, já passou um ano, já tá vindo aí passear na casa da filha. Já veio até, no final do ano passado, já veio, mas ficou 21 dias, ficou muito mal. Mal, mal, mal.*

O que perdurou até o momento presente. *Parece que tem um monte de gente pegando. A minha colega lá da caminhada, esses dias – e ela faz hemodiálise, ainda –, ela faz caminhada, alongamento, caminhadinha. Ela nem enxerga direito. Aí ela fazia uma hemodiálise, e na semana passada pegou. Aí essa semana eu mandei mensagem para ela, não sei, ela não falou, vai ver ela não podia nem falar, lá sem acesso, ela só mandou um vídeo assim de “feliz dia dos amigos”. Mas acho que ela já tá ficando boa, já, ela já tinha tomado todas as vacina. É que ela tá fazendo hemodiálise, o organismo tá mais debilitado, né? Aí ferrou.*

Segundo D., foi esse fator da vacinação que ajudou a população, mesmo sem implicar em segurança absoluta: *Eu tomei as vacina, mas tem muita gente que morreu também tomando a vacina, né? Mas ninguém morre de véspera (...). Eu tomei a quarta (risos). Já tô esperando a quinta. Nem sei se vai tomar agora. Ela não se conformou com aqueles que a recusaram. Muita gente não tomou, cê acredita? Gente assim, da família do J., alguns também, também de amigos de amigos, assim. Não tomou.*

Outra preocupação foi relacionada ao marido *porque ele tem mais necessidade* – o que se refere à saudade da família, criação de afazeres e comunicação com o mundo, para a qual depende dela, pois não domina a tecnologia. *Pra ele é pior, né? Ele já não faz muita coisa, não tem muita coisa, não, eu falei já, que tá ruim. Mas ele fica triste, eu vejo, eu conheço, né? a gente sabe essas coisa. J. não faz muita coisa. Eu faço... ele ficou aqui em casa, não sabia direito das notícia, mas eu falava pra ele do importante, da vacina, essas coisas. (...) Mas ele ficou mais amuadinho mesmo. Sentiu falta das criança, dos meninos também. Não fala muito no telefone, que ele não escuta, né, mas eu chamava quando fazia vídeo, ele gostava, nós faz ainda.*

No momento, D. sente que a vida está sendo retomada, o que a alivia e empolga, além de ensejar uma reflexão sobre o que passou. *Bem melhor, né? A gente aprende, aprende a ficar só em casa, mas é bem melhor quando não tá pandemia daquele jeito, que foi ruim, muito ruim, né? A gente vai aprendendo, e aí aprende de novo a sair, ver as pessoas, ficar com menos, menos medo. Teve gente que ainda tem, né, tem muito, porque muita gente morreu, muita gente ficou doente e alguns morreu, em toda família. Muito triste isso.*

Assim chegamos ao presente, que é substancial em sua história. Aqui, já há muito D. e seu marido excederam as expectativas de vida do seu território – na Brasilândia, a idade média ao morrer é 62,8 anos, a décima sexta mais baixa dos 96 distritos da cidade (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2022). Esta, na qual estão há quase meio século, está entre os dez bairros mais vulneráveis da cidade de acordo com o Mapa da Desigualdade (G1, 2022), fato que apareceu na narrativa somente enquanto efeito nos relatos, por exemplo, ao falar da dificuldade de mobilidade, que, por exemplo, lentifica o acesso à saúde.

D. possui o passado em alta conta – o qual compara aos dias de hoje. Em todas as esferas abordadas – educação, trabalho, casamento, maternidade, lazer e comunicação –, conclui que *é muito diferente, nossa, como é. A tecnologia a impressiona: hoje em dia é mídia, é computador, é celular, é os pequenininhos já de 04 anos já sabe até mexer no celular, é assim. E aquele tempo era bem diferente, não tinha essas coisas, né? Então é bem diferente.*

Ela faz uso dessas novidades. *O que eu faço de dia a dia, tempo livre, ah, é ver o Face. O Face, ver Instagram, mandar mensagem. Sou ligada na tecnologia. Eu sempre tô entrando contato, mandando “bom dia”, assim, alguma coisa. Mas eu que não sou aquela pessoa que fica retraída. E também jogo uns jogo, alguns jogo, candy crush, essas coisas, sabe? Que é no celular. Ao contrário do marido, por cujas perdas sente pesar. Eu sei ir no computador, com 77 anos, eu tenho celular, tudo, essas coisas, mas ele não, ele nem pega... nem pega no celular, quando falo “atende aí” ele fica passando o dedo. Não quer saber, sabe? Ruim isso.*

O presente segue marcado por uma convivência estreita; e esta produz ruídos. *Então ele sente mais as coisas, eu sou mais zen (risos). Mais zen. Quando eu tô estourada eu desço pra lá. Às vezes, agora que eu tô ficando mais, eu tô achando que tô ficando, assim, irritada. Faz as coisas assim e a gente já fica assim, irritada. Mas eu era bem mais calma, agora parece que tô ficando (risos), vez eu quando... Mas eu*

*não brigo nem nada, eu só deixo ele falar e pronto. Mas é ruim, porque a gente sente, né? O que, a gente, fica guardado é ruim. Se você estoura, você explode, você fala tudo que você sente, né? Então se a gente, assim, recolhe, é mais difícil, ruim, né, pra gente. Mas vai levando.*

Impasses estes que, somados às novas demandas em virtude à falibilidade do corpo, pesam. *É que o J. é também complicado, né, às vez. Muito problema, já falei, né, que teve que aposentar cedo por invalidez e aí ficar em casa, que já, que tem né, diabetes, pressão, coração, que mais? Não vai muito no médico, diz que é longe, que é isso, é um pouco mesmo<sup>23</sup>, pegando a condução, mas tem que ir, não ter preguiça sempre. É que ele não escuta direito, é difícil pra conversar com ele também, ele tem aparelho, mas ele não regula direito, ele fica mexendo, mexendo, aí não escuta. Não escuta o que nós fala, não fala no telefone, que ele não tem WhatsApp também, quer falar com ele, que às vez quer, tem que falar comigo. E eu que falo pra ele, porque sozinho, assim, ele não faz as coisa, não.*

Essa situação é narrada com suas negatividades, sem censura aparente. A percepção emancipadora contida no relato é a de sua ambivalência afetiva em relação ao marido, que lhe dá *trabalho* e não é seu companheiro em todos os aspectos da vida. A realidade corporal deles também é muito distinta – se ela não trouxe problemas de saúde para sua narrativa, os de J. foram determinantes de sua identidade e possibilidades de projetos. *Algumas coisas tô já notando que já tá, né, parando, alguma coisa parando, mas eu ainda tô aqui. Faço ginástica, faço alongamento, e ele não quer, sente sempre um monte de dor, não quer fazer caminhada, não quer nada, e eu faço a minha vidinha nessa.*

Sempre descrevendo-se como uma pessoa sociável e vigorosa, conta quem são os demais membros de sua trama relacional, formadas principalmente por pessoas do sexo feminino das redondezas, com quem sai, troca ideias e pratica exercícios físicos – atividades que não realiza com o marido. *As minhas amiga é tudo da caminhada. Quase todas. Tem aqui na frente uma senhora já de 80 e poucos anos também, o marido dela tem quase 90 já, umas pessoas maravilhosas, muito boa, que a gente se dá bem. Tem uma outra de frente também, que vai comigo pra caminhada, ela é muito legal. Então... e as minhas amigas lá, da caminhada, é mais de outras coisas. É uma boa companhia também.*

---

<sup>23</sup> Aqui, expôs-se uma dificuldade relacionada à vulnerabilização do território.

D., então, é *amiga*, e assim se coloca em várias relações – todas com pessoas que moram na sua região. Tem em especial conta R. *Ela vai comigo todo dia, eu chamo ela ali, a gente vai fazer caminhada lá no clube aqui perto, chama aí... ah, meu Deus, esqueci o nome do clube. É do governo. Mas esqueci o nome. Aqui chama Fazendinha (risos), mas tem um nome. Então a gente vai lá, a gente, é com a turma do posto, sabe? A gente, que é da turma do posto, vai uma fisiatra na segunda-feira, aí na outra semana é alongamento, a gente faz dentro da quadra, sabe? O alongamento, essas coisas, aí faz a caminhada dentro da quadra mesmo. Começamos agora também, tava tudo parado, eu fazia Sesc, fazia tudo antes da pandemia, fazia hidro, fazia yoga, depois aí o meu filho saiu da firma, mandaram embora, e não tinha direito mais à academia, daí eu parei de ir. Abriu um CEU aqui perto, tô querendo fazer, ir. O Sesc era o da Pompéia. É longe, aqui o clube, o clube aqui do governo, é pertinho. Cinco minuto eu tô lá. Mas pra ir no SESC tem que pegar condução. Mas como eu não pago condução (risos). Mas eu ia bastante. Eu fiz Yoga, fiz hidro, mas é bom pra cabeça, né? O exercício físico é muito bom. Pra não ficar sedentária, né?*

A denominada fazendinha é o CEE Oswaldo Brandão, centro esportivo da Zona Norte – do qual a Prefeitura é responsável –, que oferece atividades de lazer e recreação a moradores do território de 05 anos até a *melhor idade* (CEE OSWALDO, 2014. Grifos nossos). Os CEUs são equipamentos educacionais implantados em São Paulo (...) que articulam políticas públicas no território (CIDADE DE SÃO PAULO, 2023) – equipados com bibliotecas, quadras, piscinas e salas de aula, seu objetivo, além de promover o desenvolvimento da comunidade, é estimular “bebês, crianças, adolescentes, jovens, adultos e *idosos* (*ibidem*. Grifos nossos). Já o Sesc (Serviço Social do Comércio) uma entidade privada – no Estado de São Paulo, conta com uma rede de 43 unidades operacionais destinadas à cultura, ao esporte, à saúde e à alimentação, ao desenvolvimento infantojuvenil, à *terceira idade*, ao turismo social e a demais áreas de atuação (SESC, 2023. Grifos nossos).

A isenção no pagamento da condução se deve ao Estatuto do Idoso, via lei 10.741/2003, que em seu artigo 39 assegura aos “maiores de 65 anos a gratuidade dos transportes coletivos públicos urbanos e semi-urbanos, exceto nos serviços seletivos e especiais, quando prestados paralelamente aos serviços regulares” (BRASIL, 2003). Em janeiro de 2023, foi aprovado o decreto que “retoma o transporte público gratuito para idosos entre 60 e 65 anos no transporte coletivo de passageiros

administrados pelo Estado de São Paulo” (PORTAL DO GOVERNO, 2023). Estão em pauta políticas públicas, que criam identidade ao enquadrarem sujeitos, ao mesmo tempo que, ao viabilizar acesso a demais locais e situações, possibilitam outras transformações identitárias. Convém mencionar que a questão do deslocamento não se resume ao valor – D. também encontra dificuldade devido às distâncias e à espera: na Brasilândia, o tempo médio de um deslocamento via transporte público é de 50 minutos, o vigésimo quinto mais alto dos 96 distritos da cidade (REDE NOSSA SÃO PAULO, 2022).

Dentre a diversidade de ocupações em que D. se enreda, escolheu primeiro discorrer sobre contribuir a outros trabalhos. *Tem uma colega minha que veio fazer entrevista aqui, ela é psicóloga também, acho que ela já tirou o diploma, já tá trabalhando com Psicologia, então ela veio aqui um dia. Já tinha feito com ela. Espero que você tire também uma boa nota. Eu podia até arrumar alguém aí, mas a da frente é um casal, acho que não vai querer, ela não tem nem celular, essas coisas. As colega da caminhada também, tem gente que não quer, né? Vou te mandar mensagem se conhecer, tem algo assim de idade? Cê quer que seja idosa ou pode ser mais nova que eu, assim, uns 60 anos? Vou falar pra você. Ela tem 60 anos, mas nem parece a idade que tem, sabe? Mas a da frente ali, eu podia até dar pra você fazer a entrevista com ela, mas eu não sei se ela vai aceitar, né? Ela tá com 80 e poucos anos e não sabe nem mexer em computador, não sabe nada, o marido dela também não, e ninguém é muito de visita, assim.*

*Mas tô gostando, viu, sim, gostando de contar a história. Tem muita coisa, e tem muita coisa que vai lembrando. Eu falei... falei de Minas, de escola, trabalho, dos meus filho e família. Falei até dos cachorro (risos). Vou pensar que acho que não acabou. Falei da pandemia já, né? Falei da minha mãe... Mas eu gostei, gostei, viu... De falar, assim. O que mais tem?*

Neste momento – e mesmo durante a contação dos capítulos – D. projetou-se no porvir. Isto não se limita a planos concretos para dias próximos – cujo relato foi atravessado pela questão da tecnologia –, como por exemplo *domingo agora o mais velho veio aqui, ia trazer as netas mas não trouxe porque as meninas já tá mocinha e tem aniversário, aí levou elas aí pro aniversário, deixou elas lá e veio aqui. O mais novo também, agora domingo minha neta faz aniversário, e eu vou lá na festinha, curto, o mais velho tem um pequenininho, a esposa trabalha demais, então, e ele*

*trabalha em casa, negócio de computador, essas coisas, de montar, 3D, não entendo, impressora 3D, não entendo muito bem.*

Abarca, além disto, a demonstração de ter um “projeto de vida – um futuro a ser buscado a partir do seu desejo” (CIAMPA, 2006). Um deles é relacionado à personagem avó. *Eu quero ainda ver os neto crescer (risos). Tem muita coisa. É que criança, é pequena ainda, mas já tá virando menina, né, 15 anos já, e o outro mais miudinho. Escola, coisa de escola, quero ver. Já já sai da escola. Se ganhar mais um, acho que não vai ganhar, mas se ganhar tá bom também, deve ser o do meio que tem só um.* Outro à ser a senhora enérgica da vizinhança; assim e de maneiras distintas é reconhecida e tem sua identidade composta pelo olhar e pela participação do outro – afinal, não há atores solos. E se as perguntas de Ciampa colocam-nos diante da provocação sobre “quem você quer ser”, é com desejo que ela responde “sim” à vida a seu alcance: *O que eu quero? Essa semana vou caminhar, acho que toda semana. Vai uma, chama uma, vem outra, é o nosso grupinho. Fazer atividade física, também, bom voltar. Voltar pra hidro que já fiz, e pra Yoga, que até gosto mais, né? Não sei quando, mas quando abrir de novo. Se abrir mais coisa vai também. É que às vezes fica mais difícil fazer esporte, né, de tá velho mesmo, e as coisas não são mais como antes... de caminhada, assim, demora mais, tudo dói mais (risos). Mas eu não paro. Se parar que fica difícil, né? Vou chamar mais, tipo a P., que um dia comentou que queria começar. Ela mora aqui atrás, 10 minuto.*

E ela tem também o que não acontecerá, seja por ter pouco tempo ou pelas barreiras físicas – portanto, devido à velhice. *Já não é a mesma coisa... faz muita coisa, mas tem coisa que não dá mais, né? Vou pensar em quais, mas tudo muda.*

Referindo-se ao retorno à Wanderley, com o qual J. fantasia, anuncia outra impossibilidade. *Ele adora lá, porque nasceu lá, né? Uma cidade pequena, tem a irmã dele que mora lá, mas não deu ainda, eu também não faço nem muita conta (risos). E por causa dos filhos, né, por causa dos netos, e é aposentado, a idade dele tá avançada, parece que tá parando já um pouco, sabe? Nós não vai pra lá, não, mas ele bem que queria, se dependesse dele, mas ele não vai pra lugar nenhum, não.*

Ela pronunciou seu plano último, *morrer. Só no fim, né? Risos. Mas eu não penso muito nisso, não. Não tenho tanto medo. O J. tem mais, porque ele já ficou muito doente, né? Todo mundo morre, no fim, eu não tô com tanto medo.* Este, tanto enquanto interrupção como projeto ao qual se prepara, consagraria as vidas não vividas. Até lá, pretende amar, colher e (vir a) ser. Não saberemos de tudo o que

aconteceu em sua longa vida, pois a narrativa opera o que foi escolhido enquanto significativo; e o próprio sujeito se transforma enquanto narra, em um tempo sempre presente – pois se fala do passado e no futuro neste: sabemos o que, neste momento, lhe fez sentido; o que coube no entendimento, no momento da fala, de quem se é – ou seja, da identidade-metamorfose, como será até o fim; sempre diferente, tal como “o homem não é sempre o mesmo em todos os instantes” (ASSIS, 1889, p. 221).

Esta narrativa de história de vida – um jogo verbal – expressou a concepção de realidade vivida pelo sujeito – este constituído no processo de relação social cujo instrumento é a linguagem (ALVES, 2017), e nos mostrou que à identidade do momento em que se fala há um percurso no qual D. seguiu quem é e foi transformada – sem essência que se revela, mas em ser que se constitui: seu viver – que contém o viver – é “uma construção e desconstrução, um vir-a-ser humano, onde os caminhos estão repletos de paradas, recomeços e possíveis inversões” (CAMPOS, 2016).

## VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Memento vivere*

Uma das conclusões que este estudo reivindica é a frustração da busca por encerramentos. Se a “identidade é identidade de pensar e ser, a resposta que buscamos é uma resposta sempre vazia, como um salto, pois é metamorfose (CIAMPA, 1987, p. 241-242).

Afirma Ciampa (1984, p. 74) que “identidade é movimento, é desenvolvimento concreto. Identidade é metamorfose”, sendo o outro do passado também si mesmo, e essa “metamorfose é vida” (*idem*, p. 128). Então, uma vez que há “júbilo unido à graça esperada de existir *vivo até a morte*” (RICOEUR, 2012, p. 08. Grifos nossos)<sup>24</sup>, será assim no ato que sabidamente a precede: na velhice, de cujo fim é o fim último, aos sujeitos segue furtada a essência, a fixidez. A condenação ao fazer-se é incessante, sendo expressa no esquema: i) a identidade é metamórfica; ii) a despeito das eventuais aparências contrárias, viver é, inelutavelmente, metamorfosear-se; e iii) o sujeito é *vivo até a morte*<sup>25</sup>.

Sendo este inextraível do mundo, “não podemos mais falar (dele) sem considerar o social e cultural” (BOCK, 1999): sua condição na velhice é a de atravessado por contradições, que podem acabar por dilacerá-lo. Entre as formas pelas quais potencialmente sofrem, foram aqui abordadas: i) a saliência do traço da finitude, via realidade corporal – e as consequentes perdas de intercurso com o mundo, além da vulnerabilidade à mazelas da ordem fisiológica – e certa proximidade da morte; e no tocante ao corpo social, ii) estigma; iii) exclusão; iv) violência; e v) desvalor à vida – o que se externou na política de morte na pandemia.

Um dos discursos que circunda esses sujeitos é o do “idoso” – termo de abrangência arbitrária, voltado à organização de políticas públicas. Seu uso<sup>26</sup> enquanto identidade coletiva apresenta as limitações de: i) não contemplar a totalidade do sujeito; ii) impor restrições a eles dada a sua pretensão homogeneizante.

<sup>24</sup> Excerto – encontrado nos últimos cadernos que o filósofo, cujas letras trêmulas deixaram por acabar – de que o título é emprestado na íntegra: “Por onde começar esse aprendizado tardio? Pelo essencial, de uma vez? Pela necessidade e a dificuldade de fazer o luto de um querer existir após a morte? Pela alegria – não, melhor, pelo júbilo unido à graça esperada de existir vivo até a morte?” (RICOEUR, 2012, p. 08).

<sup>25</sup> A metamorfose não acaba na morte. Aqui usamos desta proposição pois é até ela que consideramos o sujeito enquanto seu fazedor ativo.

<sup>26</sup> Consideramos que, se é usado como descritor de como alguém é, é política de identidade.

Por mais que seu uso político contenha, à primeira vista, alguma possibilidade emancipatória, o avanço gerará contradições facilmente cooptadas pelo poder e incorporadas pelo capitalismo. Partindo do princípio de que uma das formas propositivas da Psicologia é a atuação na realidade concreta, este estudo reforçou uma intervenção no âmbito da linguagem: sob rigor semântico, a reclamação de *velho* enquanto descritor de pessoas que sofreram os efeitos corrosivos do tempo em vez de marcador de menosprezo.

Segundo Ciampa (1987, p. 151), “é preciso haver unidade entre a subjetividade e a objetividade. Sem essa unidade, a subjetividade é desejo que não se concretiza e a objetividade é finalidade sem realização”. Quanto ao recurso metodológico que permite acessar essa dialética (GONÇALVES & BOCK, 2018), este estudo apostou na competência da narrativa de história de vida enquanto expediente fecundo de apreensão identitária. Identidade é história (CIAMPA, 1987, p. 157), sendo esta passível de elaboração:

A modulação narrativa da reflexão é, pois uma potência sempre disponível a cada existente humano em sua singularidade e a possibilidade da elaboração narrativa da própria identidade está sempre mais ou menos disponível para os sujeitos que eventualmente desejem empreender o caminho dessa reflexão (COSTA, 2020).

*Vida vivida*, uma narrativa apreendida em pesquisa participante cuja intenção não foi prevista, mostrou as significações e decorrências possíveis da velhice: i) sair de cena; ii) padecer do corpo; iii) ser cuidado; iv) sofrer do social, vide a política na pandemia; e v) enfim, morrer – perdas de si e do contato com o mundo ocorridas enquanto há legado e afeto em circulação. A vida do velho Ciampa deu continuidade à sua teoria, podendo ele comprovar que a metamorfose não cessa.

D. possibilitou a manifestação de sua história encarnada – envolta em personagens (SANTOS, 2020) – em sua multiplicidade: foi neta mimada, filha saudosa, trabalhadora, namorada, esposa e mãe; hoje, além de seguir com as duas últimas, é tutora de cachorros, avó e amiga; é a senhora ativa e querida da redondeza. Enxerga suas possibilidades de vir-a-ser com projetos para o futuro – caminhada, yoga, convivência familiar e fortificação de laços; não está acabada. E assim quer permanecer até a morte – ao recusar uma vida inativa, desconectada e solitária, em suma, mais estreita do que a que deseja –, externa que busca desviar da armadilha da mesmice.

Sua identidade foi expressa por meio desses personagens vividos: “ao se apresentar está sendo representante de si mesma” (*ibidem*), em um processo ocorrido no desempenho de papéis sociais – por vezes exercidos simultaneamente – decorrentes do lugar que o indivíduo está ocupando. Se, contudo, for questionado quem é D. – o que implica que sempre existem respostas que identifiquem uma pessoa (CIAMPA, 1987, p. 153) –, responder-se-á que:

Todas (as personagens) e nenhuma. Porque ela é o movimento da concretização desse, que inteiramente se deu pelas personagens; mas, concretamente, ela não é nenhuma personagem (embora seja todas); cada uma destas é um momento do todo, do seu movimento, que é ela. Ela é sua metamorfose: começa quando é nascida, ou melhor, quando é concebida, gerada, e (pelo que sabemos) se completa com sua morte biológica, passando por um infindável processo de morte-e-vida, no movimento progressivo e regressivo ininterrupto entre aqueles dois extremos biológicos (CIAMPA, 1987, p. 228).

Metamorfoses essas atestadas por D.: *As coisa sempre muda, vai mudando. Quando a gente é nova é um jeito, quando a gente casa é um jeito, é, a convivência vai mudando, o dia a dia muda, vai passando o tempo vai mudando mais ainda.*

Compuseram as condições para estas as políticas públicas e os direitos com os quais foi contemplada – Benefício Assistencial ao Idoso (BCP/LOAS), Previdência Social e gratuidade no transporte público – e os equipamentos que frequenta – CEU e Sesc –, que lhe conferiram subsistência material, socialização e lazer, além de substrato identitário, dado que a inseriram em um grupo, nos denominados pelos próprios como “idosos” e “membros da terceira idade”.

Inscrita na classe de idosos, também se entende como velha, isto é, sujeita da velhice. Há precisão: ela possui perceptíveis marcas de corrosão temporal, como as rugas, os fios brancos e a fala lentificada, por vezes interrompida para conferir o que acabou de escutar; além de localizar-se em um tempo longo, vide ter “um tempo” considerado “seu” e um “de agora”, no qual o corpo pena, sem desanimá-la das atividades ainda viáveis. É nesse contexto que “reuniu condições de ser para si” (SANTOS, 2020): forjou afazeres, soluções que jogam com as condições materiais dispostas e confrontam os discursos sobre a velhice-estorvo, geradora de personagens fetichizados, condenadora à reposição de um personagem estigmatizado, aprisionadora a uma identidade pressuposta (*ibidem*). O desvio dela em si detém certo potencial emancipatório.

Sua experiência de infortúnio foi relativamente escassa, ainda mais considerando sua posição de classe. Ao contrário do marido e de Ciampa, a saúde não lhe foi um problema. Tampouco se predicou como oprimida, embora tenha dimensionado suas braçadas com alguma estreiteza dadas as condições materiais que lhe são dispostas. A vulnerabilização de seu território – onde está sua casa própria e rede de amizades – agravou suas angústias em relação à morte, em especial na pandemia, em virtude à precarização da saúde que acessaria com alguma dificuldade. Em alguns momentos caiu em previsões sociais – deixou de trabalhar para ser mãe – , em outros tomou as rédeas – casou mais tarde do que o esperado – e hoje questiona as presunções e reconhece que *cada ano que passa é diferente. Tá ficando até diferente, mais ainda.*

Embora não seja possível dizer que sua autonomia – enquanto capacidade de governar-se e nomear-se – e criatividade sejam totais, houve indicação de episódios autodeterminados: a ideia de fragmento arrasta consigo o incômodo da incompletude” (PRECIOSA, 2010, p. 23) enquanto “faz crer pelo belo termo emancipação” (BELÉM, 2023).

É com o envolvimento dessa aura que caminha ao fim a presente dissertação. Operou-se o sintagma identidade-metamorfose-emancipação proposto por Ciampa. Com apoio da máxima “o particular singulariza o universal”, localizou-se a identidade no tripé da Psicologia Social e apresentada a sua materialidade; descreveu-se o processo de identidade-metamorfose na velhice, o que contemplou história presenciada e colhida, entre as quais está um testemunho sobre a pandemia de Covid-19; apontou-se ao que pode existir de emancipatório. Convém ressaltar o debruçar-se sobre o sujeito enquanto compromisso com a transformação pois:

(ele) é parte integrante da realidade, e os fenômenos possuem uma dimensão que é constituída exatamente pela presença de sujeitos ativos que constroem e transformam a realidade cotidianamente (GONÇALVES & BOCK, 2018).

Pontalis (2013) diz que mais vale a perplexidade do que a conclusão obrigatória. Nessa esteira, o acabamento mais caro é a expressão do desejo de que este trabalho, com toda a sorte em sua modéstia, possa compor:

Um mundo em que o interesse da razão, numa progressiva execução revolucionário-crítica, sempre a título de *ensaio*, sem certeza totalitária, progressivamente realize as grandes ilusões da humanidade, nas quais

os motivos recalcados estão burilados em fantasias de esperança (CIAMPA, 1987, p. 234-235. Grifos nossos)

## REFERÊNCIAS:

ABRAPSO. Nota de pesar: Antonio da Costa Ciampa. **ABRAPSO** – Associação Brasileira de Psicologia. 29 de março de 2022. Disponível em: <https://site.abrapso.org.br/nota-de- pesar-antonio-da-costa-ciampa/>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

AGÊNCIA SENADO. CPI da Pandemia: principais pontos do relatório. **Senado Notícias**. 20 out. 2021, 15h07. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/cpi-da-pandemia-principais-pontos-do-relatorio> Acesso em: 15 de abril de 2022.

AGUIAR *et al.* História da previdência no brasil até a reforma previdenciária e as imposições de dificuldades para a aposentadoria por idade para as mulheres. **Intraciência**. 23. 2022. Disponível em: [https://uniesp.edu.br/sites/\\_biblioteca/revistas/20220511101553.pdf](https://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20220511101553.pdf). Acesso em 14 de maio de 2023.

ALMEIDA, Juracy de. **Sobre a anamorfose**: identidade e emancipação na velhice. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 129. 2005.

ALVES, Cecília Pescatore. **Quem sou eu?** O processo de identidade de uma jovem adolescente. São Paulo: Cabral Editora, 1995.

ALVES, Cecília Pescatore. Narrativas de história de vida e projeto de futuro no estudo do processo de identidade. **Textos e Debates**, Boa Vista, n.31, p. 33-41, jan./jun. 2017. 185. Disponível em <file:///C:/Users/cpesc/Documents/meus%20textos/narrativa.pdf>. Acesso: 30 de maio de 2023.

ALVES, Cecília Pescatore. Políticas de identidade e políticas de educação: estudo sobre identidade. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2017, v. 29. e172186. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29172186>>. Acesso em 16 out 2022.

ALVES, Cecília Pescatore. Sintagma identidade-metamorfose-emancipação. In: ALVES *et al.* (org.). **Metamorfoses do mundo contemporâneo**. São Paulo: EDUC, 2021.

ALVES, Rubem. **As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer**. São Paulo: Papyrus, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008.

ANNIE Ernaux, escritora francesa, ganha prêmio nobel de literatura 2022. **G1**. Rio de Janeiro. 06/10/2022. Pop & Arte. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/10/06/annie-ernaux-escritora-francesa-ganha-premio-nobel-de-literatura-2022.ghtml>. Acesso em 23 de out. de 2022.

AUSTER, Paul. **Diário de Inverno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

AS PRAIAS DE AGNÈS. Direção: Agnès Varda. Produção: Agnès Varda. França: Ciné-Tamaris, 2008.1 **MUBI Brasil** (110 min.)

ARANTES, Ana Claudia. **A morte é um dia que vale a pena viver**. Sextante: Rio de Janeiro. 2016.

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Obliqpress, 1889.

ASSIS, Machado de. **Helena**. São Paulo: Martin Claret, 2021.

AZEVEDO, Ana Margarida. Combater o isolamento dos mais idosos. Diário de Notícias. 20 de out de 2022, 00:00. Disponível em: <https://www.dn.pt/opiniao/combater-o-isolamento-dos-mais-idosos-15295375.html>. Acesso em: 22 out 2022.

BARBOSA, João Alexandre. Prefácio. In: **Memória e sociedade** – lembranças de velhos. 4ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BARROS, J.C., & BARROS, M.M.L. (2014). Memórias de Velhos: Rememorando a Trajetória de Vida e a Sociabilidade nas Relações Familiares. **Revista Kairós Gerontologia**, 17(4), 337-358. 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/24246/17435>. Acesso em 18 out. 2022.

BARTHES, Roland. **Aula**. São Paulo: Editora Cultrix, 2019.

BATALHA, Martha. **A vida invisível de Eurídice Gusmão**. São Paulo: Companhia das letras, 2016.

BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970/2018.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949/2009.

BELÉM, Bruno. David-Ménard e o animismo. **Estilhaço**. Resenha. 2023. Disponível em: <https://www.xn--estilhao-y0a.com.br/davidmenard>. Acesso em 30 de maio de 2023.

BENEVIDES, Daniel. Roth encara a morte com compaixão em “Nêmesis”. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 15 jan. 2011. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1501201120.htm>. Acesso em 15 maio 2022.

BIRMAN, Joel. O futuro de todos nós. In: VERAS, Renato (Org.) **Terceira idade: um envelhecimento digno para o cidadão do futuro**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.

BOBBIO, Norberto. **O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOSI, ECLÉA. **Memória e sociedade – lembranças de velhos**. 4ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1995

BRASIL. **LEI Nº 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. 2003**. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/10.741.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm). Acesso em 14 de maio de 2023.

BRASIL. Solicitar Benefício Assistencial ao Idoso (BPC/LOAS). **Gov.br**. Serviços e informações do Brasil. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/solicitar-beneficio-assistencial-ao-idoso>. Acesso em 14 de maio de 2023.

BRUM, Eliane. **Meus desacontecimentos: a história de minha vida com as palavras**. São Paulo: LeYa, 2014.

BRUM ESTRATEGIAS

\_\_\_\_\_. Pesquisa revela que Bolsonaro executou uma “estratégia institucional de propagação do coronavírus”. **El País**. 21 de jan. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-21/pesquisa-revela-que-bolsonaro-executou-uma-estrategia-institucional-de-propagacao-do-virus.html>. Acesso em 14 maio 2022.

BVS. Quais são os grupos de risco para agravamento da COVID-19? **Núcleo de BVS APS atenção primária à saúde**. 26 de agosto de 2020. Disponível em: <https://aps-repo.bvs.br/aps/quais-sao-os-grupos-de-risco-para-agravamento-da-covid-19/>. Acesso em 26 de maio de 2023.

CASANOVA, Marco. **Eternidade frágil: ensaio de temporalidade na arte**. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2013.

CASANOVA, Marco. **Fenomenologia e Hermenêutica I – aula 06 de 09**. 19/09/2022 Disponível em: <https://classroom.google.com/c/NDgwMDAyMDkzNDEz/a/NDgwMDAyMDkzNDY5/d/etails>

CIAMPA, Antonio. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CIAMPA, Antonio. A identidade social como metamorfose humana em busca da emancipação: Articulando pensamento histórico e pensamento utópico. **Texto de**

**Conferência apresentada no XXIX Congresso Interamericano da Sociedade Interamericana de Psicologia**, Lima Peru, 2003.

CIAMPA, Antonio. Entrevista. **Revista Construção Psicopedagógica**. v.14, n.1. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141569542006000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=PT](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141569542006000100002&lng=pt&nrm=iso&tlng=PT). Acesso em 14 de maio de 2023.

CÍCERO. **Saber envelhecer**. Porto Alegre: L&PM, 1997.

CIDADE DE SÃO PAULO. Centros Educacionais Unificados – CEUs. **Cidade de São Paulo**. Educação. 2023. Disponível em: <https://ceu.sme.prefeitura.sp.gov.br/>. Acesso em 14 de maio de 2023.

CEE OSWALDO. **Sobre nós**. CEE Oswaldo Brandão – esporte é vida. Disponível em: <https://cee-oswaldo-brandao-esportes.webnode.page/sobre-nos/>. Acesso em 14 de maio de 2023.

CFP. Nota de Pesar – Antonio da Costa Ciampa. **Conselho Federal de Psicologia**. 19 de março de 2022. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/nota-de-pesar-antonio-da-costa-ciampa/>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA. Ciampa – construção de uma teoria. **Youtube**. 04 de set. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=B50a0fa7IE> Acesso em: 06 de maio de 2023.

CORONAVÍRUS: ‘país de maricas’ e outras 8 frases de Bolsonaro sobre a pandemia que matou 162 mil pessoas no Brasil. **BBC News Brasil**. 11 nov. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-54902608>. Acesso em: 15 maio 2022.

CÔRTE, Beltrina; MERCADANTE, Elisabeth; GOMES, Mayra. Quais são as imagens dos idosos na mídia? In: **Velhices: reflexões contemporâneas**. São Paulo: SESC, PUC: 2006.

COSTA, Horácio. Horácio Costa: declarações político-poéticas sobre a vida, velhice e morte. **Portal do Envelhecimento**, 2021. Disponível em: <https://www.portaldoenvelhecimento.com.br/horacio-costa-declaracoes-politico-poeticas-sobre-a-vida-velhice-e-morte/>. Acesso em: 18 de out de 2022.

COSTA, Vítor Hugo dos Reis. **O desejo de viver belas histórias**: uma investigação existencial, hermenêutica e romanesca sobre identidade pessoal. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, p. 405. 2021.

COUTO, Mia. **Idades cidades divindades**. Alfragide: Editorial Caminho, 1987.

CUEVAS, J. M. R. Entre hermenêutica y teoría de sistemas. Una discusión epistemológico-política con la teoría social de J. Habermas. **ISEGORÍA**, 44, 139-159. 2011. Recuperado de [http:// dx.doi.org/10.3989/isegoria.2011.i44.723](http://dx.doi.org/10.3989/isegoria.2011.i44.723)

CUTI. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2010.

Desemprego cai a 8,9%, atinge 9,7 milhões de pessoas e é o menor desde 2015. UOL. 30 de set. de 2022. 09h03. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2022/09/30/ibge-pnad-continua-mensal-agosto-2022.htm#:~:text=Desemprego%20cai%20a%208%2C9,%2F09%2F2022%20%2D%20UOL%20Economia>. Acesso em 13 de out de 2022.

DINIZ, Ligia. Nobel para Annie Ernaux desacredita o romance por 'trair' a literatura. **Folha de S. Paulo**. Ilustrada. 17 out. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2022/10/nobel-para-annie-ernaux-desacredita-o-romance-por-trair-a-literatura.shtml>. Acesso em 24 out. 2022.

INSTITUTO BUTANTAN. Entenda o que é uma pandemia. **Portal do Butantan**. 2022. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia>. Acesso em 12 maio 2022.

ERNAUX, Annie. **A vergonha**. São Paulo: Fósforo, 2022.

FELICE, Raphael. Hang assume que mãe fez uso de tratamento precoce e que autorizou ozonioterapia. **Correio Braziliense**. 29/09/2021 14:38. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2021/09/4952396-hang-assume-que-mae-fez-uso-de-tratamento-precoce-e-que-autorizou-ozonioterapia.html>. Acesso em: 14 maio 2022.

FERREIRA, Sidnei; PORTO, Dora. Mistanásia x Qualidade de vida. **Revista Bioética**. 27 no.2 Brasília Abr./Jun. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bioet/a/KGMG7BqhG6hxMKxzRr8fh8r/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 21 de maio de 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência Doméstica durante a Pandemia de COVID-19**. Nota técnica, São Paulo, 2020.

FRANCO, Fábio. **Governar os mortos**: necropolíticas, desaparecimento e subjetividade. São Paulo: Ubu Editora, 2021.

FREUD, Sigmund. **Escritores criativos e devaneio**. In: \_\_\_\_\_ *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. 23 ed. Rio de Janeiro: Imago, 1974

FREUD, Sigmund. **La interpretación de los sueños**. Amorroutu: Buenos Aires, 1984.

G1. Coronavírus: veja a cronologia da doença no Brasil. **G1**, 06 abril. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/06/coronavirus-veja-a-cronologia-da-doenca-no-brasil.ghtml>. Acesso em 23 de maio de 2022.

G1 SUL DO RIO E COSTA VERDE. Idosa de 63 anos morre com suspeita de coronavírus em Miguel Pereira, diz secretária municipal. **G1**, Sul do Rio e Costa Verde, 17 mar. 2020. Disponível em <https://g1.globo.com/rj/sul-do-rio-costa->

[verde/noticia/2020/03/17/idosa-de-63-anos-morre-por-suspeita-coronavirus-em-miguel-pereira-diz-secretaria-municipal.ghtml](https://www.gazetadopovo.com.br/brasil/verde/noticia/2020/03/17/idosa-de-63-anos-morre-por-suspeita-coronavirus-em-miguel-pereira-diz-secretaria-municipal.ghtml). Acesso em 23 de maio de 2022.

GALEANO, Eduardo. **Las palabras andantes**. Madri: Siglo XXI, 1994.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GONÇALVES, M. Graça M.; BOCK, Ana M.B. – A importância da ruptura epistemológica – nosso caminho com Silvia Lane. In SAWAIA, Bader B.; PURIN, Gláucia T. – Silvia Lane – uma obra em movimento. São Paulo: EDUC, 2018, P. 135-158.

Governo lança campanha 'Brasil não pode parar' contra medidas de isolamento. **CNN Brasil**. 27 de março de 2020. 00h53. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/governo-lanca-campanha-brasil-nao-pode-parar-contra-medidas-de-isolamento/>. Acesso em: 11 out. 2022.

GULLAR, Ferreira. **Poema sujo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

\_\_\_\_\_. **Toda poesia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1927/2012.

HEMINGWAY, Ernest. **Paris é uma festa**. Lisboa: Livros do Brasil, 2000.

HESSE, Herman. **Com a maturidade, fica-se mais jovem**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

IBGE. Caxambu. **IBGE**. Brasil, Minas Gerais. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/mg/caxambu.html>. Acesso em 14 de maio de 2023.

IBGE. Wanderley. **IBGE**. Brasil, Bahia. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/wanderley>. Acesso em 14 de maio de 2023.

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/2507210pidoso.shtm#sub\\_pesquisas](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/2507210pidoso.shtm#sub_pesquisas). Acesso em 18 out. 2022.

J DA PUCSP. Luto: Antonio da Costa Ciampa. **PUC-SP**. 19 de março de 2022. Disponível em: <https://j.pucsp.br/noticia/luto-antonio-da-costa-ciampa>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

JORNAL NACIONAL. Brasil volta ao mapa da fome das Nações Unidas. **G1**. 06 de julho de 2022. 21h37. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/06/brasil-volta-ao-mapa-da-fome-das-nacoes-unidas.ghtml>. Acesso em: 12 de out de 2022.

LACERDA, Nara. Cartórios registram crescimento de mães solo no Brasil em cinco anos. 09 de Maio de 2022 às 19:44 Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2022/05/09/cartorios-registram-crescimento-de-maes-solo-no-brasil-em-cinco-anos>. Acesso em 14 de maio de 2023.

LANE, Silvia. Prefácio. In: **A Estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de Psicologia Social. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LANE, Silvia. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

LARA, Andrea; JUNIOR, Nadir Lara. IDENTIDADE: COLONIZAÇÃO DO MUNDO DA VIDA E OS DESAFIOS PARA A EMANCIPAÇÃO. **Psicologia & Sociedade** [online]. 2017, v. 29 [Acessado 16 Outubro 2022], e171283. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29171283>>. Epub 18 Dez 2017. ISSN 1807-0310. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29171283>.

LÁZARO, Débora. **O corvo e a escrivanhinha**. Rio de Janeiro: Via Vérita, 2017.

LEMOS, Vinícius. Bolsonaro mostrou 'desdém com morte', diz filha de vítima da covid citada em 'live' do presidente. **BBC News Brasil**. 8 junho 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57290479>. Acesso em: 12 maio 2022.

LIMA, Aluísio. **Metamorfose, anamorfose e reconhecimento perverso**: a identidade na perspectiva da Psicologia Social Crítica. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2020.

\_\_\_\_\_. Para a reconstrução dos conceitos de massa e identidade. **Psicol. Am. Lat.**, México, n. 12, mar. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1870-350X2008000100007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2008000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 16 out. 2022.

LIMA, A. F., CIAMPA, A. C., & ALMEIDA, J. A. M. Psicologia Social como psicologia política? A proposta de Psicologia Social crítica de Sílvia Lane. **Psicologia Política**, 9(8), 223-236. 2009. Recuperado de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-549X2009000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2009000200004&lng=pt&tlng=pt).

LINHARES, Â.M.B., LOPES, R.G. da C., & MONTEIRO, E. C. A complexidade do envelhecer e a contribuição da pesquisa para a formação do pesquisador. **Revista Kairós-Gerontologia** 25 (1), 31-49. 2022. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/58508>>. Acesso em 18 out. 2022.

LOPES, Ruth. **As interpretações sociais da saúde na velhice, refletidas no uso do medicamento**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 169, 1999.

LOPES, Ruth. Subjetividades do homem idoso e a relação com a não-adesão ao tratamento anti-hipertensivo. In: CÔRTE *et al.* **Masculinidades e velhices: entre um bom e mau envelhecer**. São Paulo: Vetor Editora, 2006.

LOUREIRO, Edna; CÔRTE, Beltrina. Atenção domiciliar ao idoso do sexo masculino. In: **Masculinidades e velhices: entre um bom e um mau envelhecer**. São Paulo, Vetor, 2006.

MACHADO, Katia. Quem é a pessoa idosa? **EPSJ/Fiocruz**. 19 de set de 2019. Disponível em: <[https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa#:~:text=Aquela%20que%20tem%2060%20ou,lei%2010.741\)%2C%20de%202003](https://www.epsjv.fiocruz.br/noticias/reportagem/quem-e-a-pessoa-idosa#:~:text=Aquela%20que%20tem%2060%20ou,lei%2010.741)%2C%20de%202003)>.

MANNONI, Maud. **O nomeável o inominável: a última palavra da vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

MARTINS, Thays. Mário Frias insinua que Paulo Gustavo não morreu de covid-19. **Correio Braziliense**. 15/02/2022 11:59. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/02/4985433-mario-frias-insinua-que-paulo-gustavo-nao-morreu-de-covid-19.html>. Acesso em: 15 maio 2022.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

MEIRELLES, Mário Antônio. A evolução histórica da seguridade social – aspectos históricos da previdência social no Brasil. OAB Pará. 2021. Disponível em: <https://www.oabpa.org.br/noticias/a-evolucao-historica-da-seguridade-social-aspectos-historicos-da-previdencia-social-no-brasil-mario-antonio-meirelles#:~:text=6.179%20e%20n%C2%BA%206.243%2C%20o,60%20anos%20de%20idade%2C%20respectivamente>. Acesso em 14 de maio de 2023.

MEIRELLES, Vanessa. **“Mulheres e meninas”**: o processo de identidade de jovens brancas ex-alunas de escolas particulares paulistanas. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 235. 2022.

MELO NETO, João Cabral de. **Morte e vida severina e outros poemas**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2007.

MIRANDA, Sheila Ferreira. Identidade sob a perspectiva da psicologia social crítica: revisitando os caminhos da edificação de uma teoria. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 5, n. 2, p. 124-137, jul./dez. 2014.

MIRANDA, Suélen de. **Somos cidadãos do mundo: imigração haitiana e identidade**. Curitiba: Appris, 2021.

MOROSINI, Liseane. Vidas idosas importam. **Radis**. N. 26, set 2020, p. 22-28. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/43684/VidasIdosasImportam.pdf?sequence=2&isAllowed=y>. Acesso em: 14 out. 2022

MOTA, Erick. Bolsonaro sobre coronavírus: “alguns vão morrer, lamento, essa é a vida”. **UOL**. Congresso em foco. 28.03.2020. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/bolsonaro-sobre-coronavirus-alguns-vaio-morrer-lamento-essa-e-a-vida/>. Acesso em: 16 maio 2022.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MURAKAMI, Haruki. **Abandonar um gato**. São Paulo: Alfaguara: 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Envelhecimento ativo: um projeto de política de saúde**. Madrid: OMS, 2005.

PALMA, Linda. **O melhor das horas e da vida**. São Paulo: Nova Alexandria, 2014.

PASQUALINI, J. C. & MARTINS, L. M. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia e Sociedade**. 27(2), 362-371. 2015.

PEDRO, W. J. A. O Estudo da Identidade no Âmbito da Psicologia Social Brasileira. **Revista Brasileira Multidisciplinar**, [S. l.], v. 9, n. 1, p. 109-116, 2005. DOI: 10.25061/2527-2675/ReBraM/2005.v9i1.286. Disponível em: <https://www.revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/286>. Acesso em: 3 set. 2022.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a Categoria Identidade Através de uma Perspectiva Interdisciplinar. **Revista Brasileira Multidisciplinar - ReBraM**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 67-74, 2006. DOI: 10.25061/2527-2675/ReBraM/2006.v10i2.250. Disponível em: <https://www.revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/250>. Acesso em: 02 out. 2022.

PONTALIS, J. B. **À margem das noites**. São Paulo: Primavera Editorial, 2012.

PRECIOSA, Rosane. **Rumores discretos da subjetividade**. Porto Alegre: UFRGS Editora, 2010.

PREV. Aposentadoria por Idade 2023: Quem tem direito? **Previdenciariasta**. Disponível em: <https://previdenciariasta.com/blog/aposentadoria-por-idade/>. Acesso em 14 de maio de 2023.

REDE NOSSA SÃO PAULO. **Mapa da Desigualdade**. 2022. Disponível em: [https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022\\_Tabelas.pdf](https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2022/11/Mapa-da-Desigualdade-2022_Tabelas.pdf). Acesso em 14 de maio de 2023.

RELEMBRE o que Bolsonaro já disse sobre a pandemia, de gripezinha e país de maricas à frescura e mimimi. **Folha de S. Paulo**. São Paulo, 05 mar. 2021. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/03/relembre-o-que-bolsonaro-ja-disse-sobre-a-pandemia-de-gripezinha-e-pais-de-maricas-a-frescura-e-mimimi.shtml>. Acesso em 26 de out. 2022.

RICOEUR, Paul. **Vivo até a morte**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2012.

ROTH, Philip. **Fantasma sai de cena**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ROTH, Philip. **Nêmesis**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTOS, Flávia Heloísa dos; ANDRADE, Vivian Maria; BUENO, Orlando Francisco Amodeo. Envelhecimento: um processo multifatorial. **Psicologia em Estudo**. 2009, v. 14, n. 1, pp. 3-10. Disponível em: <>. Epub 29 Jun 2009. ISSN 1807-0329.

SAID, Edward. **Estilo tardio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SALEM, Tânia. **O velho e o novo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

SANTIAGO, Tatiana. Mapa da desigualdade: morador do Alto de Pinheiros vive 22 anos a mais do que quem mora em Cidade Tiradentes. **G1**. 21 de out de 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/10/21/mapa-da-desigualdade-morador-de-pinheiros-vive-22-anos-a-mais-do-que-quem-vive-em-cidade-tiradentes.ghtml>  
<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/anuncio-da-oms-ainda-nao-significa-o-fim-da-pandemia-de-covid-19-entenda/>. Acesso em 26 de maio de 2023.

SANTOS, Cláudio Ramos dos. **Negritude e alienação colonial: um estudo sobre a identidade de uma jovem negra universitária**. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, p. 197. 2020.

SANTOS, D. de F.; MOREIRA, M. A. de A.; CERVENY, C. Velhice - considerações sobre o envelhecimento: imagens no espelho. **Nova Perspectiva Sistêmica**, [S. l.], v. 23, n. 48, p. 80–94, 2016. Disponível em: <https://www.revistanps.com.br/nps/article/view/53>. Acesso em: 10 out. 2022.

SEADE. Em São Paulo, homens casam em média com 34 anos e mulheres com 32 **Governo de São Paulo**. Imprensa. 2018. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/em-sao-paulo-homens-casam-em-media-com-34-anos-e-mulheres-com-32/#:~:text=Dos%20casamentos%20entre%20c%C3%B4njuges%20masculino,34%20anos%20para%20as%20mulheres>. Acesso em 26 de maio de 2023.

SECCHES, Fabiane Vertemati do Amaral. **Uma longa experiência de ausência: a ambivalência em ‘A amiga genial’ de Elena Ferrante**. 2019. **Dissertação** (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e

Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Acesso em: 14 de maio de 2023.

SESC. Quem somos. **Sesc**. 2023. Disponível em: <https://portal.sescsp.org.br/pt/sobre-o-sesc/quem-somos/apresentacao/>. Acesso em 14 de maio de 2023.

SEU AVÔ NÃO SERVE PARA NADA. **Ignboards**. 10 de abril de 2021. Disponível em: <<https://www.ignboards.com/threads/seu-avo-nao-serve-para-nada.455824631/>>

SOARES, Bernardo. Poesia, mais pergunta do que resposta, é o avesso da fé. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 09 set. 2022. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/bernardo-carvalho/2022/09/poesia-mais-pergunta-do-que-resposta-e-o-avesso-da-fe.shtml>. Acesso em: 18 out 2022.

SP contra o novo coronavírus: boletim completo. **SEADE**. 2022. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/coronavirus/#>. Acesso em: 14 maio 2022

TEIXEIRA, Lucas. 100 mil vidas perdidas. UOL. 2020. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/brasil-tem-100-mil-mortes-para-covid-especialistas-temem-efeito-bumerangue/#page3>. Acesso em: 14 maio 2022

TV PUC. Homenagem – dr. Antonio da Costa Ciampa. **Youtube**. 12 de dez. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=l7ZILvHXuTU>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

TV PUC. Homenagem póstuma – Regina Sonia Gattas F. do Nascimento e Antonio da Costa Ciampa. 06 de abril de 2022. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=F6CHHbheVKE>. Acesso em: 06 de maio de 2023.

VALENÇA, Tatiane., DOS REIS, Luciana. Memória e história de vida: dando voz às pessoas idosas. **Revista Kairós Gerontologia**, online, 2015, v. 18(2), p. 235-281, abril, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/27001>, 17 Maio 2022.

UNICEF. Dois milhões de crianças e adolescentes de 11 a 19 anos não estão frequentando a escola no Brasil. **UNICEF Brasil** – para cada criança. 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-de-11-a-19-anos-nao-estao-frequentando-a-escola-no-brasil#:~:text=Um%20estudo%20in%20C3%A9dito%20realizado%20pelo,profunda%20da%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20no%20Brasil>. Acesso em 14 de maio de 2023.

VARELLA, Drauzio. EXPECTATIVA DE VIDA | ARTIGO. **Drauzio**. 11 de agosto de 2020. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/expectativa-de-vida-artigo/>. Acesso em: 18 out 2022.

ZAMBRA, Alejandro. **Poeta chileno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

**ANEXO**

- I) *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada “Ensaio sobre a identidade na velhice”, desenvolvida por Paula Farias Akkari.

O objetivo desta pesquisa é compreender o processo de identidade-metamorfose de idosos. Se concordar em participar desta pesquisa, você será solicitado(a) a contar sua história de vida e trazer seu relato sobre a pandemia de covid-19, os quais serão gravados e posteriormente transcritos.

Esta pesquisa apresenta riscos mínimos, a saber, fadiga devido à fala e emoção dada a história de vida – quanto a qual poderá contatar a pesquisadora a qualquer momento. A sua participação apresenta os benefícios de ensejar uma reflexão sobre a própria história e a identidade-metamorfose, além de proporcionar contribuições aos estudos nos campos do envelhecimento e da Psicologia Social.

Os dados obtidos por meio desta pesquisa serão confidenciais, visando assegurar o sigilo de sua participação. Você não será identificado quando o material de seu registro for utilizado na dissertação.

Sua participação não é obrigatória e não implicará em despesas para você além da eletricidade do aparelho, caso seja realizada online. A qualquer momento você pode desistir de participar da pesquisa ou retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não trará prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição.

O presente projeto de pesquisa foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUC/SP (CEP-PUC/SP Monte Alegre). O Comitê de Ética em Pesquisa é um órgão autônomo que tem como papel primordial realizar a avaliação e apreciação ética dos projetos de pesquisa que envolvam seres humanos, com a finalidade de proteger os direitos da pessoa humana, orientando o pesquisador na realização estudos e pesquisas observando sempre o bem-estar e a integridade física, moral e psíquica das pessoas envolvidas. Seguem seu endereço e seus dados para contato:

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Rua Ministro Godói, 969 - sala 63C

CEP 05015-001 - Perdizes - São Paulo – SP

Fone/fax: (55 11) 3670-8466

e-mail: [cometica@pucsp.br](mailto:cometica@pucsp.br)

site: <http://www.pucsp.br/cometica>

Horário de funcionamento: de segunda a sexta feira das 9:00 às 18:00 horas

Já estes são os dados e endereços de contato do programa e núcleo de pesquisa:

Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Tel. (11) 3670-8520

E-mail: [pssocial@pucsp.br](mailto:pssocial@pucsp.br)

O endereço eletrônico da pesquisadora Paula Farias Akkari é:

e-mail: [paulinha.akkari@gmail.com](mailto:paulinha.akkari@gmail.com)